Portal do Discente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

EMITIDO EM 29/10/2025 19:48

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei n° 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 29/10/2025

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	MARIA HELENA ALVES FERREIRA			Matrícula:	20231002616 *(identificador)*
Telefone:					
Identidade:	4387821 - SSP/PI	CPF:		E-mail:	mariahferreiracc@gmail.com
Orientador:	NILSANGELA CARDOSO LIMA	CPF:	645.924.053-15	E-mail:	nilsangelacardoso@ufpi.edu.br
Membro da banca:	ELIZANGELA BARBOSA CARDOSO	CPF:	479.014.893-91	E-mail:	ELIBCARDOSO@YAHOO.COM.BR
Membro da banca:	NILSANGELA CARDOSO LIMA	CPF:	645.924.053-15	E-mail:	nilsangelacardoso@ufpi.edu.br
Membro da banca:	PAULO AUGUSTO TAMANINI	CPF:	665.099.989-04	E-mail:	tamanini@terra.com.br
Data da Defesa:	29/08/2025			Titulação:	Mestre
Título:	O herói vaqueiro: análise da cultura do vaqueiro em Elesbão Veloso nos anos 1980 a 2024				
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI			CNPJ:	6517387000134
Afiliação:				CNPJ:	
Palavras-chave:	História do Brasil. Cultura. Memória. Vaqueiros. Elesbão Veloso (PI).				

3. Agência de Fomento

NÃO INFORMADO

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIA HELENA ALVES FERREIRA
Data: 29/10/2025 20:02:39-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura do autor

29/10/2025
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **8181b4ceef**

SIGAA | Superintendência de Tecnologia da Informação - STI/UFPI - (86) 3215-1124 | Copyright © 2006-2025 - UFRN - sigjb03.ufpi.br.instancia1

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências Humanas e Letras
Biblioteca Setorial Prof. Wilson Brandão

F383h Ferreira, Maria Helena Alves.
O herói vaqueiro : análise da cultura do vaqueiro em Elesbão Veloso nos anos 1980 a 2024 / Maria Helena Alves Ferreira. -- 2025.
140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2025.
"Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima".

1. História do Piauí. 2. Cultura. 3. Memória. 4. Vaqueiros. 5. Elesbão Veloso - PI. I. Lima, Nilsângela Cardoso. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

MARIA HELENA ALVES FERREIRA

O HERÓI VAQUEIRO: ANÁLISE DA CULTURA DO VAQUEIRO EM ELESBÃO VELOSO NOS ANOS 1980 A 2024

TERESINA – PI

2025

O HERÓI VAQUEIRO: ANÁLISE DA CULTURA DO VAQUEIRO EM ELESBÃO VELOSO NOS ANOS 1980 A 2024

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientadora: Dra. Nilsângela Cardoso Lima

TERESINA – PI

2025

O HERÓI VAQUEIRO: ANÁLISE DA CULTURA DO VAQUEIRO EM ELESBÃO VELOSO NOS ANOS 1980 A 2024

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Brasil.

Orientadora: Dra. Nilsângela Cardoso Lima

Trabalho apresentado e aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima – UFPI
Presidente da banca

Profa. Dra. Elisângela Barbosa Cardoso – UFPI
Examinadora interna

Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini – UFRN
Examinador externo

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências Humanas e Letras
Biblioteca Setorial Prof. Wilson Brandão

F383h Ferreira, Maria Helena Alves.
O herói vaqueiro : análise da cultura do vaqueiro em Elesbão Veloso nos anos 1980 a 2024 / Maria Helena Alves Ferreira. -- 2025.
140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2025.
"Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima".

1. História do Piauí. 2. Cultura. 3. Memória. 4. Vaqueiros. 5. Elesbão Veloso - PI. I. Lima, Nilsângela Cardoso. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

RESUMO

Esta dissertação tem por interesse compreender as mudanças e as permanências da cultura e da tradição do vaqueiro em Elesbão Veloso (PI) nos anos de 1980 a 2024 através dos fragmentos de memória. O vaqueiro foi uma figura fulcral para a construção social, política e econômica do Piauí. As fazendas de gado estabelecidas no século XVII nos sertões de dentro eram propriedades localizadas distantes das cidades litorâneas, de modo que, muitas vezes, ficavam sob os cuidados dos vaqueiros, a partir de acordos com os donos que residiam em outras áreas. Esses trabalhadores, dentro da realidade sertaneja marcada pela escravidão do período colonial, possuíam alguma possibilidade de ascensão social. Com o tempo, a cultura dos vaqueiros se modificou gradualmente, na esteira das mudanças sociais, políticas e econômicas etc. Nas décadas finais do século XX, o vaqueiro experimentou acelerada metamorfose em sua realidade cotidiana, muito em razão de avanços tecnológicos que impactaram os transportes, as comunicações e o mundo do trabalho em geral. Com o objetivo de abranger o vaqueiro no contexto elesbonense e o impacto das tecnologias em seu trabalho ecultura no século XXI, o referencial teórico tem como base os conceitos de Memória (Halbwachs,1990; Pollak, 1992), de cultura (Chartier, 2002), de identidades culturais (Hall, 2011) e tradição (Hobsbawm, 2022). A metodologia da pesquisa é a História Oral, tendocomo referência Freitas (2006). Lançando-se mão de fontes orais, bem como dos jornais, *sites*,documentos, dados estatísticos e obras literárias, percebe-se a dinâmica cotidiana desses indivíduos, em interação com a realidade na qual estão inseridos, bem como as tarefas cotidianas que afetam os seus sentimentos e os seus corpos e o funcionamento da fé como elemento anímico.

Palavras-Chave: História do Brasil. Cultura. Memória. Vaqueiros. Elesbão Veloso (PI).

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the changes and persistence of the cowboy culture and tradition in Elesbão Veloso, Piauí, from 1980 to 2024 through fragments of memory. The cowboy was a pivotal figure in the social, political, and economic development of Piauí. The cattle ranches established in the 17th century in the interior backlands were located far from coastal cities, so they were often under the care of cowboys, based on agreements with owners residing in other areas. These workers, within the rural reality marked by colonial slavery, had some possibility of social advancement. Over time, the cowboy culture gradually changed in the wake of social, political, and economic changes, among others. In the final decades of the 20th century, the cowboy's daily reality underwent a rapid metamorphosis, largely due to technological advances that impacted transportation, communications, and the world of work in general. Aiming to encompass the cowboy in the context of Elesbão Veloso and the impact of technologies on their work and culture in the 21st century, the theoretical framework is based on the concepts of memory (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992), culture (Chartier, 2002), cultural identities (Hall, 2011), and tradition (Hobsbawm, 2022). The research methodology is Oral History, based on Freitas (2006). Drawing on oral sources, as well as newspapers, websites, documents, statistical data, and literary works, we perceive the daily dynamics of these individuals, interacting with the reality in which they live, as well as the daily tasks that affect their feelings and bodies, and the functioning of faith as an emotional element.

Keywords: History of Brazil. Culture. Memory. Cowboys. Elesbão Veloso (PI).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rede social (Instagram) do vaqueiro Adeilson Barbosa..... 45

Figura 2 - Vaqueiros durante uma pega de boi no mato..... 45

Figura 3 - Vaqueiro Gregório Lustosa segurando uma corda de laço de boi (rei) 54

Figura 4 - Vaqueiros Elesbonenses trajando o terno de couro em uma pega de boi no mato 55

Figura 5 - Altar com troféus e imagem da Santa Cruz dos Milagres presentes na casa do vaqueiro Cledson Pereira 70

Figura 6 - Vaqueiros participando da festa dedicada aos vaqueiros em Santa Cruz dos Milagres – PI..... 71

Figura 7 - Missa dos vaqueiros em Santa Cruz dos Milagres – PI..... 72

Figura 8 - Cavalgada dos vaqueiros durante os festejos de Santa Teresinha – Elesbão Veloso – PI..... 74

Figura 9 - Celebração de missa dedicada aos vaqueiros durante os festejos de Santa Teresinha – Elesbão Veloso – PI 75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fazendas e sítios do Piauí (1772) 35
Tabela 2 - Indicadores de utilização de tecnologia na agropecuária do Piauí 1980/1995 37
Tabela 3 - Rebanho bovino e área de pastagens plantadas – Piauí – 1960/1995 39
Tabela 4 - Participação percentual das atividades econômicas no valor adicionado bruto, Piauí, 2007 a 2010 40
Tabela 5 - Efetivo da pecuária – principais rebanhos – 2011 41
Tabela 6 - Evolução do emprego por setor de atividade econômica Piauí Janeiro/dezembro 2015 42
Tabela 7 - Efetivo da pecuária – principais rebanhos – 2020 e 2023 43

À minha família, minha fonte inesgotável de confiança e amor.

Quem está certo que o sertão
É lugar só de pobreza
Escute essa narração
No contrário da certeza
Pois aqui nessa paragem
Tem história de coragem
De heroísmo e de proeza
Tem também muita beleza
Gente ordeira e honesta
Aqui nossa maior festa
É tocada na natureza

Paulo Henrique Alves Ferreira

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus, a Jesus Cristo, meu maior e melhor amigo, que me deu forças quando eu imaginei que não tinha mais, que me lembrou quem eu sou em momentos que esqueci de mim, e que me deu e dá coragem todos os dias para seguir em frente e crer nos seus propósitos para a minha vida.

Antes de colocar as demais pessoas nesses agradecimentos, quero iniciar falando um pouco sobre as minhas raízes, que são parte fundamental de quem eu sou. Meu nome é Maria Helena Alves Ferreira. Do lado paterno, sou neta de Manoel Ferreira da Silva (*in memoriam*), lavrador e vaqueiro no munícipio de Elesbão Veloso, que me ensinou sobre doçura, afeto e me encantou com suas histórias de vaqueiro, sem ele este trabalho nem faria sentido; e de Maria Alves Ferreira que inspirou o nome que carrego, com ela aprendi que o amor é fortaleza, mesmo quando não temos ciência do tamanho dele. Do lado materno, sou neta de Manoel Vilarinho de Macêdo e Maria Alves de Macêdo, lavradores, também em Elesbão Veloso, que me ensinaram muito sobre amor, respeito e afeto. Minhas raízes estão repletadas de humildade, gentileza, coragem e, principalmente, de amor. Quão grata eu sou a Deus por isso.

Do mesmo modo, devo falar dos meus pais. A minha mãe, Lúcia Alves de Macêdo Ferreira, renunciou ao seu tempo e o deu de presente para minha irmã e para mim. Com a sua presença, educou-me da maneira mais linda, doce e gentil, lembrando-me sempre de quem eu de fato sou. Ela me formou, preparou-me e, principalmente, deu-me amor, muito amor. O seu sonho sempre foi ser mãe e um dos meus maiores sonhos é chegar ao menos perto da mãe que ela tem sido. O meu pai, Manoel dos Santos Alves Ferreira, carrega o sorriso do meu avô, assim como a sua personalidade disciplinada e meticulosa, mas em especial a sua humildade; ele me mostrou que a honestidade é pilar fundamental para a vida.

Minha irmã, Virna Lorena Alves Ferreira, "gêmea" de corpo e alma, apesar da diferença de quase 6 anos de idade que nos separa, sempre foi inspiração para mim, um modelo de calma, comedimento e gentileza. Cresci a observando, esforçando-me para me assemelhar ao ser humano lindo que ela é. Assim como as outras pessoas mencionadas até aqui, ela acreditou em mim e me ensinou a ser uma mulher forte.

A vida pode ser surpreendente às vezes. Sou grata a Deus e à História por me ajudarem a encontrar um dos maiores presentes da minha vida, meu Rodrigo Thadeu Paiva Dias, namorado, amigo e incentivador, que com seus olhos lindos de jabuticaba sempre me tranquilizou e me lembrou de quem eu sou e do que sou capaz, mesmo quando duvidei de mim mesma. Com sua leveza, ele tornou esse processo muito mais doce.

Aos meus demais familiares, colegas de turma do Mestrado e amigos, meu sincero obrigada pelas palavras de apoio e pelos momentos compartilhados. Vocês são parte de quem eu sou.

Dito isso, graças a esse círculo de amor no qual me encontro, consegui vencer os meus temores e aprendi a ressignificar algumas coisas. Aprendi a ressignificar a perda, a dor, o medo e a ansiedade, minha maior inimiga, a qual enfrento todos os dias. Graças às pessoas que mencionei, pude vencer diversas batalhas contra mim mesma, entender-me, acolher-me e ressignificar-me.

Agora devo direcionar os meus agradecimentos às pessoas que me educaram formalmente na Pós-Graduação, os meus queridos professores.

À professora Dra. Nilsângela Cardoso Lima, dedico o meu mais sincero obrigada. Por sua paciência e compreensão nos momentos difíceis. Por seus conselhos, indicações e por gentileza em todo esse processo de formação, em especial por confiar no meu trabalho.

À professora Dra. Elisângela Barbosa Cardoso, agradeço por todas as indicações. Por sua doçura, ternura e paciência para aconselhar da melhor maneira possível. A disciplina de Seminário da Linha e o exame de Qualificação foram essenciais para a realização deste trabalho.

À professora Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, agradeço por acreditar em mim, apoiar-me e por todos os momentos de graça e leveza que compartilhamos.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB, meu sincero agradecimento por contribuírem para a minha formação e crescimento como historiadora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 DO SERTÃO ASCENDE O VAQUEIRO 17

2.1 O sertão 17

2.2 O gado no sertão 27

2.2.1 O despontar do vaqueiro 29

2.3 A importância econômica para o desenvolvimento do vaqueiro 34

2.4 O uso das redes sociais: o processo de midiatização das vaquejadas em Elesbão Veloso 44

3 AS CICATRIZES QUE ADMIRO, AS CICATRIZES QUE CAUSAM DOR: RELATOS SOBRE O CORPO E A MASCULINIDADE DOS VAQUEIROS ELESBONENSES... 47

3.1 A sombra do boi que eu quero alcançar: técnicas e estratégias dos corpos dos vaqueiros 52

3.2 O vício e os riscos: medos e cicatrizes dos vaqueiros 63

4 "MINHA DIVINA SANTA CRUZ": A INFLUÊNCIA DA FÉ NAS ATIVIDADES DOS VAQUEIROS 69

4.1 A oração que encoraja 70

4.2 A fé como um mecanismo de trabalho 77

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 85

REFERÊNCIAS 88

ANEXO 96

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa alvoreceu na calçada da casa de Manoel Ferreira da Silva, meu avô. Afamado, recebeu o apelido de Mané Zeca, alcunha que conquistou no período em que foi vaqueiro no espaço que viria a ser o município de Elesbão Veloso, na região central do Piauí. Ainda em minha infância, fui apresentada às expressões culturais que circundavam o seu trabalho, quando vaqueiro: as cantigas de viola e repente escutadas no rádio, as suas narrativas heroicas e a literatura de cordel. Ilustradas com as cores quentes do sertão piauiense, através das memórias familiares, alcançaram-me algumas representações distintas dos vaqueiros elesbonenses.

Essas representações despertaram o meu interesse, enquanto pesquisadora, pelo período que vai dos anos 1980 até o ano de 2024. Ao participar de uma "pega de boi no mato[1]", em 2023, deparei-me com uma rica experiência do ponto de vista antropológico: os vaqueiros, sobre os quais o meu avô falava, materializaram-se na minha frente; abstrações de outrora, alcançaram-me os olhos com todos os seus elementos característicos. Estavam ali o gibão e o chapéu de couro, a cachaça ingerida para dar coragem diante do desafio iminente, o círculo de oração pedindo a benção de Deus e a poeira nítida no ar, quando o boi se agitava com a presença do cavalo e do vaqueiro, inimigos de sua liberdade.

Os vaqueiros hodiernos, diferentemente dos indivíduos que vivenciaram as técnicas e traquejos que consagraram a classe como símbolo da piauiensidade nos séculos XVIII, XIX e XX, encontram-se, na maioria dos casos, afastados dessa realidade prática e cotidiana. Aqueles sujeitos, trajados hoje com o terno de couro[2], são os mesmos que utilizam as novas tecnologias como instrumentos de trabalho, que vivenciam um contexto político, cultural, social e econômico diferente em muitos aspectos do experenciado pelas gerações passadas.

As novas tecnologias, inseridas na vida prática dos vaqueiros e da sociedade em geral, propiciaram significativas modificações no cotidiano desses sujeitos e em sua cultura. Esse segmento sertanejo se percebe diante de uma gama de identidades recém inventadas e já em mutação. Nesse sentido, Stuart Hall aduz que "a identidade torna-se uma 'celebração móvel';

[1] Prática que consiste em pegar o animal em um espaço aberto, adentrando a vegetação. Se assemelha a forma como era realizado nos séculos XVII ao XIX.
[2] Roupa utilizada pelos vaqueiros. Recebe o nome de terno por ser o vestuário completo, gibão, chapéu, perneira, chinelo e espora de couro.

formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam[3]".

A noção de "celebração móvel", mencionada por Stuart Hall, possibilita uma reflexão sobre como os vaqueiros resistiram e perpetuaram sua cultura, tradição e costumes ao longo do tempo, através de um processo de fragmentação identitária. Muitos vaqueiros do século XXI, lidam com as tecnologias em suas vivências diárias. As narrativas apresentadas por alguns desses sujeitos em entrevistas, demonstraram alguns exemplos dessas renovações.

A vaquejada se tornou uma festa que não tem como objetivo juntar a rês[4] e a apartar para cada fazenda[5], como outrora ocorria, mas com o objetivo de celebrar a figura do vaqueiro, dentro de um espaço delimitado. Outras modalidades também foram criadas. Devido ao alto custo da ficha nas corridas de vaquejada, os "vaqueiros de campo" desenvolveram as "pegas de boi no limpo[6]", "pega de boi no mato" e as "corridas de pareia[7]", que demandam um custo menor e ainda possibilitam a conquista de prêmios em dinheiro.

Os espaços destinados à pecuária, passaram a ser divisados com cercas de arame em meados do século XX, impedindo o gado de pastar em longas distâncias. Há, portanto, uma distinção em relação à criação desempenhada nos séculos anteriores, quando o animal era criado solto – motivo pelo qual o vaqueiro precisava percorrer longas distâncias para juntar os animais. Os animais também começaram a receber cuidados veterinários e vacinação, de modo que as rezas e as crendices não são os únicos recursos utilizados pelos criadores para tratar os animais[8].

---

[3] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 13.

[4] Palavra usada para referir-se a um animal quadrupede. Utilizada geralmente em alusão ao gado.

[5] MOTT, Luís R. B. **Piauí colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

[6] Prática que consiste em pegar o animal dentro de um espaço limitado.

[7] Disputa entre dois ou seis cavalos, geralmente em um espaço de 300 a 500 metros.

[8] Desde as últimas décadas do século XIX, os intelectuais e políticos piauienses discutem a necessidade de aplicar à pecuária os avanços da técnica e da ciência. Nos anos de 1901 e 1902, o bacharel Abdias Neves, a partir da série de artigos intitulada Indústria pecuária, reclama a atenção de fazendeiros e governantes para uma questão própria dos sertões do Piauí: a criação do gado para exportação. O estudo, em síntese, apresenta o cenário de declínio no qual se encontrava a pecuária piauiense – processo que se intensificou na segunda metade do século XIX. São apontadas duas razões centrais que estariam contribuindo com o alargamento da crise: a passividade do piauiense frente à natureza e a falta de políticas públicas efetivas que incentivassem o aprimoramento da criação de gado. NEVES, Abdias. Indústria pecuária I. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 47, 23 nov. 1901, p. 1; NEVES, Abdias. Indústria pecuária III. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 49, 7 dez. 1901, p. 1; NEVES, Abdias. Indústria pecuária IV. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 50, 14 dez. 1901, p. 1; NEVES, Abdias. Indústria pecuária V. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 51, 21 dez. 1901, p. 1; NEVES, Abdias. Indústria pecuária VI. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 52, 28 dez. 1901, p. 1. Em 1931, Jacob Manuel Gayoso e Almendra (que viria a ser governador do Piauí entre 1955 e 1959), reuniu três artigos publicados no jornal *Estado do Piauí* para a feitura de livreto intitulado *Pecuária*, no qual foi reproduzida a ideia exposta por Abdias Neves em 1901: "Fundem-se fazendas-modelo, demovendo preconceitos, convicções arraigadas, sediço empirismo, para que, à luz da ciência, desponte a criação técnica". ALMENDRA, Jacob Manuel Gayoso e. **Pecuária**. Teresina: Imprensa Oficial, 1931. Mesmo atualmente, apesar dos aprimoramentos realizados nas últimas décadas do século XX, algumas regiões do interior do estado conservam o modelo de criação desenvolvido ainda no período colonial.

A utilização dos termos “resistir” e “perpetuar” se faz necessária quando analisamos que os vaqueiros, mesmo diante das alterações em sua cultura e costumes – e das mudanças econômicas e sociais em Elesbão Veloso –, conservaram na vida cotidiana e, em alguns casos, na vida profissional, elementos do *modus vivendi* tradicional constituído ainda no período colonial. É notável nos relatos, assim como nos ambientes em que estive no município de Elesbão Veloso, que a cultura do vaqueiro, em sua forma tradicional, é ainda presente mesmo que nos detalhes, como no chinelo de couro, nos instrumentos de trabalho, nas sociabilidades masculinas, no modo de falar e na religiosidade.

Também são visíveis as mudanças. Fora da pega de boi no mato e das cavalgadas, realizadas durante os festejos religiosos da cidade, muitos vaqueiros substituem o chapéu de couro pelo boné, o cavalo pela motocicleta e demonstram em suas falas um repertório comportamental referente ao exercício das formas cristalizadas de masculinidade, algumas vezes utilizado como forma de camuflar o medo do trabalho árduo e dos perigos inerentes ao ofício de vaqueiro[9].

É perceptível que esses sujeitos procuraram meios de renovar suas práticas cotidianas de acordo com as mudanças culturais e tecnológicas. A esse respeito, Gislene Moreira expressa uma reflexão que demonstra como as tradições e as novas práticas se prendem à identidade e à cultura desses sujeitos: “Nesses novos sertões, tradições e modernidade estão se fundindo em uma mutante e acelerada colcha de retalhos[10]”. O meio econômico, social e cultural em que estão inseridos esses sujeitos é responsável por essas metamorfoses, ou seja, as transformações nesses âmbitos causam mudanças na(s) identidade(s) desse(s) indivíduo(s)[11].

Antes de ser emancipada, a região da cidade de Elesbão Veloso era conhecida como Feira do Coroatá e compunha o munícipio de Valença, ao Sul do Piauí. A região recebia esse nome por ser banhada pelo riacho Coroatá e em virtude da tradicional feira realizada por fazendeiros locais. O munícipio ascendeu por meio das fazendas de gado, mas, no decorrer dos anos, as práticas econômicas na cidade se transformaram. A economia de Elesbão Veloso acompanhou as modificações no mundo do trabalho na passagem do século XX para o século XXI. Durante o século XX, pecuária e agricultura eram as principais práticas econômicas da região; no século XXI, as principais possibilidades de trabalho estão no comércio, no setor de serviços e, em menor grau, na indústria. O Ministério do Trabalho, no ano de 2019, identificou

---

[9] TAPETY, Audrey Freitas. **O vaqueiro no Piauí**: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). 2007, 107f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007, p. 74.
[10] MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos**: rupturas e continuidades no semiárido. Salvador: Eduneb; Edufba 2018, p. 26.
[11] MOREIRA, 2018, p. 21.

1.031 pessoas com registro trabalhista em Elesbão Veloso, dentre os quais, 509 pertenciam à administração pública municipal e 199 ao comércio local. Segundo dados da Receita Federal, havia nesse período 249 comércios e 6 empresas agropecuárias[12].

Os dados estatísticos evidenciam a expansão do perímetro e das práticas urbanas, com a mudança de um cenário interiorano para um outro, no qual há certa tendência de crescimento do funcionalismo público e do comércio. Evidentemente, esse processo não exclui a produção agropecuária e não significou uma brusca ruptura com os costumes do munícipio. A urbanização da cidade é notória, a partir dos números apresentados. Contudo, a região permanece sertaneja, como sugerem as manifestações culturais dos vaqueiros realizadas na região e a manutenção das feiras, que foram responsáveis pela gênese da cidade[13].

A produção pecuária, perdura de maneira substancial. Suas principais áreas produtoras estão na criação ovina (20.699 cabeças) e bovina (18.421 cabeças); além de significativos números na piscicultura[14]. O campo mantém intenso relacionamento com a cidade, por meio das necessidades de fornecimento, mas também pela forte presença da cultura sertaneja tradicional.

No decorrer dos anos, Elesbão Veloso se modernizou e as práticas urbanas se expandiram, havendo um fluxo migratório do meio rural para a urbe. Os últimos censos demonstraram que a região vem sofrendo com um declínio populacional. Segundo o IBGE, no ano 2000 o munícipio comportava 15.002 habitantes, sendo 10.133 pertencentes a zona urbana e 4.869 a região rural[15]. No ano de 2010, a cidade passou a concentrar 14.499 habitantes, 10.119 residindo na parte urbana e 4.380 na rural[16]. O número é ainda menor em 2022, quando a população passou a ser composta por 13.607 habitantes.

Os dados demonstram a queda populacional do munícipio e a diminuição gradual no número de indivíduos vivendo nas regiões rurais. A justificativa para esse declínio, provavelmente, é o início de um processo migratório rumo à capital do Estado, motivado pela busca por novas oportunidades de trabalho, de educação formal e pela busca por assistência médica. No ano de 2019, o INEP apontou 1.016 matrículas no Ensino Fundamental I e 225 no

---

[12] UNIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**. DataSebrae: perfil municipal de Elesbão Veloso**. 2020. Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/pi/Elesb%C3%A3o%20Veloso.pdf. Acesso em: 3 ago. 2023.

[13] TEODORIO, Rogério Júnior. **"A gente leva o dinheiro, mas fica o couro"**: migração temporária de camponeses para o trabalho no corte de cana, adoecimento, morte, e Políticas de proteção social: o caso de Elesbão Veloso-PI. 2010, 227f. Dissertação (Mestrado em Políticas Plúbicas). Universidade Federal do Piauí, 2010.

[14] UNIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, 2020.

[15] TEODORIO, 2010, p.76.

[16] UNIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**,** 2020.

Ensino Médio, explicitando uma reduzida procura pelo ensino básico[17]. No tocante à saúde, segundo o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), o munícipio possuí 16 centros de assistência que contemplam a região urbana da cidade e suas regiões interioranas[18]. Os dados demonstram que, no Ensino Médio, muitos jovens procuram um melhor ensino na capital do Estado, Teresina. Quanto à saúde, o número de locais que prestam atendimentos, não ampara satisfatoriamente as pessoas da cidade, sendo estas forçadas, em casos específicos, a buscarem apoio na capital.

A análise dessas questões, referentes às condições de existência e ao mundo do trabalho em Elesbão Veloso, permite melhor perceber os impactos da renovação tecnológica e como os vaqueiros têm lidado com determinadas novidades, especialmente em relação aos meios de comunicação e de transporte.

Os documentos consultados para esta dissertação evidenciam outro importante fator: as práticas masculinas imbricadas ao cotidiano dos vaqueiros. A masculinidade está presente nos usos do corpo (como máquina de trabalho), nas narrativas heroicas da lida, no consumo da cachaça (que entorpece e dá coragem). Ainda assim, esses vaqueiros demonstram em suas falas, nas entrevistas, o medo de ferirem o corpo.

O vaqueiro Cledson Pereira[19] relata em entrevista um momento no qual um ferimento de trabalho quase o impediu de continuar suas atividades, somado ao medo que o acompanhava após o ocorrido. O vaqueiro explica como as cicatrizes e a demonstração de coragem, que lhe renderam reconhecimento entre os pares, também lhe causaram dores:

> Pra mim, Ave Maria, é bom demais! A alegria que eu tenho é ser vaqueiro. No dia que eu monto no cavalo sou o homem mais feliz do mundo. Quebrei meus dois braços, passei três anos sem andar muntado, tava querendo ter um medozim. Mas graças a Deus eu me apeguei com Deus de novo. Rapaz, minha lida é essa, eu não posso abandonar, que é o que eu gosto de fazer, correr gado[20].

---

[17] UNIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**. DataSebrae: perfil municipal de Elesbão Veloso**. 2020. Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/pi/Elesb%C3%A3o%20Veloso.pdf. Acesso em: 3 ago. 2023.

[18] MINISTÉRIO DA SAÚDE. **CNES/DATASUS – Lista de estabelecimentos mantidos – SMS e Meio Ambiente de Elesbão Veloso.** Disponível em: https://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=02682675000193&VEstado=22&VNome=SMS%20E%20MEIO%20AMBIENTE%20DE%20ELESBAO%20VELOSO. Acesso em: 3 ago. 2023.

[19] Cledson Pereira Dantas, nasceu em 27 de maio de 1977 no munícipio de Elesbão Veloso – Piauí. Como o seu pai e avô decidiu seguir a profissão de vaqueiro desde a infância, não concluindo os estudos.

[20] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

Nas entrevistas ainda é possível perceber uma outra prática comum aos vaqueiros: o exercício da fé. Todos os entrevistados apresentam sempre referências a “Ave Maria”, “Divina Santa Cruz”, “Deus” e “Jesus Cristo”. Em suas dinâmicas cotidianas e festividades religiosas, os vaqueiros fazem as suas preces e procuram sempre garantir a presença de imagens santas e dos padres:

> Que a gente contrata por a gente mesmo, a gente chama o padre. Ontem mesmo nós fomo numa pega de boi ali ontem no “Sapequeiro”, aí, o padre tava lá celebrando uma missa. Eu gostei, foi muito bonito. A minha mesmo aqui também no dia 15 com fé em Deus, já falei com ele que eu vou trazer, aqui no Parque Sambaíba, no Clube do Vaqueiro[21].

As fontes também demandam o estabelecimento do debate a respeito das identidades, das subjetividades, do corpo, das emoções e da religiosidade. As mudanças na percepção da passagem do tempo, sentido de forma cada vez mais acelerada, têm impactado diretamente cada esfera da existência dos vaqueiros, cada expressão cultural manifestada na vida cotidiana dos sujeitos estudados.

Para a análise do material empírico do trabalho, serão realizados diálogos com alguns teóricos. No intento de compreender melhor a pluralidade de identidades dos vaqueiros, o sociólogo Stuart Hall apresenta a seguinte reflexão:

> Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas[22].

Nos anos 1980, o mundo ocidental passou por significativas transformações. A economia, a política e a tecnologia causaram impactos em diversas esferas da sociedade, contribuindo também para a descentralização das identidades. O contato de diversas regiões do mundo em um ritmo cada vez mais acelerado, tornou ainda mais intenso o cruzamento de culturas e resultou no surgimento de uma gama de identidades. Stuart Hall afirma que, ao

---

[21]PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

[22] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 51.

mesmo tempo que ocorre esse processo globalizante, as identidades se defrontam com categorias como unidade e de tradição.

Além da percepção do caráter plural das identidades dos sujeitos, há ainda a necessidade de dialogar com autores que refletem teoricamente a respeito das memórias, sejam elas individuais ou coletivas. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, defende que a memória individual é uma perspectiva da memória coletiva[23]. Michael Pollak contribui também com as discussões realizadas sobre essa questão, advertindo que a memória é seletiva e "[...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si[24]". As análises realizadas pelo sociólogo auxiliam na compreensão de que a memória é construção, ou seja, as entrevistas não são História, mas a sua matéria-prima.

Assim, o presente estudo se debruça sobre as questões culturais e a tradição que circundam os vaqueiros elesbonenses. A percepção da cultura do vaqueiro se configura em como o indivíduo interage com a realidade que vivencia, originando um conjunto de representações, símbolos e identidades. Roger Chartier observa que:

> A história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade[25].

A cultura do vaqueiro foi forjada através da transmissão de tradições familiares. Eric Hobsbawm enuncia que "muitas vezes tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser perdido nas brumas do tempo[26]". Dessa forma, as tradições atribuídas aos vaqueiros, apesar de muitas vezes radicadas nas tarefas empreendidas, ainda na época colonial, nas áreas pecuaristas pertencentes ao atual território nordestino, reinventam-se diariamente de acordo com as forças condicionantes de cada espaço-tempo.

---

[23] HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** São Paulo: Venice, 1990.
[24] POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
[25] CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
[26] HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terrence (orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

Para a execução desta pesquisa, foi utilizada a metodologia da História Oral. Foram realizadas 08 (oito) entrevistas, sendo 07 (sete) vaqueiros do munícipio de Elesbão Veloso e 01 (um) auxiliar de vaqueiro, que se dispuseram a conceder os depoimentos. Os vaqueiros entrevistados, possuem idades variadas, de 30 a 70 anos de idade, o que permite análise mais precisa, a partir do acesso às memórias de sujeitos com faixas etárias distintas, acerca da sua cultura e trabalho. Segue a lista dos vaqueiros que gentilmente aceitaram compartilhar suas narrativas para esta pesquisadora.[27]

Antônio Eduardo de Sousa nasceu no munícipio de Elesbão Veloso, cresceu como ajudante de vaqueiro e atualmente segue nos trabalhos de campo, roça e no auxílio das atividades nas fazendas.

Cledson Pereira nasceu no dia 27 de maio de 1977, no munícipio de Elesbão Veloso. Atualmente vive no bairro Sambaíba, no mesmo munícipio, onde fundou o seu clube de vaquejada, que recebe o nome de Clube do Vaqueiro. Nesse local, realiza festas, como a pega de boi no limpo. Segundo ele, sua lida no campo começou na infância, aos 8 anos de idade, seguindo os passos do pai.

Galdêncio de Sousa Leão nasceu do dia 28 de agosto de 1955, em região próxima ao munícipio de Elesbão Veloso. Administra as suas próprias propriedades e a lida do campo faz parte do seu cotidiano. Iniciou ainda criança as atividades como vaqueiro, que se tornaram trabalho remunerado quando contada com 15 anos de idade, também seguindo os passos de seu pai.

Gregório Ferreira Lustosa nasceu no dia 12 de março de 1962, em Elesbão Veloso. Segundo o seu relato, tornou-se vaqueiro ainda durante a infância, por influência do pai. Devido a alguns acidentes no trabalho de campo, Gregório atualmente reduziu o ritmo das lidas, mas continua a atuar no campo.

Iranildo Costa nasceu no dia 17 de outubro de 1988, no munícipio de Santa Cruz dos Milagres, distante cerca de 60 quilômetros de Elesbão Veloso, cidade onde atualmente vive e trabalha como vaqueiro.

João de Deus Barreto nasceu no ano de 1955, no munícipio de Elesbão Veloso. Admirador da cultura dos vaqueiros e criado no interior, gostava de andar a cavalo e aboiar o gado. João de Deus, entretanto, em razão dos estudos, afastou-se do trabalho como vaqueiro. Segue sendo um admirador da cultura, possui amigos vaqueiros e escreve poemas sobre essa cultura.

---

[27] Alguns entrevistados optaram por não mencionar suas datas de nascimento, por isso é apresentado apenas um breve resumo sobre a vida dos vaqueiros que não citaram esse dado.

José Alves da Cruz nasceu no munícipio de Elesbão Veloso. Tornou-se vaqueiro por influência de um vaqueiro que residia próximo à casa de seu pai e começou a trabalhar aos 10 anos de idade. Atualmente segue a desempenhar a função, em sua propriedade particular.

Walteir Sousa da Silva nasceu em Sobradinho, interior do munícipio de São Félix do Piauí, localizado a 54 quilômetros de Elesbão Veloso. Pertence a uma família de vaqueiros, dando continuidade ao legado do seu bisavô, do avô e do pai. Seguiu a profissão da família, mesmo contra a vontade do pai. Atualmente, possui sua propriedade, onde trabalha diariamente.

Os relatos desses sujeitos são fontes históricas muito importantes para a realização deste estudo. Além das entrevistas, também foram utilizados como fontes jornais, *sites*, dados estatísticos, obras literárias.

A dissertação se encontra estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado "Do sertão ascende o vaqueiro", objetiva historicizar o vaqueiro, entender como surgiu esse ofício e sua importância nas relações econômicas relacionadas às fazendas de gado, na educação e origem desses sujeitos; assim como a forma como as tecnologias adentram o munícipio de Elesbão Veloso e impactam a cultura dos vaqueiros a partir dos anos 1990.

O segundo capítulo, "As cicatrizes que admiro, as cicatrizes que causam dor: relatos sobre o corpo e a masculinidade dos vaqueiros elesbonenses", apresenta discussões acerca dos seguintes pontos: as técnicas e estratégias dos corpos dos vaqueiros para a execução de seu trabalho, os medos e as cicatrizes que carregam em razão das suas atividades e práticas, os sentimentos e a fé como mecanismos de alicerce e cura para esses ferimentos anímicos e físicos.

O terceiro capítulo, "Minha divina Santa Cruz: a influência da fé nas atividades dos vaqueiros", tem como objetivo analisar e discutir a presença da fé e a crença desses indivíduos em suas práticas cotidianas, desde as orações que os encorajam a enfrentar a lida ou as disputas nas festas em que os vaqueiros se reúnem, a fé como um mecanismo de trabalho, onde essa é utilizada para a cura dos animais e dos próprios vaqueiros.

2 DO SERTÃO ASCENDE O VAQUEIRO

É interessante pensarmos o Brasil no século XVII, como estavam organizadas as estruturas sociais, econômicas e políticas. Rememorar e analisar o passado do Brasil nos conduz ao entendimento de como se deu a ocupação do sertão, o que por fim nos permite chegar ao personagem central deste trabalho, o vaqueiro.

Perceber essa construção proporciona ao leitor incursionar pelo universo no qual o vaqueiro estava inserido, a geografia territorial, os contextos econômicos, políticos e sociais que levaram à constituição do ser vaqueiro e, consequentemente, a sua formação cultural. Compreendendo essas questões, lançar-nos-emos à contemporaneidade com maior clareza sobre o ofício desses sujeitos e suas vidas cotidianas, diante das mudanças culturais que o acompanharam no correr dos séculos.

O estudo da época contemporânea contribuiu com a formulação de algumas das hipóteses que nortearam a construção deste capítulo: a areia e a poeira do sertão, os galhos secos e tortuosos da vegetação, a imagem da Santa Cruz posta em destaque nas pegas de boi, as vestes de couro, o aboio, as cantigas, a viola e o repente são todos elementos reveladores de uma cultura construída ao longo de alguns séculos. Os vaqueiros são plurais, podem ser entendidos como uma classe profissional profundamente expressiva culturalmente, atravessada por distintas temporalidades no mundo hodierno.

Diante disso, apresentamos como esses sujeitos, os trajados com o terno de couro e os que utilizam jeans e boné, dialogam o inteiro entre si. O passado e o presente se relacionam intensamente, e a todo instante provocam modificações culturais. A tradição[28], no entanto, resiste, e práticas inventadas durante o século XVIII podem ser percebidas mesmo atualmente.

Para melhor compreender os vaqueiros estudados à frente, torna-se necessário discutir de maneira detida como essa classe se constituiu, como atuaram as forças socioculturais, econômicas, geográficas e políticas que a forjaram.

2.1 O Sertão

O século XIX foi marcado pelo surgimento de novos saberes científicos, as áreas do conhecimento remarcaram suas fronteiras e os debates acerca da ideia de nação cresceram em

[28] HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

importância no âmbito político. O Brasil testemunhou essa realidade no correr do Oitocentos, quando se fazia necessário inventar a nação através da cultura escrita.

Nesse contexto, a História, enquanto disciplina, foi utilizada como um importante instrumento construtor da nacionalidade brasileira. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi expressão máxima dessas intenções, tendo como importante representante Francisco Adolfo de Varnhagen[29]. Já entre o fim do século XIX e o início do século XX, Capistrano de Abreu[30] se mostrou um grande pensador das questões relativas aos sertões brasileiros – incluindo pautas étnicas, sociais e relativas ao mundo do trabalho.

Os sertões do século XIX possuíam características agrícolas, rurais, pouca urbanização, grande número de analfabetos e um sistema escravista, o que contribuiu com a construção do que se convencionou chamar de Brasil oitocentista. Para Capistrano de Abreu, os espaços sertanejos foram de fundamental importância para esse desenvolvimento. Desviando do caminho percorrido até então por Adolfo Varnhagen, o historiador opta por focar nos sertões, em detrimento do papel português no processo de povoamento do Brasil através do litoral.

A visão de Capistrano de Abreu se distinguia, em algum grau, da historiografia voltada para o olhar do português europeu, ele almejava construir uma história mais sensível aos sertanejos, seus costumes, jeitos e trejeitos, linguagem, cotidiano e vida privada[31].

---

[29] Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nasceu em São João de Ipanema, São Paulo, em 17 de fevereiro de 1816. Estudou no Real Colégio da Luz em Lisboa, nos anos de 1825 a 1832 e, a seguir, ingressou na Academia de Marinha, cujo curso frequentou em 1832 e 1833. Faleceu em Viena, Áustria, a 26 de junho de 1878. É o patrono da cadeira nº 39 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Oliveira Lima. Nomeado adido à legação do Brasil em Lisboa, em 1841, foi incumbido de pesquisar documentos sobre a História e a Legislação referentes ao nosso país. Voltou à carreira de diplomata e, em 1854, conseguiu editar a *História Geral do Brasil*. Em 1877 percorre, no Brasil, o interior das províncias de São Paulo, Goiás e Bahia. É agraciado pelo governo imperial com os títulos de Barão e Visconde de Porto Seguro (1874). No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ocupou os cargos de 1º Secretário e de Diretor da *Revista* da entidade. A extensa e bem documentada obra de Varnhagen inclui, entre os mais notáveis de seus escritos*, O descobrimento do Brasil, O Caramuru perante a história, Tratado descritivo do Brasil em 1587*, *História completa das lutas holandesas no Brasil*, *Épicos brasileiros*, *Florilégio da poesia brasileira, Amador Bueno*, drama histórico, *Cancioneiro*, *Literatura dos livros de cavalaria*. FLEURY, Renato Sêneca. **Francisco Adolfo de Varnhagen**: visconde de Porto Seguro. São Paulo: Edições Melhoramentos, [195-].

[30] Capistrano nasceu no Ceará, em 23 de outubro de 1853, e viveu no Rio de Janeiro de 1875 até 1927, quando morreu. Historiador autodidata, formado pela experiência de pesquisa em arquivos, dialogou de igual para igual com estudiosos brasileiros e estrangeiros. Em 1887 ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pretendendo escrever uma história diferente daquela que ali era produzida. No fim do século XIX, observa-se um crescente interesse a respeito do povoamento do interior, com destaque para o surgimento dos caminhos e das cidades, que, ao lado da análise sobre a constituição do "povo brasileiro", deveria contribuir para a construção de uma nova narrativa sobre a nação. Procurando "dizer algumas coisas novas", introduziu assuntos até então pouco ou nunca estudados, tais como as festas, a família, as bandeiras, as minas, as estradas e a criação do gado. A obra de Capistrano foi marcada pela interseção entre história e geografia, prevalecendo a convicção de que as sociedades são condicionadas pela relação entre cultura e meio. GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano**: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2006.

[31] MARTINS, Adson Ramon Rodrigues. **A ideia de sertão do Brasil em Antonil e Capistrano de Abreu**. Orientador: Mairton Celestino. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

Filiamo-nos, em alguma medida, à tradição historiográfica que ganhou força a partir dos escritos de Capistrano de Abreu. As inquietações do historiador, a respeito da construção cultural e identitária dos sertanejos, circundam os interesses deste trabalho. O sertanejo, na visão de Abreu, era um tipo que, dos pontos de vista físico e comportamental, apresentava virtudes essencialmente brasileiras.

A partir da definição do que seria o sertanejo, o historiador analisa o comportamento desses sujeitos, tendo-os como gentis e acolhedores, mas também desconfiados, sérios e por vezes rudes. Na concepção de Capistrano de Abreu, o ambiente influenciava nos modos e hábitos dos sertanejos. Essa visão está arrimada em perspectivas naturalistas[32] e cientificistas, que marcaram a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX[33].

Em sua obra *Capítulos de história colonial*, Capistrano de Abreu retrata o interior[34] do Brasil. O historiador se dedica a estudar as regiões do país e classifica o sertão como espaço de cultura plural e, para isso, recorre à Geografia e outras disciplinas, como a Sociologia e a Antropologia, para compreender os sertões e os sertanejos.

Capistrano de Abreu estabelece duas categorias: sertão pecuário e sertão de couro. O sertão pecuário abrangia parte considerável da região conhecida hoje como Nordeste (Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí e Maranhão). A formação desse sertão ocorreu a partir da Casa da Torre, de Garcia D'ávila e Domingos Afonso Mafrense. Essas famílias foram responsáveis por estabelecer as fazendas de gado nessas regiões. No Piauí, o processo de constituição se deu por meio das bandeiras realizadas por Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense, responsáveis por fundar as primeiras fazendas de gado na futura província[35].

As bandeiras foram responsáveis pela marcha para as regiões interioranas, que levou consigo o branco e o mestiço. Inicialmente, possuía como objetivo o apresamento indígena, porém, os bandeirantes enxergaram nas terras encontradas a possibilidade de se tornarem fazendeiros. Os sertões, assim, adquiriam feições que se tornaram marcas características da cultura sertaneja, por meio das fazendas de gado, no caso do sertão pecuário. Para Capistrano de Abreu, esses territórios se transformaram a partir das interações – na maioria das vezes violentas – entre brancos europeus, mestiços, indígenas e africanos.

---

[32] O naturalismo foi uma corrente intelectual oitocentista, integrada por pensadores de disciplinas diversas, que estabelecia uma íntima relação entre sociedade, cultura e natureza. Os autores naturalistas, em sua maioria, foram admiradores das formulações do inglês Charles Darwin.

[33] ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

[34] As regiões localizadas distantes do litoral eram denominadas de interior ou sertão

[35] MOTT, Luiz. **Piauí colonial:** população, economia e sociedade. 2. ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

A partir da utilização dos relatos de viagem como fontes históricas, Capistrano de Abreu descreveu a rotina desses sertanejos, as características de sua vida privada e como se organizavam suas casas. De acordo com o autor, o sertão pecuário era um sertão de couro, visto que diversos itens característicos da cultura material eram produzidos à base de couro, tais como as portas, as vestimentas, as cadeiras, os objetos de trabalho do vaqueiro (inclusive, o seu traje).

> Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez. Pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregàriamente, abrir cacimbas e bebedouros[36].

No trecho acima, Capistrano de Abreu descreve a dinâmica de vida do sertão. Nessa realidade, acreditava-se que a terra não era propícia para o cultivo de variados alimentos. Por isso, a carne e o leite, produtos derivados do gado criado nessas localidades sertanejas, eram os principais recursos alimentícios. Ainda no recorte, o autor expõe como os instrumentos cotidianos eram em sua maioria derivados do gado e de couro. Análise contestada por pesquisas mais recentes, realizadas por outros historiadores, como é o caso de Tanya Brandão. Em seus trabalhos sobre o período colonial piauiense, a historiadora apresenta dados que comprovam que o Piauí não possuía apenas fazendas de gado, mas fazendas de algodão e outros produtos, alguns para a subsistência.

A atividade do vaqueiro também é retratada por Capistrano de Abreu na transcrição em destaque na página anterior, ao descrever as funções e afazeres desse sujeito, como amansar e

[36] ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ferrar os bezerros, curá-los, conduzir o gado aos bebedouros e currais, e cuidar das terras. Essas práticas fizeram-se presentes até a primeira metade do século XX no Piauí. De acordo com o historiador Raimundo Nonato Santana, as tarefas, as formas de cuidados e a criação nas fazendas de gado mantiveram-se por um longo período, o que de certa maneira interferiu no desenvolvimento e progresso do Estado[37].

O trabalho realizado por Capistrano de Abreu é fulcral em razão de seu pioneirismo, mais especificamente pela forma como introduz esses sertões na História do Brasil. Suas pesquisas e análises conduziram trabalhos e discussões até os anos 1950, quando historiadores, como Sérgio Buarque de Holanda, deram continuidade aos seus estudos, voltando-se para regiões localizadas mais ao Sudeste do país, em São Paulo e Minas Gerais. Assim, Capistrano de Abreu contribuiu para que a História se voltasse para investigações sobre o Brasil a partir de uma nova perspectiva, mais atenta ao interior do país.

O viajante inglês Henry Koster, ao percorrer os sertões durante o século XIX, descreveu os sertanejos como indivíduos muito receptivos. Em suas casas, havia espaços voltados para a recepção de visitas. Eram também, ao mesmo tempo, desconfiados e colocavam a honra no centro de suas relações sociais, o que acabava por acarretar, vez ou outra, violentos embates de natureza personalíssima. Na descrição de Henry Koster: "Os sertanejos são corajosos, sinceros, generosos e hospitaleiros. Quando se lhes pede um favor, não o sabem negar[38]".

Em uma de suas viagens, do Ceará ao Recife, Henry Koster descreveu a vegetação, o clima do interior, a vida sertaneja, os seus hábitos e costumes e mencionou os cuidadores das fazendas: os vaqueiros. O viajante narra como funcionava o núcleo familiar do sertanejo. Observou que, diferentemente do trabalhador de uma terra vizinha que havia encontrado, o lar do sertanejo tem a mulher e os filhos vivendo relativo conforto. Cita, ainda, os típicos relatos orais desses sujeitos, que geralmente envolviam temáticas como o gado, as mulheres, causos ocorridos em regiões distantes[39]. Koster menciona que os vaqueiros eram os responsáveis pelo cuidado com o gado e com a propriedade, recebendo como pagamento parte dos bezerros e galinhas que criavam no campo. O viajante inglês descreve como a dureza do trabalho demandava coragem e força física. Descreve, além disso, os encontros realizados por diversos vaqueiros, de diferentes fazendas, com a finalidade de apanhar o gado e colocá-lo nos currais,

---

[37] SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras: EDUFPI, 2017.
[38] KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Trad. Luiz da Camara Cascudo. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Brasiliana, 2005. v. 221, p. 206.
[39] KOSTER, Henry, 2005, p. 203-204.

as pegas do gado, a exigência de agilidade e perspicácia por parte dos vaqueiros ao se lançarem nos campos[40].

Abdias da Costa Neves[41], intelectual piauiense atuante no início do século XX, era também adepto de perspectivas semelhantes a respeito da influência do meio sobre os empreendimentos humanos. De acordo com o intelectual, o ambiente do sertão árido e seco influenciava a psicologia coletiva dos povos:

> Pois bem, a ociosidade dessa existência de preguiça e volúpia era estimulada pelo clima e pela abundância dos meios de subsistência. Se a paz bucólica das fazendas, a atmosfera pesada que as envolve, a calmaria modorrenta dos currais amolestavam organismo, o entorpeciam em deliciosa ânsia de repouso, lhe enfraqueciam a vontade – o calor lhe esgotava as energias, deixando o colono incapaz de uma reação efetiva contra a transformação que sentia operar-se em seu temperamento. O calor, a facilidade dos meios de subsistência, a vida monótona das fazendas, modificavam-lhe, desta forma, o caráter[42].

Abdias Neves evidencia sua concepção naturalista em torno do sertanejo – muito comum entre os intelectuais brasileiros do começo do século XX –, segundo a qual o meio influencia diretamente no perfil psicológico dos povos. Nessas circunstâncias, de acordo com o autor, a partir de um processo de construção cultural influenciado pelas condições climáticas e geológicas, o sertanejo piauiense se tornou um ser passivo, contemplativo, imerso em constante tristeza[43].

Em *O Piauí na Confederação do Equador*, Abdias Neves dedica o capítulo intitulado "No Piauí, a terra e o homem" para discutir o comportamento do sertanejo diante do ambiente,

---

[40] KOSTER, Henry, 2005, p. 206.

[41] Abdias da Costa Neves nasceu em Teresina no dia 19 de novembro de 1876. Em 1893, com apenas 17 anos de idade, começou a trabalhar no jornal A Ideia, vindo a tornar-se seu redator principal. Ingressou no ano seguinte na Faculdade de Direito do Recife, graduando-se em 1898. Durante o curso trabalhou no Jornal do Recife como revisor. Retornando ao Piauí, em 1900 tornou-se juiz interino na cidade de Piracuruca por dois anos. Em seguida, exerceu o cargo de juiz substituto federal entre os anos de 1902 e 1914. Foi professor da Escola Normal e do Liceu Piauiense, em Teresina. Foi co-fundador, juntamente com Miguel Rosa e Antonino Freire, do jornal A Pátria. Como jornalista, colaborou nos jornais A Crisálida, A Notícia, O Dia, O Redator, A Luz, O Norte, O Estafeta e Jornal de Notícias. Em 1915, elegeu-se senador pelo Piauí, na legenda do Partido Republicano Conservador, com mandato de nove anos. No Senado, apresentou projeto de construção de uma estrada de ferro que ligasse Teresina ao sul do país, passando por Petrolina (PE). Entre 1919 e 1922 foi terceiro secretário da Mesa do Senado. Faleceu em Teresina no dia 28 de agosto de 1928. Publicou A guerra do Fidié (1907), O padre perante a História (1908), Um maníaco (1908), Psicologia do cristianismo (1908), Imunidades parlamentares (1908), A elegibilidade do marechal Hermes (1910), Autonomia municipal (limites que lhe traçou a Constituição) (1913), Velário (1913), Brasil e as esferas de influência na Conferência da Paz (1919), O Piauí na Confederação do Equador (1921). PINHEIRO, Áurea da Paz. **O desmoronar das utopias**: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política nas três primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

[42] NEVES, Abdias da Costa. **O Piauí na Confederação do Equador**. Teresina: EDUFPI/APL, 1997. p. 24

[43] NEVES, Abdias da Costa, 1997. p. 24-25.

da seca e das instituições estatais. O autor analisa o cotidiano do sertanejo, temática a partir da qual critica a falta de assistência do Estado no interior do Piauí ao longo do século XIX.

Segundo Abdias Neves, o Piauí, em comparação a outras regiões, como o Ceará, possuía o privilégio de uma vegetação e clima mais favoráveis para a agricultura e para a criação de animais. Os piauienses, no entanto, não saberiam lidar com esse favorecimento natural; uma vez que, por exemplo, não se preveniam diante da possibilidade das secas. De acordo com Abdias Neves, o sertanejo era "ignorante", a ausência de conhecimento e o ambiente o tornaram um indivíduo "passivo" e "preguiçoso", postura que prejudicou o progresso do Piauí:

> Às vezes, as matas, as caatingas, as chapadas, o mimoso e o agreste, adustos, negros, dão a impressão de ter por ali andado, nas vésperas, umas das queimas periódicas de que tanto abusa o sertanejo. Mais sinistros, no isolamento em que se destacam, esqueletos de árvores bracejam os ramos nus, com estalidos que se ouvem de longe [...].
> As roças, ensaio rudimentar de agricultura, ficam desprezadas. Há alguma atividade nas fazendas em socorro do gado: cavam-se cacimbas, cuidam-se das reses caídas, queimam-se o mandacaru e o croata para alimentar em rações parquíssimas. Isso enquanto é possível. Depois, chega um momento em que tudo se esgota. Dá-se, então a fuga precipitada – de ordinário tardia[44].

Na concepção de Abdias Neves, a ausência de conhecimento dos sertanejos sobre o meio e a maneira como lidavam com o ambiente para o cultivo, terminavam por agravar as mazelas causadas em consequência das severidades do clima. Além disso, ainda ressalta a teimosia do sertanejo frente à seca, ao se negar a abandonar as terras e os cuidados com as fazendas, suportando situações calamitosas até as horas mais graves.

Sabe-se que Abdias Neves era adepto de perspectivas intelectuais tendentes a hierarquizar as culturas, de modo a atribuir superioridade a expressões culturais mais próximas às tradições europeias[45]. A historiografia, no entanto, confirma os apontamentos de Abdias Neves a respeito da manutenção, durante séculos, do mesmo modelo de criação para o gado. Raimundo Nonato Monteiro de Santana destaca o modo rudimentar através do qual eram cuidados os rebanhos: "É inegável a importância relativa da pecuária, já apresentada como a primeira fonte de riqueza e cujo comércio se mantinha. Contudo, não se esqueça que permanecia inteiramente entregue aos recursos que oferecia a natureza[46]". Teresinha Queiroz,

---

[44] NEVES, Abdias, 1997, p. 22-23.
[45] DIAS, Rodrigo Thadeu Paiva; QUEIROZ, Teresinha. Le monde marche: o progressismo cientificista de Abdias Neves. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; QUEIROZ, Teresinha; FERREIRA, Ronyere; SOUSA, Talyta Marjorie Lira (orgs.). **O Piauí oitocentista**: economia, política, sociedade e cultura. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 343-360.
[46] SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017. p. 143.

por seu turno, percebe um cenário semelhante, marcado pelo declínio da atividade pecuária e pela manutenção de práticas oriundas do período colonial na criação do gado[47].

Capistrano de Abreu acreditava que o Estado não alcançava satisfatoriamente o sertão. Em razão disso, entre outros fatores, estabeleceu-se em diversas localidades uma organização política que favorecia a concentração do poder nas mãos de pequenos grupos. Diante desse distanciamento entre a população interiorana e as instituições estatais, alguns vaqueiros assumiam destacadas posições sociais através da administração das fazendas. Estas propriedades possuíam uma importância que superava as suas finalidades econômicas; a partir delas, povoados e vilas eram desenvolvidos. Os vaqueiros não eram somente incumbidos do cuidado para com as fazendas, mas, também, com a população.

A percepção de Capistrano de Abreu foi em parte questionada pela historiografia contemporânea. Ivo Coser, por exemplo, compreende que o Estado imperial já se fazia presente nos sertões do atual território nordestino. A questão central nessa discussão não é propriamente a presença do Estado, mas o modelo dessa presença. De acordo com Ivo Coser, faltava efetividade aos governos provinciais em razão das constantes mudanças político-administrativas. Antes que os presidentes de província estivessem adaptados a determinada região, eram substituídos. Não havia uma consistência no exercício dos cargos públicos, que eram utilizados como ferramentas de articulação política[48]. O corpo documental analisado, referente ao desenvolvimento histórico piauiense, sugere que as instituições do Estado se fizeram presentes, mesmo que, muitas vezes, de forma ineficiente. Momentos de desordenamento e a operacionalização institucional para o favorecimento privado foram traços característicos da presença dos poderes imperiais e, após 1899, republicanos[49].

A questão da seca, outro importante aspecto da vida dos sertanejos, em geral, e dos vaqueiros, em específico, foi retratada na obra literária *Ataliba, o vaqueiro*, do romancista piauiense Francisco Gil Castelo Branco[50]. O autor, que nasceu no município piauiense de José de Freitas e cresceu a observar a labuta sertaneja, explorou em sua prosa ficional a temática da

---

[47] QUEIROZ, Teresinha. **A importância da borracha de maniçoba para a economia do Piauí**: 1900-1920. 3. ed. Teresina, EDUFPI, 2015. p. 54.

[48] COSER, Ivo. **Visconde do Uruguai – centralização e federalismo do Brasil/1823-1866**. Belo Horizonte: Editora: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.

[49] BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História do Poder Legislativo na província do Piauí**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015; BRANDÃO, Wilson Nunes. **Mitos e legendas da política piauiense**. 2. ed. Teresina: [s.n.], 2015.

[50] Francisco Gil Castelo Branco nasceu em Livramento (localidade de José de Freitas, município brasileiro do estado do Piauí) no ano de 1848. Formado em Letras na França, residiu no Rio de Janeiro, onde foi colaborador de vários periódicos como a *Revista Luz*, *Gazeta Universal* e *Diário de Notícias*. MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do P. Socorro N. N. do. Ataliba, o vaqueiro: folhetim da seca. In: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 17-26.

grande seca ocorrida no fim século XIX, no Piauí. O personagem Ataliba e sua sogra, Deodata, insistem em permanecer na fazenda mesmo diante de preocupantes perspectivas diante da iminente seca:

> O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus afazeres, sem que o impossível paralisasse todos os seus esforços. Em circunstâncias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que lhe fora confiada, quebrar a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças e fugir como qualquer desses caboclos descuidosos, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando rede de galho em galho, para debaixo das árvores carregadas de frutos ou para junto dos folguedos. Ele nunca aceitaria semelhante conduta; ainda havia recursos, ainda podia resistir; resistia, pois, com a coragem de que era dotado o seu caráter inabalável e brioso[51].

Ataliba, exposto a tão dura realidade, cogitava desistir, pensava em abandonar as terras que lhe foram confiadas. Todavia, para ele, essa conduta era inadmissível. Criticava o sertanejo que vivia na ociosidade e jamais renunciaria à sua coragem, por isso insistiu em permanecer na fazenda sem calcular os riscos que a seca trazia, confiando apenas em sua destreza e na fé. Francisco Gil Castelo Branco inventa uma representação[52] baseada em suas vivências e no seu capital cultural, a respeito da personalidade desse tipo piauiense: o vaqueiro. O literato, a partir da recusa de Ataliba em abandonar o ofício que lhe foi incumbido, mesmo se tratando de propriedade alheia, atribui à figura do vaqueiro virtudes como coragem, valorização do trabalho e honradez. Vista de outra perspectiva, a representação literária também é vestígio da clivagem social existente entre funcionário e patrão, vaqueiro e proprietário, que origina uma espécie de dominação baseada na oferta e na procura por mão de obra.

Segundo a percepção de Abdias Neves, o sertanejo era, acima de tudo, obediente. Apesar de sua bravura, destreza, honra e coragem. Ele sabe o seu lugar, obedece ao patrão e ao Estado, mesmo que este lhe negue qualquer tipo de assistência regular em áreas como educação, segurança, saúde, justiça.

> Não resiste, porém, à influência soberana de tais fórmulas e deixa-se levar na sugestão do passageiro encantamento, embora a província lhe negue instrução para os filhos, assistência para os enfermos, polícia para sua segurança, justiça para amparo de seus direitos, estradas e meios de transporte para sua expansão econômica, proteção aos seus ensaios de pecuária e agricultura. A ideia de Governo ele a tem confusa e extravagante. Associa-lhe a de poder

[51] CASTELO BRANCO, 2012, p. 68.

[52] Conceito desenvolvido pelo historiador francês Roger Chartier, que pode ser definida como a atribuição de significados, a maneira de ler o mundo observável, interpretá-lo e inventá-lo a partir de apropriações, que variam de sujeito para sujeito ou de grupo para grupo. CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 256.

> discricionário, exercido sem reclamações, nem protestos. Se os delegados dos poderes públicos exorbitam, não compreende porque não faça o mesmo mandante supremo desses representantes subalternos. Cede, pois, ao que tem como fatalidade inevitável e esconde os impulsos de revolta na obediência sem discussão aos que devam dirigi-lo[53].

Abdias Neves, deve-se dizer, instrumentaliza as suas conclusões como mecanismo de seu próprio incômodo diante do funcionamento do Estado, ao mencionar que a província nega educação, segurança, justiça e saúde. Critica a ineficiência do Estado na oferta desses direitos, e, além disso, critica a passividade da população frente às circunstâncias desfavoráveis. A análise nos leva a pensar como esse Estado se fazia presente nos sertões: atendendo historicamente a interesses eleitoreiros dos grandes proprietários de terra e das grandes lideranças políticas.

O sertanejo descrito por Abdias Neves é encontrado também na obra *Chico vaqueiro do meu Piauí*, de Alvina Gameiro, publicada em 1971[54]. O vaqueiro Chico, em determinado momento da poesia, é posto em uma posição de imersão e contemplação da natureza:

> O esplendor do luar, que mais e mais fulgura,
> de prata banha inteira a máscula figura,
> tão imóvel que até nos lembra uma escultura
> de guerreiro lendário ou místico profeta...
> É que o Vaqueiro escuta em meio à noite quieta,
> sua alma que se dá a cantares de poeta...[55]

Nos versos, o vaqueiro é representado como um ser próximo à natureza, alinhado às experiências de observação da autora ao longo de sua vida. É apresentada a figura do sertanejo forte, um "guerreiro lendário ou místico profeta". Alvina Gameiro projeta um indivíduo pacífico, porém, potente e vigoroso.

---

[53] NEVES, 1997, p. 28.

[54] A poetisa, escritora, pintora, contista, romancista e professora, Alvina Gameiro é natural de Oeiras-PI. Nasceu em 1917 e faleceu em Brasília, em 1999. Formou-se em Artes Plásticas pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, depois graduou-se pela Universidade de Colúmbia, NY – USA. Publicou livros de contos, romance, poesia de cordel romance e novela. *15 contos que o destino escreveu (*1970); *A Vela e o temporal* (1957), *Chico Vaqueiro no meu Piauí* (1971); *Contos do sertão do Piauí* (1988), Curral *de serras* (1980); O *Vale das Açucenas* (1963). Alvina Gameiro esteve entre os imortais da Academia Piauiense de Letras, ocupando a Cadeira 14. ARAÚJO, Jurema da Silva. **Itinerários de gênero e poder na ficção de Alvina Gameiro**. 2013. Dissertação (Programa de Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

[55] GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.

Nessa perspectiva, Henry Koster e Abdias Neves entendem que esse sertanejo é também obediente e conservador, mas não aceita ofensas à sua honra. É, acima de tudo, orgulhoso. Seu instinto é de força e coragem, distante do caboclo descrito por Monteiro Lobato[56].

A escolha desses historiadores não foi despropositada. Capistrano de Abreu foi inovador ao estudar os sertões por um viés que, até o início do século XX, era inexistente na historiografia brasileira. Sua pesquisa se aproxima da história social, que tem como objetivo compreender quem são esses sertanejos, seus costumes e suas rotinas. A construção histórica de Capistrano de Abreu, apresenta os sertanejos como seres sociais.

Quanto a Abdias Neves, contemporâneo de Capistrano de Abreu, sua produção data do início do século XX e está arrimada em perspectiva intelectual parecida à de seu contemporâneo em alguns aspectos. O piauiense, assim como Capistrano de Abreu, entendia que os comportamentos dos indivíduos eram influenciados pelo ambiente, ou seja, para ele as condutas, as práticas e os costumes dos sertanejos piauienses são ligados ao ambiente semiárido.

2.2 O gado no sertão

O sistema açucareiro era a energia motriz que movimentava a economia brasileira entre os séculos XVI e XVIII. O gado foi uma peça importante para o processo produtivo do açúcar, ao fornecer a tração necessária para as moendas; além de ser utilizado no transporte de materiais e fornecer carne e couro. A partir do século XVIII, no entanto, o gado passou a impor algumas dificuldades ao sistema de produção. À medida que o animal exercia uma função essencial, também acabava por prejudicar o solo onde pastava e inviabilizar espaços de plantio. As zonas litorâneas, dessa forma, passaram a ser consideradas impróprias para a criação do gado, o que demandou alternativas exequíveis, para que não fossem prejudicadas as plantações de cana de açúcar[57].

A solução encontrada pelos proprietários das fazendas foi distanciar cada vez mais o gado da costa. Conforme esse afastamento ocorria, os rebanhos se aproximavam do sertão[58].

---

[56] LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. São Paulo: Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1924; CARVALHO, Daniel Alencar de. Jeca Tatu, incapaz e evolução e impenetrável ao progresso: os tempos da nação nos textos de Monteiro Lobato (1914-1919). **Bilros**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 126-142, jul.- dez. 2015.

[57] SANTOS, Ana Paula Lima. **Ser(tão) de couro:** discussões sobre a produção da política patrimonial no caso do ofício de vaqueiro. 2018, 146f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, 2018.

[58] Nesse período, era considerado sertão todo o território que se encontrava distante da costa litorânea.

Nesse mesmo período, ocorreram as entradas e bandeiras[59], de modo que a movimentação rumo ao interior do território se intensificou.

As expedições eram compostas por europeus, mestiços e indígenas; estes, por vezes exerciam o papel de guiar os demais, por serem grandes conhecedores do território. Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, esses sujeitos conheciam com destreza os caminhos e veredas:

> Para o sertanista branco ou mamaluco, o incipiente sistema de viação que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto o fora para o indígena. Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens, em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador inigualável nas entradas, sabiam os paulistas como transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou montanhas aprumadas, e como escolher sítio para fazer pouso e plantar mantimentos. Eram de vária espécie esses tênues e rudimentares caminhos de índios. Quando em terreno fragoso e bem vestido, distinguiam-se graças aos galhos cortados à mão de espaço a espaço[60].

Essas entradas permitiram um conhecimento maior do território. O interior, antes era conhecido apenas pelos povos nativos, passou a ser cartografado. As expedições resultaram no aprisionamento e no extermínio de indígenas por parte dos bandeirantes; e para os jesuítas, o número de catequizandos aumentou. A coroa adotou a prática de doar terras a esses bandeirantes; com isso, eram solucionadas duas questões: a territorial e a do prejuízo do gado nas regiões litorâneas do açúcar.

O Piauí é resultado desse processo. Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Sertão são apontados como os primeiros bandeirantes que acumularam terras e fundaram as primeiras fazendas de gado do Estado, deixando-as após aos cuidados dos vaqueiros.

> Em 1674, Domingos Afonso Sertão conquistava praticamente metade do território do Piauí, de modo que, ao retornar à Bahia, onde tinha residência, deixa para trás de si 30 fazendas de gado administradas por vaqueiros de sua confiança. A fazenda de gado, por conseguinte, foi germe do povoamento

[59] As bandeiras foram expedições que se iniciaram com os paulistas à procura de minérios (ouro e prata), aprisionar e vender indígenas para mão de obra, e com o objetivo de expandir o território dentro do sertão do país. Esses bandeirantes receberam o auxílio de mestiços e indígenas que possuíam um maior conhecimento do território. PATRÍCIO, Aureliano Silva Carneiro; **Do sertão ao território das Minas e das Gerais**: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no Período Colonial. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

[60] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 22-23.

> desta região, constituindo a partir daí o modelo dominante de ocupação do território[61].

Analisando esse processo, vêm à tona os seguintes questionamentos: quem eram esses vaqueiros? Quais suas origens étnicas e seu papel para a sociedade fundada ao redor das fazendas? Essas perguntas dão origem a outras mais diversas, é sabido que em torno do vaqueiro e das fazendas não desponta apenas um corpo social, mas uma economia e uma cultura que é vivenciada ainda no século XXI.

2.2.1 O despontar do vaqueiro

Mesmo diante das vantagens econômicas, não interessava a muitos dos colonizadores permanecerem no interior. Nessas localidades, as condições de vida, amiúde, desagradavam os proprietários, visto que não havia nem mesmo vilas estabelecidas. Como resultado disso, na maior parte do tempo, as fazendas ficavam sob os cuidados dos vaqueiros, que recebiam a visita de seus patrões em determinados momentos do ano; algumas vezes, nas vaquejadas que eram realizadas.

As vaquejadas realizadas do século XVII até a primeira metade do século XX, tinham objetivos pragmáticos, relacionados às demandas do trabalho no campo. Era o momento em que os vaqueiros, de diversas regiões e fazendas, reuniam-se para aboiar os rebanhos, conduzi-los aos currais, apartá-los, ferrá-los e separar a rês pertencente a cada propriedade. Com frequência, após o trabalho, eram realizadas festas nas casas dos fazendeiros, onde havia cantigas de viola e repente, assim como comida regional[62].

Para a historiadora Tanya Maria Pires Brandão, mesmo diante dos benefícios econômicos proporcionados pelo gado e da abertura das fronteiras, os proprietários preferiam retornar a suas propriedades e residências nas regiões onde estavam localizados os centros populacionais e as autoridades coloniais, mantendo-se à distância dos "sertões de dentro[63]" e sua natureza rústica e hostil[64]. Em um trecho da obra literária *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, vemos o protagonista Ataliba, que era vaqueiro de uma fazenda no final do

---

[61] MOTT, Luiz**. Piauí colonial**: população, economia e sociedade. 2. ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.
[62] BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: Família e Poder. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.
[63] Os denominados "Sertões de dentro" eram as localidades dentro da geografia do Brasil no período que correspondiam as regiões que se distanciavam dos litorais e centros urbanos.
[64] BRANDÃO, 1995.

século XIX no Piauí, preparar-se junto às personagens Cassange[65], Teresinha, Deodata e as demais pessoas da vila para recepcionar o fazendeiro, que solicitava uma vaquejada. Em diálogo entre Ataliba e Teresinha, o vaqueiro comunica à moça que ao retornar da vila, Cassange trouxe a notícia a ele que o fazendeiro iria até a fazenda para realizar aquele evento que unia elementos do mundo do trabalho a comemorações tipicamente sertanejas[66].

O vaqueiro, quanto à sua origem, é representando quase sempre como uma figura heroica no imaginário piauiense. Foram recorrentes, nas entrevistas realizadas para este trabalho, menções à importância social, política, cultural e econômica dos vaqueiros. Imaginá-los vestidos no gibão, descrevê-los fisicamente, porém, demandam investigar quem eram esses vaqueiros em princípio.

De acordo com Maria Fagundes de Souza Doca, a origem étnica dos vaqueiros provém da relação do colonizador branco com o gentio[67], que ocorreu nesse processo de entrada do gado nos sertões, anteriormente descrito[68]. Por sua vez, segundo a historiadora Tanya Maria Pires Brandão, o vaqueiro era um homem livre, misto de empregado, parceiro e sócio dos currais, que ao chegar à fazenda tem apenas a sua força de trabalho a oferecer, passando cerca de cinco anos na administração de um curral, podendo elevar sua condição social a partir da posse do gado[69].

Em termos políticos, os vaqueiros foram de suma importância para a construção das vilas e da economia interiorana. No que se refere à cultura, os seus hábitos e costumes terminaram incorporados pelos demais sertanejos e sujeitos de seu convívio. Quanto à economia, o gado durante muitos anos ocupou um lugar de destaque na construção econômica do Brasil, sendo o Piauí, até o século XIX, importante área produtora e detentora de currais – no cenário da pecuária nacional[70].

A economia ganadeira permitiu aos vaqueiros duas coisas. Primeiramente, a relevância social conquistada em razão da lida direta com uma das mercadorias mais importantes entre o século XVII e a primeira metade do século XX. Em segundo lugar, maior mobilidade social,

---

[65] O personagem Cassange, inventado por Francisco Gil Castelo Branco, representa uma parte do corpo das fazendas nos séculos XVIII e XIX no Piauí, muitos proprietários não possuíam apenas o gado vacum e cavalar, mas uma gama de escravizados que realizavam atividades dentro desses locais, algumas vezes, como o caso da personagem, em auxílio do vaqueiro.
[66] CASTELO BRANCO, 2012.
[67] Os gentios no Brasil colônia eram os indígenas livres que não estavam integrados no sistema colonial do período.
[68] DOCA, Maria Fagundes de Souza. Vaquejada. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (org.). *Tipos e aspectos do Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.
[69] BRANDÃO, 2015.
[70] SANTOS, Ana Paula Lima. **Ser(tão) de couro**: discussões sobre a produção da política patrimonial no caso do ofício de vaqueiro. 2018, 146f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, 2018.

resultado dos acordos estabelecidos com os fazendeiros. A relação entre vaqueiro e proprietário, proporcionou um melhor posicionamento social, quando comparada a realidade desses sujeitos à maioria dos sertanejos.

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, ao estudar a economia piauiense, discorre sobre essa distinção e visibilidade do vaqueiro diante da sociedade. Segundo a historiadora, mais importante do que ser vaqueiro era apenas ser fazendeiro[71]. A análise da pesquisadora dialoga com a percepção de Tanya Maria Pires Brandão na obra *O escravo na formação social do Piauí*, a qual entende que o acordo estabelecido entre vaqueiro e proprietário permitia ao sertanejo ascender socialmente. Os apontamentos encontrados na historiografia, permitem-nos compreender como muitos desses sujeitos conseguiam desenvolver, de maneira gradual, suas propriedades particulares e construir uma condição de vida mais confortável em relação aos demais sertanejos.

Os acordos firmados entre os vaqueiros e os fazendeiros estabeleciam, no mais das vezes, que a cada cinco bezerros nascidos, um seria do vaqueiro. Sendo o gado valorizado na realidade econômica piauiense, os seus cuidadores e possuidores ocupavam um lugar de destaque na esfera social; alguns vaqueiros, após determinado tempo de serviço, conseguiam agremiar recursos para se tornarem proprietários de pequenas extensões de terra[72].

O historiador José Martins Pereira de Alencastre, em seu trabalho *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, descreveu a realidade pecuária acima descrita:

> A criação do gado vacum e cavalar foi sempre a primeira indústria do Piauí. O Pará, o Maranhão, o Ceará, Bahia e Pernambuco sempre se abasteceram com gados do Piauí, cujos terrenos, ou seja mimosos ou agrestes, são sempre bons para a criação do gado; [...] Os meses de novembro e dezembro (fins de verão) são épocas de mais abundante produção. Fazem-se vaquejadas duas vezes no ano nas fazendas de grande criação, e isto sucede nos meses de janeiro e junho; porém nas pequenas fazendas, uma só vez. Os meses de janeiro e junho são o tempo mais feliz do fazendeiro, e mais divertido para os vaqueiros, que se empenham em provar muita perícia no exercício de suas funções. Nesses meses se fazem também as vaquejadas do gado grande, que tem de ser remetido para as feiras, ou vendido nas porteiras dos currais aos negociantes ambulantes. É delicioso para o senhor da fazenda ver ir-se aproximando dos currais as marombas de gado trazidos ao som das cantilenas de seus condutores, que, como se foram dias de festa, se entoam os seus melhores gibões e perneiras, e se armam de uma vara ferrão, que arvoram como um estandarte, cavalgando os demais corredores ginetes da fazenda[73].

---

[71] QUEIROZ, Teresinha. **A importância da borracha de maniçoba para a economia do Piauí**: 1900-1920. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.
[72] BRANDÃO, 2015.
[73] ALENCASTRE, José Martins Pereira de**. Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1981.

A figura do vaqueiro piauiense se constituiu da soma de aspectos econômicos, culturais e sociais; é através dessa tríade que são formuladas as representações conhecidas a respeito dessa classe. Como resultado dessa soma, sua cultura ascendeu e os vaqueiros se tornaram símbolos da cultura nordestina e dos sertões áridos. Elementos culturais, expressados através da arte, penetraram a imaginação de brasileiros mesmo em âmbito nacional. Fala-se em sertão, pensa-se em Patativa do Assaré[74], no forró, na sanfona de Luís Gonzaga[75], no sertão seco e árido e no vaqueiro.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a forma como o Nordeste é representado nas artes, no jornalismo e nos discursos políticos, é oriunda de uma invenção, um construto sociocultural. Esse Nordeste faz parte de um conjunto de Nordestes, assim como são inúmeras as identidades possíveis identificadas com a alcunha de "vaqueiro". Para Albuquerque Júnior, a região e os nordestinos são caracterizados – ou mesmo, estereotipados – a partir de relações de poder e do saber que a elas correspondem[76].

Diante dessa análise, faz-se pertinente a reflexão sobre os vaqueiros atuantes a partir da segunda metade do século XX, frente às metamorfoses do tempo (econômicas, políticas, sociais e culturais). Percebe-se um enraizamento das manifestações culturais dos vaqueiros, assim como uma ramificação que torna diversa o que é normalmente chamado, no singular, de cultura do vaqueiro. Esse processo, permeado por rupturas e permanências, é marcado pela interação de inúmeras temporalidades. Aspectos estruturais e conjunturais, ao longo das últimas décadas, somaram-se aos acontecimentos, no interior de uma lógica dialética.

O ser vaqueiro, a partir dos anos 1980 passa por algumas transformações. A realidade cotidiana desses indivíduos foi diretamente atingida por mudanças econômicas e tecnológicas. O gado piauiense, segundo Raimundo Nonato Monteiro de Santana, perdeu força econômica

---

[74] Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se nacionalmente com o poema "Triste Partida" em 1964, musicado e gravado por Luiz Gonzaga. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram tema de estudos na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal. CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: uma biografia. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

[75] Luiz Gonzaga do Nascimento foi um cantor, compositor e músico brasileiro. Por ter sido responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, ficou conhecido como o Rei do Baião. Ele cantava acompanhado da sua inseparável sanfona e levou o baião, o xaxado, o xote e o forró para todo o País. SANTOS, José Farias dos. **Luiz Gonzaga**: a música como expressão do Nordeste. São Paulo: IBRASA, 2004.

[76] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

no século XX. A dinâmica de produção e cuidado não evoluiu a passos largos nesse período, mas, mesmo assim, os sertanejos encontram formas de ambientar-se a essas mudanças[77].

A tecnologia impactou a realidade desses sujeitos como, por exemplo, através do 'Programa Luz Para Todos", em 2011[78]. A iniciativa tinha como objetivo levar energia elétrica para os sertões nordestinos. O vaqueiro se viu diante de uma realidade díspar: o sertão passa a ter energia; o gado passa a receber as vacinas de prevenção de doenças, como a vacina para a febre aftosa[79], que possui campanhas de incentivo todos os anos; as terras passam a ser delimitadas por cercas de arame; e o cavalo é muitas vezes substituído pela motocicleta.

Essas mudanças permitem que a mecânica de trabalho do vaqueiro se transforme e, consequentemente, sua cultura também. Os que permanecem no campo são confrontados diariamente por essa nova realidade. A educação também passa a ser um ponto chave na vida desses sertanejos e alguns filhos acabam não seguindo o ofício dos pais.

Esse mesmo sertanejo, atuante no campo, observa outras formas de ser vaqueiro, dissociadas da lida diária. Os "novos vaqueiros", porém, são conhecedores da tradição, das intempéries impostas pela vivência cotidiana da profissão e a admira, mesmo que se relacione diretamente com essa cultura apenas nas festas de vaquejada (festas estas, que ganharam um novo significado no século XXI).[80] Esses vaqueiros passam a ser conhecidos como os vaqueiros que correm vaquejada e, assim, nasce um novo dinamismo nas manifestações culturais e no universo dos vaqueiros. Dinamismo esse, vivenciado no munícipio de Elesbão Veloso no Piauí e mencionado pelos vaqueiros entrevistados para o desenvolvimento desta dissertação.

Assim, os vaqueiros do século XVII encontram-se, em certa medida, presentes nos vaqueiros do século XXI. Percebe-se a correspondência, inclusive, na cultura material, através do gibão de couro e do aboio; assim como em outras formas de expressão cultural, como as cantigas e as tradições enraizadas nos indivíduos que vivenciam o ofício. Os vaqueiros dos

---

[77] SANTANA, 2017.

[78] O Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica - Luz para Todos se destina a fornecer o atendimento com energia elétrica à população do meio rural e à população residente em regiões remotas da Amazônia Legal que não possuem acesso ao serviço público de distribuição de energia elétrica. O Programa busca democratizar o acesso e uso da energia elétrica, contribuindo para o combate à pobreza energética, o fomento da inclusão social e produtiva de comunidades vulneráveis e a promoção da cidadania e melhoria na qualidade de vida das populações brasileiras do meio rural e da Amazônia Legal, mediante utilização de fontes de energia limpa e renovável para a geração de energia elétrica, considerando a sustentabilidade e a continuidade na prestação do serviço público de distribuição de energia e a preservação do bioma Amazônia. O projeto iniciou no ano de 2011, na transição de governo entre Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. CARDOSO, Bárbara Françoise; OLIVEIRA, Thiago José Arruda de Oliveira; SILVA, Mônica Aparecida da Rocha. Eletrificação rural e desenvolvimento local: uma análise do Programa Luz Para Todos. **Desenvolvimento em Questão**, ano 11, n. 22, p. 117-138, jan./abr. 2013.

[79] A febre aftosa é uma infecção que atinge os animais bovinos, caprinos, ovinos e suínos, se não prevenida, por meio, da vacinação desses animais, pode contaminar o ser humano.

[80] BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi!** O negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

séculos XX e XXI, apesar de nem sempre estarem trajados com o terno de couro e montados em um cavalo, acreditam preservar elementos essenciais do ofício constituído nos sertões do atual nordeste ainda na época colonial.

2.3 A importância econômica para o desenvolvimento do vaqueiro

Como apontado nos tópicos anteriores, a economia foi um dos pilares para a construção do que viria a ser o vaqueiro. As fazendas e o gado se tornaram, ao longo dos anos, peças fundamentais para a economia brasileira e, diante da dinâmica econômica, os proprietários delegaram aos vaqueiros os cuidados para com as propriedades e o gado.

O objetivo deste tópico, portanto, circunda a dinâmica econômica que acompanhou os vaqueiros de Elesbão Veloso ao longo dos séculos.

No século XVIII, os patrimônios dos jesuítas foram confiscados e a coroa portuguesa começou a administrar consideráveis porções de terra no Piauí. O governo português passou a ser proprietário dessas terras. As fazendas e sítios acumulavam inúmeros cavalos, escravizados e mais de 50 mil cabeças de gado. Numa dimensão prática, sendo o gado a principal fonte econômica do período, sua lida não necessitava de uma mão de obra extensa[81].

Luiz Mott apresenta dados objetivos sobre as fazendas de gado no Piauí da segunda metade do século XVIII, que mostram o crescimento dessas propriedades na capitania. No ano de 1697, o Piauí possuía cerca de 129 fazendas de gado; em 1772, esse número avança para 578. Esses dados demonstram como a economia ganadeira foi se desenvolvendo à medida que os séculos avançavam e que as demandas da pecuária acompanhavam esse crescimento[82]. O gado passou a ser importante também nesse período para a mineração, tanto para locomoção quanto para alimentação[83]. Com relação à região onde hoje estão localizados os munícipios de Valença, Elesbão Veloso, Aroazes, Miguel Alves, Santa Cruz dos Milagres, São Félix do Piauí, São Miguel da Baixa Grande e Passagem Franca, Luiz Mott apresenta os seguintes dados apresentados na Tabela 1:

---

[81] BRANDÃO, Tanya Maria Pires**. O escravo na formação social do Piauí**: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: EDUFPI, 2015.
[82] MOTT, Luiz**. Piauí colonial**: população, economia e sociedade. 2. ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.
[83] SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras: EDUFPI, 2017.

Tabela 1 - Fazendas e sítios do Piauí (1772)

Localidade	Nº de fazendas região Sul	Nº de sítios região Sul
Valença e subúrbio	4	12
Sambito	10	3
Poti da Ponte do Sul	18	6
Serra Negra	14	18
Berlengas	12	7
Total	58	46

Fonte: MOTT, Luiz**. Piauí colonial**: população, economia e sociedade. 2.ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010, p. 73.

A documentação apresentada por Luiz Mott demonstra como o número de fazendas se desenvolveu no correr dos séculos, especialmente a partir do século XVIII. Esse crescimento evidencia uma necessidade maior de consumo do gado e, como consequência, uma demanda maior de mão de obra. Ou seja, os proprietários passam a ter maior necessidade dos cuidados dos vaqueiros, o que permite a esses sujeitos mais oportunidades de trabalho e desenvolvimento econômico.

No decorrer dos séculosXVII e XVIII, as fazendas se mostraram muito importantes para a formação social. Com isso, a partir desse sistema, fundamenta-se a família colonial. Durante o século XIX, diante de uma institucionalização do poder civil, o patriarcalismo e o latifúndio despontam. As propriedades e esse sistema se posicionam na base da economia piauiense, funcionando também como condicionantes no âmbito das relações étnicas e culturais. A economia ganadeira, dessa forma, contribuiu com a formação social do Piauí. Conforme as fazendas se desenvolviam, eram delimitadas as atribuições de seus atores sociais: o coronel, o fazendeiro, as mulheres, o vaqueiro e os demais agregados[84].

Contudo, as fazendas de gado não mostravam evolução nos cuidados para com o gado. As formas de criação e as tecnologias não se desenvolviam, de modo que a criação no Piauí era em muito voltada para a subsistência. A economia do gado se encontrava estagnada durante o século XIX. Segundo o presidente da província, Emídio Adolfo Vitório da Costa (1883-1884), a economia do gado se mantinha em estado primitivo, sem nenhuma prática de cruzamento entre as raças, práticas de zootecnia e veterinária[85].

Nos fins do século XIX e no início do século XX, a economia piauiense sofreu uma reviravolta, com o extrativismo da Maniçoba. É importante, ainda, destacar a visão em torno da noção de progresso, que desponta nesse período, defendida por diversos intelectuais e políticos

[84] SANTANA, 2017, p. 115-117.
[85] COSTA, Emídio Adolfo Vitório da. apud NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, v.4, p.305.

piauienses. O Oitocentos foi marcado por uma verdadeira revolução científico-tecnológica, que colaborou com essa visão progressista sobre o mundo, arrimada, especialmente, em teorias como o positivismo e o evolucionismo[86].

Os intelectuais piauienses defensores do progresso, criticavam a maneira como funcionava a economia do Estado e propunham mudanças que deveriam ser realizadas para modificar o cenário de atraso técnico-científico e caos financeiro. Abdias Neves, mencionado anteriormente neste capítulo, foi colaborador do jornal *Nortista*, de Parnaíba, nos primeiros anos do século XX. O bacharel publicou no periódico uma série de artigos denominada Indústria Pecuária. Em um dos textos, chama a atenção de fazendeiros e governantes para a questão da criação do gado voltada para a exportação. Denuncia a problemática situação em que se encontrava a pecuária do Piauí, com a passividade do piauiense frente à natureza e a falta de políticas públicas que motivassem o aperfeiçoamento da criação do gado:

> [...] a indústria da pecuária se mostrou refratária à evolução, empregando os processos de dois séculos atrás. Não deu um passo para a frente, não fez uma conquista, nada obteve. Entregou-se em absoluto à fatalidade das forças mecânicas da natureza, impulsionada, se o inverno era favorável, sem nada tentar que diminuísse os ataques das secas periódicas. A consequência lógica não se fez esperar: a indústria vai em pleno regresso com a degenerescência do gado. A espécie marcha para a extinção e se extinguirá porque para evitá-lo seriam necessários meios prontos e apropriados que não vejo possibilidade de surgirem[87].

Abdias Neves esclarece no trecho acima as duas questões que dificultavam o desenvolvimento da pecuária piauiense. No começo do século XX, a criação seguia ainda o modelo constituído nos séculos anteriores, de criar o gado solto, e seriam praticamente inexistentes políticas públicas que incentivassem essa modernização da produção. A falta de assistência do Estado também seria responsável pela estagnação do comércio, em razão da insuficiência de meios de transporte eficientes que ajudassem no escoamento da produção piauiense. No sertão não havia estradas regulares, vias férreas e rios que fossem navegáveis o ano inteiro, o que dificultava a exportação dos produtos[88].

Nesse período, a pecuária não se desenvolvia e o comércio não era forte o suficiente para impactar o setor, ou seja, parte dessa atividade ainda se voltava para subsistência ou para reduzidas trocas locais. Em 1924, um avaliador técnico afirmou que as fazendas ainda

---

[86] SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa; coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
[87] NEVES, Abdias. Indústria pecuária III. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 49, 7 dez. 1901, p. 1.
[88] DIAS; QUEIROZ, 2023.

apresentavam um aspecto desagradável, as casas eram simples e eram utilizadas, regularmente, como a moradia dos vaqueiros e agregados. Além disso, o gado era criado solto e rotineiramente misturava-se com os animais das propriedades vizinhas[89].

O contexto começa a se modificar na década de 1950, quando o Piauí se insere de maneira mais efetiva no comércio nordestino. Os setores agrícolas, a criação de animais e o extrativismo cresceram no decorrer dessa década. O sistema pecuário seguia os moldes antigos, sem grandes evoluções no modo de criação, porém, a taxa de crescimento dos rebanhos é significativa, ou seja, a fase crítica dos anos anteriores é minimamente superada. Isso ocorreu devido às exportações de animais de corte para o Ceará e para Pernambuco[90].

Feito esse breve apanhado das circunstâncias enfrentadas pela economia ganadeira, devemos voltar a atenção para o recorte temporal proposto. A partir da década de 1980 ocorreram algumas mudanças tecnológicas e transformações no comércio e no mercado de trabalho. Chegaram ao Piauí máquinas, tratores e equipamentos, enquanto a energia elétrica ainda não havia alcançado grande parte do sertão. O uso de sistemas de irrigação na década de 1980 era de 0,7% da produção agrícola e cresceu na década de 1990 para 2,4%. Na Tabela 2, abaixo, é possível analisar a inserção e o crescimento dessas tecnologias[91].

Tabela 2 – Indicadores de utilização de tecnologia na agropecuária do Piauí – 1980/1995

Indicadores	1980	1995	Crescimento%
Número total de estabelecimentos agropecuários	249.129	208.111	-16,5
Número de tratores	1.622	2.402	48,1
Número de arados			
- a tração animal	22.229	38.218	71,9
- a tração mecânica	1.082	1.697	56,8
Número de máquinas			
- para plantio	490	435	11,2
- para colheita	113	223	97,4
Uso de irrigação			
- Número de estabelecimentos informantes	1.719	4.929	186,7
- Área irrigada (há)	6.386	18.254	185,8

[89] SANTANA, 2017, p.144.
[90] SANTANA, 2017, p.176.
[91] MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2019. p. 69-70.

Uso de fertilizantes			
- Número de estabelecimentos informantes	5.388	8.360	55,2
- adubos químicos	2.292	4.037	76,1
- adubos orgânicos	3.016	6.080	101,6
- calcário e outros corretivos	80	313	291,1
Uso de defensivos			
- Número de estabelecimentos informantes			
- uso animal	37.061	66.164	78,5
- uso vegetal	33.418	34.060	1,9
Práticas de conservação do solo			
- Número de estabelecimentos informantes	1.272	1.440	13,2
Uso de energia elétrica			
- Número de estabelecimentos informantes	1.029	14.979	1.355,7

Fontes: CENSO AGROPECUÁRIO: Piauí – 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. CENSO AGROPECUÁRIO: Piauí – 1995. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Mesmo com a queda no número de estabelecimentos agropecuários de 1980 a 1995, é interessante notarmos o crescimento da utilização das tecnologias nesse setor econômico. O uso da tração mecânica, de áreas irrigadas e de energia elétrica apresenta um desenvolvimento considerável se compararmos as duas décadas. O emprego e a manipulação dessas tecnologias resultam no impacto na economia e no ambiente de trabalho. Nesse caso, os vaqueiros e lavradores piauienses começam a sentir os efeitos dessas transformações em suas vidas cotidiana, ao serem alteradas as tarefas realizadas.

Entretanto, o desenvolvimento pecuário dependia da quantidade de pastagens, que ainda era relativamente pequena no Piauí. Além disso, ainda eram necessárias tecnologias de melhoramento genético e melhor manuseio das pastagens e do rebanho[92], como demonstra os dados da Tabela 3.

Tabela 3 – Rebanho bovino e área de pastagens plantadas – Piauí – 1960/1995

Anos	Rebanho bovino (1.000 cabeças)	Área de pastagens plantadas (1.000 hectares)
1960	1.410	72
1970	1.755	101
1980	1.556	297
1995	2.135	459

Fonte: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, Rio de Janeiro: IBGE [pesquisados os anos de 1961,

[92] MENDES, 2019. p.75.

1971, 1982 e 1997]. CENSO AGROPECUÁRIO: Piauí. Rio de Janeiro: IBGE [pesquisados os anos de 1960, 1070, 1980, 1995].

Na Tabela 3, percebe-se que o número de áreas de pastagens aumentou conforme o rebanho bovino, porém, o Piauí ainda enfrentava nessas décadas dificuldades quanto à criação do gado. Mesmo com o desenvolvimento das pastagens, era preservada a característica de o rebanho se movimentar em uma área extensiva.

Outro ponto a se analisar, é o número de bovinos no Estado nessas décadas em comparação aos ovinos e caprinos. Esses rebanhos apresentaram considerável crescimento entre 1912 a 2000, mas o rebanho bovino decaiu entre 1995 e 2000. Em 1995, o número de cabeças de gado era 2.135.000; em 2000, o número caiu para 1.779.000[93].

Além dos números referentes à criação, é preciso analisar o mercado de trabalho nesse setor. Com o impacto da globalização, a partir da década de 1980, a tecnologia passou a ocupar um lugar central na geopolítica e setores industriais, de serviços e comércio se desenvolveram. Diante dessas transformações, percebe-se uma mudança de prioridades do mercado de trabalho e um movimento de mudança do campo para a cidade[94]. A capital do Estado, Teresina, no ano de 2010, demonstra essa transformação. O número da população em área urbana era de 94,3%, enquanto a população rural correspondia a 5,7%[95].

Essa maior atenção voltada para o uso das tecnologias e a visão capitalista de mercado, a partir do século XX, impactaram a classe trabalhadora, que se viu mais frágil diante das exigências do mercado capitalista. Prioriza-se, nessas condições, uma produção mais acelerada, que atenda aos consumidores e maximize o lucro[96] (Ver Tabela 4).

Tabela 4 – Participação percentual das atividades econômicas no valor adicionado bruto, Piauí, 2007 a 2010

Atividades	2007	2008	2009	2010
Agropecuária	8,22	10,90	10,2	6,2
Indústria Extrativista Mineral	0,22	0,19	0,12	0,37
Indústria de Transformação	6,42	6,92	7,33	6,26
Construção Civil	6,52	5,39	6,05	6,93
Prod. Dist. de Elet e Gás, Água, Esgoto e Limpeza Urbana	3,78	3,69	3,48	4,91
Comércio	15,37	16,19	15,14	17,08

[93] MENDES, 2019, p. 97.
[94] VISENTINI, Paulo Fagundes. **O caótico século XXI**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015. p.141 a 144.
[95] CASTRO, Fabiana Rodrigues de. **Piauí**: (des)emprego e mercado de trabalho (1990-2010). Teresina: EDUFPI, 2016. p.100.
[96] CASTRO, 2016, p. 99.

Transporte, Armazenagem e Correios	3,28	3,56	3,21	3,25
Serviços de Informação	2,5	2,01	1,54	1,61
Intermediação Financeira, Seguros e Previdência Complementar	3,9	3,35	3,48	3,78
Atividades Imobiliárias e Aluguel	9,44	9,10	8,83	8,00
Administração, Saúde e Educações Públicas	30,24	28,3	28,68	29,12
Outros Serviços	10,11	10,41	11,98	12,49

Fonte: CASTRO, Fabiana Rodrigues de. **Piauí**: (des)emprego e mercado de trabalho (1990-2010). Teresina: EDUFPI, 2016. p. 104.

Nos dados acima da Tabela 4, podemos analisar o percentual das atividades econômicas entre 2007 e 2010. Na agropecuária, a porcentagem em 2007 era de 8,22%, tendo uma queda em 2010 para 6,2%. Em comparação com setores do comércio, administração, saúde, educação e outras áreas, foi o setor a apresentar o maior aumento percentual. A realidade indicada pelos dados, é uma resposta às transformações políticas, econômicas e culturais que o mundo enfrenta desde o final do século XX.

No munícipio de Elesbão Veloso, durante a década de 1980, as principais atividades econômicas registradas eram a agricultura, a pecuária e o comércio. No período, no setor industrial, a cidade possuía apenas três empreendimentos; na construção civil, foram concedidas 22 licenças; no setor de serviços, a cidade contava com sete hotéis, um posto de combustível, 32 bares, três barbearias e um salão de beleza. O munícipio possuía, ainda, três estabelecimentos bancários, sendo apenas dois oficiais. As principais atividades econômicas da cidade circundavam a agropecuária. No período, os anos 1980, Elesbão Veloso contava com 52.856 animais nas fazendas pecuárias, sendo 87,2% bovinos, 6,5% ovinos e 6,3% caprinos[97]. Além disso, a cidade contava com alguns programas de apoio nos setores da agropecuária, como o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA), Programa de Fomento da Pequena Indústria Rural (PROFIR), Programa Estadual de Conservação e Revitalização de Recursos Hídricos (PROHIDRO) e Projeto Sertanejo. Esses incentivos eram importantes para esse setor, que no período era o mais relevante economicamente para o munícipio[98].

[97] BRASIL. IBGE. **Elesbão Veloso**: Nordeste, Piauí. Rio de Janeiro, 1 de fev. 1984. Coleção Monografias Municipais.
[98] BRASIL. IBGE. **Elesbão Veloso**: Nordeste, Piauí. Rio de Janeiro, 1 de fev. 1984. Coleção Monografias Municipais.

Ocorreram mudanças significativas no setor pecuário em 2011. O número de cabeças bovinas foi ultrapassado pela criação de aves e ovinos. Na Tabela 5 a seguir, é possível observar os números efetivos da pecuária elesbonense no ano apontado.

Tabela 5 - Efetivo da pecuária – principais rebanhos – 2011

Espécie	Nº de cabeças
Assino	1.194
Aves (galinhas, galos, frangos, frangas e pintos)	19.805
Bovino	16.286
Caprino	12.089
Equino	651
Muar	90
Ovino	19.336
Suíno	3.029

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal – PPM – 2011.

Mesmo com essas mudanças quantitativas observadas nos dados da Tabela 5, onde o número de bovinos é superado pelo de ovinos, a atividade dos vaqueiros não sofreu alterações. O que de fato ocorreu é uma troca do principal animal criatório do munícipio. O gado não perde sua importância, porém os ovinos são criação de ovinos passa a ser predominante na cidade.

Em 2012, 4.497 benefícios (de diferentes programas sociais) foram destinados à população rural elesbonense e 995 para a população urbana. Houve, portanto, algum impacto das políticas sociais no município. No mesmo ano, havia na cidade 27 empreendimentos industriais e 376 comercias. Esses números demonstram que, em que pese a importância dos setores agrícola e pecuário, Elesbão Veloso apresentava também crescimento urbano[99].

As dinâmicas de trabalho mudaram no decorrer das décadas, de modo que, no ano de 2015, por exemplo, o setor agropecuário piauiense foi deficitário na geração de empregos. O número de desligamentos no setor superou o de admissões. Para além dos números apresentados por cada ramo da economia piauiense, é importante mencionar que, de forma geral, o Estado apresentou queda no número de empregos formais (Ver tabela 6).

[99] FUNDAÇÃO CEPRO: Diagnóstico Socioeconômico do munícipio de Elesbão Veloso. Teresina: [s.d.], 2012.

Tabela 6 – Evolução do emprego por setor de atividade econômica Piauí Janeiro/dezembro 2015

Setores	Admissões	Desligamentos	Saldo
Extrativismo Mineral	187	260	-73
Ind. de Transformação	9.780	11.462	-1.682
Serv. de Utilidade Pública	2.954	1.300	1.654
Construção Civil	23.301	32.560	-9.259
Comércio	28.730	27.973	757
Serviço	47.938	41.167	6.771
Administração Pública	18	47	-29
Agropecuária	7.739	8.153	-414
Total	120.647	122.922	-2.275

Outra questão fundamental que impactou não apenas Elesbão Veloso, mas todo o globo, foi a pandemia causada pelo SARS-COVID-19. O vírus causou impactos profundos no cenário empregatício e econômico, em razão das restrições que provocou à circulação de pessoas e às atividades econômicas[100].

Segundo o IBGE, as ocupações de trabalho demonstraram algumas modificações nas admissões e demissões. Por exemplo, nos setores de agricultura, pecuária, produção florestal e pesca, durante o 4º trimestre de 2020/2019 o percentual final foi de -9,86%, porém, o 3º e o 4º trimestres do ano de 2020 foram positivos, com um percentual final de 8,65%. Na indústria, o percentual ficou negativo comparado a 2019, assim como na construção civil, alimentação e alojamento[101].

Tabela 7 – Efetivo da pecuária – principais rebanhos – 2020 e 2023

Espécie	Nº de cabeças 2020	Nº de cabeças 2023
Galináceo	29.825	31.973
Bovino	16.249	15.895
Caprino	10.269	10.937
Equino	573	533

[100] RIBEIRO JUNIOR, M. C.; FIGUEIREDO, L. S.; OLIVEIRA, D. C. A. de; PARENTE, M. P. M.; HOLANDA, J. dos S. ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE COVID-19: APLICAÇÕES E DIFICULDADES DE ACESSO NOS ESTADOS DO PIAUÍ E MARANHÃO. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 107–126, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.4018034. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/66. Acesso em: 10 ago. 2025.

[101] VARGAS, Juliano. **Mercado de trabalho piauiense**: panorama atual e identificação de grupos (historicamente) vulneráveis laboralmente. Teresina: Superintendência CEPRO/SEPLAN, 2021.

Ovino	21.078	22.442
Suíno	3.504	3.573

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2020; Rio de Janeiro: IBGE, 2021; IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2023; Rio de Janeiro: IBGE, 2024

No munícipio de Elesbão Veloso, quando analisados os dados referentes ao período entre 2020 e 2023, percebe-se um crescimento da criação pecuária no ano afetado pela pandemia e no último ano ao qual se tem registro pelo censo do IBGE.

De acordo com o censo do IBGE percebe-se uma queda na criação de bovinos e equinos entre 2020 e 2023. Por outro lado, a criação de galináceos, caprinos, ovinos e suínos demonstrou crescimento no munícipio de Elesbão Veloso.

Diante dos dados oferecidos, importa analisar os relatos de quem vivenciou a realidade dos números na pele: os vaqueiros. Walteir Sousa, quando questionado sobre o pagamento do seu salário, esclarece que ainda se mantém a tradição dos acordos com os fazendeiros em relação aos animais nascidos. Além disso, são efetuados pequenos pagamentos pelos demais serviços prestados nas propriedades. Alcança-se, em alguns casos, um salário mínimo mensal.

> É o acordo dos vaqueiros com os fazendeiros. A gente tira a parte, de cinco/um. Passa cinco bezerros, o vaqueiro tem um. Nasce cinco cabritos, o vaqueiro tem um. Aí a gente chama de cinco/um a partia. O patrão paga as diárias por fora, do serviço da fazenda, de pastagem, de cerca, de tudo ele paga por fora. Umas vezes chega a dar um salário no mês, mas às vezes não chega a dar não. É sofrido, mas a gente gosta. É bom, pra quem gosta. Pra quem não gosta é muito difícil[102].

No relato, o vaqueiro Walteir Sousa exprime as dificuldades financeiras do trabalho. O ganho do vaqueiro é pouco, quando comparado ao lucro do fazendeiro. Contudo, não se pode ignorar a evolução que a atividade alcançou. Tanto no tocante à inserção das tecnologias, como no âmbito dos direitos trabalhistas; o vaqueiro, além de receber a quinta parte dos animais nascidos, possui hoje outros acordos salarias. Em muitos casos, o vínculo empregatício é formalizado, com a assinatura da carteira.

As reflexões deste tópico tiveram o objetivo de demonstrar como a economia ganadeira foi fulcral para a formação econômica, social e cultural do Piauí. O crescimento do Estado esteve arrimado à pecuária e à agrícola. Como resultado dessa realidade, ascendeu a figura do vaqueiro no imaginário piauiense, tema explorado no capítulo a seguir.

---

[102] SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

A figura do vaqueiro no imaginário piauiense, que será abordado no capítulo seguinte está circundada pela dinâmica da masculinidade, força e coragem. O vaqueiro é posto como herói do sertão piauiense. Porém nos relatos dos vaqueiros elesbonenses é possível perceber a pluralidade desses sujeitos, eles sentem medos, dores, alegrias, diversos sentimentos e experiências que estão além da forma fabricada a qual os remetemos, esses são "heróis" de carne e osso.

2.4 O uso das redes sociais: o processo de midiatização das vaquejadas em Elesbão Veloso

A vaquejada é uma das mais destacadas manifestações culturais dos vaqueiros; e permanece a ser praticada na contemporaneidade. Acompanhando as dinâmica dos novos tempos, os vaqueiros se adaptaram às tecnologias e às mídias e encontram maneiras novas de transmitir a sua cultura. Os sertanejos do munícipio de Elesbão Veloso desenvolveram novas modalidades dessa prática cultural, a vaquejada, que se iniciou com o trabalho no campo. Atualmente, existem as corridas de pareia, pegas de boi no mato e no limpo.

Com as adaptações, as novas tecnologias, mídias e mudanças sociais, a cultura dos vaqueiros conseguiu alcançar um público maior e diverso, por meio da música, literatura, modalidades de competição e pelas redes sociais. No munícipio de Elesbão Veloso, o vaqueiro Adeilson Barbosa utiliza o *Instagram* como meio de divulgação da sua rotina, trabalho e divulgação dos torneios dos quais participa. A rede social do vaqueiro conta com quase 2 mil seguidores. Assim, Fausto Neto alude que:

> [...] as mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. A expansão da midiatização como um ambiente, com tecnologias elegendo novas formas de vida, com as interações sendo afetadas e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos – produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo.[103]

[103] FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma "analítica" da midiatização**. MATRIZes, n. 2, abr. 2008, p. 89-105.

Dessa maneira, pode-se dizer que o vaqueiro Adeilson Barbosa utiliza sua rede social como um meio de se adaptar à realidade atual e levar a sua tradição para as demais pessoas através das mídias.



Figura 1: Rede social (Instagram) do vaqueiro Adeilson Barbosa.

Fonte: ADEILSON DO BOI PRÉA. *Instagram: @adeilsondoboiprea*. Instagram, [s.d.]. Disponível em: https://www.instagram.com/adeilsondoboiprea/?igsh=NzVpcGhubnRpNXFi. Acesso em: 19 ago. 2025.



Figura 2: Vaqueiros durante uma pega de boi no mato.

Fonte: ADEILSON DO BOI PRÉA. *Instagram: @adeilsondoboiprea*. Instagram, [s.d.]. Disponível em: https://www.instagram.com/adeilsondoboiprea/?igsh=NzVpcGhubnRpNXFi. Acesso em: 19 ago. 2025.

Nos registros, em fotos e vídeos presentes na rede social do vaqueiro, é possível perceber como a tradição ainda se mantém na realidade cotidiana de Adeilson Barbosa. As vestimentas de couro completas, o gibão, o chapéu, são frequentes nas postagens. Além disso, o ambiente e a paisagem do sertão semiárido, e o cavalo ainda são elementos importantes demonstrados pelo vaqueiro.

O vaqueiro elesbonense, por meio da internet, consegue levar a sua cultura e tradição para pessoas não somente do Nordeste, onde a cultura sertaneja do vaqueiro é mais presente, mas para um nível nacional e internacional. As transformações contemporâneas não afastaram Adeilson Barbosa das práticas de seus antepassados. O vaqueiro utiliza a tecnologia para perpetuar o *modus vivendi* no qual está inserido desde a infância. Giorgio Agamben, diz que:

> A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este, e ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a este aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.[104]

Nesse sentido, a atuação dos vaqueiros nas redes sociais serve como um mecanismo de divulgação de suas atividades no campo e nas vaquejadas. Manejando não apenas o cavalo para as pegas de boi, o vaqueiro aprendeu a manusear as novas tecnologias de comunicação e informação em um processo de midiatização de suas práticas, propagando assim a cultura do vaqueiro, que historicamente vem sendo passada de pai para filho, mantendo dessa maneira a tradição.

[104] AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009.

3 AS CICATRIZES QUE ADMIRO, AS CICATRIZES QUE CAUSAM DOR: RELATOS SOBRE O CORPO E A MASCULINIDADE DOS VAQUEIROS ELESBONENSES

Assim como na colheita
Que se demora a plantar
A justiça tem que ser feita
Mesmo que possa tardar
Pois o caboco do sertão
Que é justo de coração
A verdade tem que falar[105].

A figura do vaqueiro é constituída sob o sol forte e sobre o solo duro, em meio à vegetação tortuosa e ao clima semiárido; assim como, a partir de outra perspectiva, sob chuvas periódicas e em momentos de fartura, de festas, sociabilidades e religiosidade. No imaginário de muitos piauienses, essa classe foi constituída com características heroicas: sujeitos com a pele marcada por violentas interações com a natureza (que deixam registradas cicatrizes e traumas), aventureiros em um meio que desafia os limites do corpo e inspira liberdade.

Essa representação do herói foi forjada em minha memória a partir da convivência com o meu avô paterno, Manoel Ferreira da Silva. Nascido em 1926, na região do atual munícipio de Elesbão Veloso, no centro-sul do Piauí, foi vaqueiro durante os anos 1940 e 1950, seguindo os passos de seu pai, também vaqueiro, e dedicou 18 anos de sua vida à profissão. Mané Zeca, como era conhecido entre familiares e amigos, preservou a admiração e o amor pela cultura dos vaqueiros, mesmo após se afastar do ofício. Era admirador da literatura de cordel, das cantigas de viola e dos repentes. Também guardava em casa objetos utilizados nos anos em que foi vaqueiro.

Mané Zeca foi pai de 15 filhos e faleceu em 2020, aos 93 anos de idade. Suas narrativas, transmitidas oralmente, eram as mais diversas. Falava sobre noites que passava distante de casa, a pedido de seu pai, para vender a rês conquistada ou à procura do gado. Algumas vezes, mencionava a frustração oriunda de determinadas situações, quando o seu corpo franzino, de um jovem que acabara de se tornar vaqueiro, era precocemente julgado pelos demais vaqueiros como incapaz de alcançar o boi na mata e derrubá-lo. Ao mesmo tempo, havia felicidade e satisfação ao conseguir o feito de dominar o boi e se provar um bom vaqueiro, um vaqueiro "de

[105] FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **Mané Zeca pegou no capricho**. Teresina: [s. n.], 2018. p. 1.

raça"[106]. Afinal, ele era filho de Zeca Polino, um dos maiores vaqueiros na região de Elesbão Veloso[107].

Essa relação entre Mané Zeca e Zeca Polino lança luz para a tradição existente entre pai e filho. No meio em que estão inseridos, esses indivíduos têm na figura paterna um modelo de exemplo de trabalhador e de masculinidade. Os vaqueiros, desde a meninice, têm contato com a profissão. São os seus pais, avôs e bisavôs que os ensinam as práticas e a lida. Percebe-se, ao longo do século XX, uma tendência hereditária no interior das famílias. O ofício era ensinado para cada nova geração.

O retrato do vaqueiro apresentado a mim por Mané Zeca é composto por características que reforçam os estereótipos do homem forte, corajoso e viril. Havia sido ele, propriamente, segundo os seus relatos, um grande vaqueiro, perspicaz e corajoso, capaz de correr mata adentro de dia ou à noite, enfrentar morros e riachos. Tinha sido capaz de pôr no laço e derrubar um animal quase cinco vezes mais pesado que ele.

O vaqueiro contemporâneo guarda ainda semelhanças com as representações apresentadas por meu avô. Eles ostentam um corpo forte e mãos grossas do trabalho, a postura e as feições duras, os traquejos e as técnicas do cotidiano. O vaqueiro hodierno ainda mantém parte das tradições e da cultura da masculinidade praticadas na primeira metade do século XX; parte dessa herança é expressada em seus próprios corpos. Albuquerque Júnior observa que:

> O gesto é uma figura, um esquema corporal, pois é fruto da educação das carnes, da formatação cultural dos corpos. O gesto possui um sentido que depende de cada contexto cultural em que é realizado. O gesto implica o aprendizado de uma gramática corporal que, por vezes, foi gestada secularmente[108].

Os vaqueiros aprendem desde sua infância as técnicas do trabalho e do corpo, eles recebem e apreendem essa tradição. São os seus pais, avôs e bisavôs que os introduzem no universo dos vaqueiros. Marcel Mauss entende que "não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão

---

[106] O termo vaqueiro de raça refere-se ao sujeito que é de uma boa família, que possui em sua herança sanguínea outros sujeitos que foram vaqueiros.

[107] A narrativa apresentada encontra-se no cordel "A primeira 'letra' do vaqueiro Mané Zeca" escrito por Paulo Henrique Alves Ferreira, filho do vaqueiro Manoel Ferreira da Silva. Escutando as narrativas do pai, Paulo Henrique propôs-se a transformar as histórias em cordéis. FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **A primeira letra do vaqueiro Mané Zeca**. Teresina: [s.n.], 2017.

[108] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 5.

de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral[109]". Os indivíduos mais velhos são como espelhos para os demais, que seguem a tradição e a cultura do vaqueiro. É neles em que se inspiram e é com eles que compreendem as técnicas.

As interações entre as temporalidades proporcionam também mudanças nas técnicas, nos gestos e nas formas de expressão cultural. Os corpos são fluidos e móveis. Diante disso, as manifestações se modificam, permitem-se acompanhar as tendências de cada tempo e espaço, as metamorfoses políticas, sociais, culturais e econômicas.

A partir do fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, ocorreu um processo migratório do campo para a cidade. O mundo, especialmente nos principais centros urbanos, modernizava-se. A tecnologia, as artes, a cultura, a saúde e a escolarização foram adotadas como pautas importantes para esse momento de transformações. Acompanhando essa movimentação, alguns sujeitos passaram a ambicionar um futuro distante da pecuária, do campo e da roça[110].

A exemplo disso, os homens da família de Manoel Ferreira da Silva não seguiram os passos do pai. Nenhum dos dez filhos se tornou vaqueiro. Mesmo expostos à convivência e aos relatos de Mané Zeca rumaram quase todos para a capital Teresina, em busca de formação acadêmica ou emprego formal, almejando melhores condições financeiras.

O exemplo da família Ferreira, entretanto, não é o padrão percebido. Muitas das famílias piauienses, durante o século XX, não possuíam condições de enviar todos os filhos para a capital. Havia, além disso, a perspectiva de escolha dos indivíduos, que optavam pela permanência no campo, zelando a terra e o gado[111]. A esse respeito, é interessante mencionar os depoimentos dos vaqueiros Cledson Pereira[112] e Walteir Sousa[113], ambos com vivências distintas em relação à formação escolar e ao seguimento da profissão de seus pais.

Walteir Sousa elegeu o avô como espelho na profissão que almejava, a de vaqueiro. Por parte de seu pai, no entanto, encontrou resistência à sua escolha. Assim como seu avô, o pai era

---

[109] MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Mauss, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 407.

[110] De acordo com Pedro Vilarinho Castelo Branco, a educação passou a ser algo almejado nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, nesse período as ofertas de vagas escolares aumentaram. Além disso, a educação infantil tinha como base o cotidiano com o objetivo de dar continuidade a herança familiar (CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008).

[111] CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 56.

[112]Cledson Pereira Dantas, nasceu em 27 de maio de 1977 no munícipio de Elesbão Veloso – Piauí. Como o seu pai e avô decidiu seguir a profissão de vaqueiro desde a infância, não concluindo os estudos.

[113] Walteir Sousa da Silva nasceu em Sobradinho povoado pertencente ao munícipio de São Félix do Piauí. Confrontou o seu pai que não queria que o filho seguisse a profissão de vaqueiro assim como ele, entretanto, sobre a influência do avô, Walteir escolheu ser vaqueiro.

vaqueiro e ansiava por um futuro diferente para o filho, que, mesmo contra a vontade de seu pai, se transformou vaqueiro[114]. De acordo com Walteir Sousa, era a vontade de seu pai que ele concluísse a sua escolarização para que tivesse a possibilidade de alcançar um futuro profissional distinto. Walteir Sousa acabou por contrariar o desejo do pai e decidiu seguir os mesmos passos.

O vaqueiro Cledson Pereira passou a infância, na década de 1980, observando o pai e o avô na lida, no campo, trabalhando como vaqueiros, o que despertou nele a paixão pela profissão. Por diversas vezes, ausentava-se da escola, sob a falsa justificativa de estar doente, para poder andar a cavalo. O vaqueiro, com 15 anos de idade, abandonou os estudos para seguir a sua vocação no campo[115]. Cledson Pereira frequentou a escola, mas por iniciativa própria abandonou a sala de aula e seguiu a tradição da família.

Esses dois exemplos, são indícios de como as tradições e a cultura são alicerces identitários para esses indivíduos, para a sua formação. Entretanto, esses traços são fluidos e interagem com as diferentes temporalidades. A cultura do vaqueiro foi forjada pela herança familiar, no cotidiano desses sujeitos e na sua tradição. Eric Hobsbawm enuncia que "muitas vezes, 'tradições' que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser perdido nas brumas do tempo"[116].

Os vaqueiros vivenciam uma cultura e uma tradição que apresentam rupturas e permanências, sensíveis às metamorfoses temporais. Alicerçado a essa concepção, percebe-se a tradição dos vaqueiros, transmitida através das gerações. Esses sujeitos descrevem o *modus vivendi* no qual estão inseridos como algo natural em sua vida, uma espécie de herança cultural e vocacional. Cledson Pereira, vaqueiro residente no munícipio de Elesbão Veloso, afirma: "É por causa de que é tradição, né? De avô, de pai, é seguir esse caminho aí. Graças a Deus eu sou feliz no que eu faço[117]".

A conservação de memórias através da oralidade é uma forte característica dos vaqueiros. A partir da construção da memória, é que o vaqueiro encontra o caminho para não ser esquecido. Quanto mais feitos um sujeito acumula, mais ele será mencionado nas narrativas

---

[114] SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira no munícipio de Elesbão Veloso**, 2023.
[115] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.
[116] HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022, p.7-8.
[117] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira. Elesbão Veloso (PI)**, 25 de junho de 2023.

orais, tornando-se afamado[118]. Desse modo, a tradição é fundamental para dar continuidade às práticas culturais. Cledson Pereira enfatiza em sua narrativa o quão importante considera a tradição e a cultura, afirmando que, para ele, certas práticas presentes no cotidiano dos vaqueiros jamais deveriam acabar, porque se tratavam de saberes transmitidos de avô para pai e de pai para filho. As vaquejadas[119], pegas de boi[120] e corridas de pareia[121] são as vivências que preenchem as memórias de infância do sertanejo, a exemplo de Cledson Pereira ao relatar que: "Desde que me entendi no mundo foi vendo vaquejada, pega de boi, era corrida de pareia. Mas, pra mim, é uma cultura que não é pra ter acabado nunca, porque a gente vem de filhos, de neto, de avô, pai. Pra mim, é uma tradição muito boa. Eu não queria que acabasse não essa cultura[122]".

Os corpos dos vaqueiros, educados e treinados desde a infância, são diversos, transbordam nos gestos, trejeitos e olhares, nos sentimentos e nas emoções. A fragilidade e o medo se desvelam no cotidiano. Os mesmos vaqueiros que apresentam uma postura forte e viril, ingerem cachaça e a usam como subterfugio para a dor e para dar coragem diante dos desafios. Os corpos se provam frágeis no chocar-se com uma árvore ou rasgar-se com a vegetação seca; eles suam e sangram. Afinal, até mesmo os heróis sangram.

As emoções florescem e fluem, nos gritos de empolgação, euforia e medo, nas rezas pedindo proteção, na alegria ao conquistar seu objeto de maior almejo, com o qual compete: o boi.

O vaqueiro se permite desvelar e, nas narrativas que serão apresentadas no decorrer da dissertação, é possível notar nos olhares, nos trejeitos, nas falas, sensibilidade e medo; percebe-se o reconhecimento dos riscos da profissão. Entretanto, após revelados esses sentimentos que transbordam em seus corpos, logo retorna a figura rija e corajosa, porque os corpos respondem a uma cultura que construída ao longo dos últimos séculos e à tradição que reforça os estereótipos em torno do homem sertanejo: forte, viril, másculo.

Em obra literária de Francisco Gil Castelo Branco, o vaqueiro Ataliba, protagonista da prosa, é descrito da seguinte maneira:

---

[118]PEREIRA, Renan Martins. Velejar e descobrir: considerações sobre vaqueiros, corpos e lembranças. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 931-956, 2020.
[119] Prática que consiste em pegar o animal dentro de um espaço limitado.
[120] Prática que consiste em pegar o animal em um espaço aberto, adentrando a vegetação. Se assemelha a forma como era realizado nos séculos XVII ao XIX. Prática que consiste em pegar o animal dentro de um espaço limitado.
[121] Disputa entre 2 a 6 cavalos, geralmente em um espaço de 300 a 500 metros.
[122] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso(PI), 25 de junho de 2023.

> Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado. [...] São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, como lianas que se adunam às vestutas árvores das suas florestas[123].

A figura do vaqueiro descrita por Francisco Gil Castelo Branco nos anos 1880 evidencia o corpo que o vaqueiro deve exibir, rico em músculos e força, a postura rígida que esclarece através dos gestos que aquele sujeito é vaqueiro. É essa a imagem que funciona como norte comportamental para os vaqueiros até hoje. Interessante constatar, além disso, as fortes emoções que cercam a vida desses sertanejos. As vivências dos vaqueiros são marcadas por uma intensidade das emoções e dos gestos. O amor, a raiva, o ódio e o medo são constantes sentimentos que os cercam na lida, nas competições de pega de boi no mato e no limpo, e nas vaquejadas.

Os vaqueiros são sertanejos múltiplos, que nos permitem contemplar a dinâmica dos corpos e da masculinidade. Através desses sujeitos podemos depreender como a cultura e as tradições acerca do sertão foram se constituindo no meio social. A partir dessa discussão é possível captar os indícios que constituíram e construíram essa pintura marcada por estereótipos, mas que tem proporcionado a si mesma o desvelar-se e o modificar-se.

3.1 A sombra do boi que eu quero alcançar: técnicas e estratégias dos corpos dos vaqueiros

Por meio da memória, o vaqueiro experimenta a sensação de permanência. Através das narrativas de suas empreitadas, o sertanejo entra em contato com o passado e materializa práticas e vivências. A memória é seletiva, a sua exposição é a forma que o vaqueiro encontra de tornar seus feitos palpáveis. Segundo Michael Pollak, a memória:

> [...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si[124].

É nessa reconstrução de si, na busca de uma coerência e da identidade do indivíduo ou do grupo, que as técnicas do corpo se operam. As práticas cotidianas do vaqueiro nos

---

[123] CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012. p. 36.
[124] POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-2015, 1992.

proporcionam um entendimento da técnica do campear e a estratégia que utilizam em seu corpo, que funciona quase como máquina, para se equiparar ao animal com o qual compete e objetiva vencer: o boi.

Para realizar o seu trabalho, primeiramente, é fundamental para o vaqueiro contemplar a natureza, entendê-la e estar em plena harmonia com ela. A lida do vaqueiro não se faz de maneira solitária. Primeiramente, é necessário a ele um bom cavalo, um animal capaz de competir com o boi, e o corpo do vaqueiro precisa estar em sintonia com o cavalo. A postura deve se ajustar ao animal.

Em uma lida, certa vez, o vaqueiro Mané Zeca encontrou grande dificuldade para alcançar um poldo[125]. Na descrição da porfia[126], o cavalo Capricho, fiel companheiro do vaqueiro, o auxiliou na peleja. Segundo o relato, transformado em versos de cordel, o cavalo não contava com muita velocidade, mas tinha resistência física. O conhecimento de Mané Zeca sobre o animal e a sua destreza foram fundamentais para conseguir capturar o poldo. O vaqueiro e o cavalo, sintonizados um com o outro, encontraram o filhote em mata fechada e não se intimidaram. O cavalo Capricho fez seu nome e avançou mata adentro; o vaqueiro, acompanhando seu ritmo, conseguiu laçar o pequeno animal e, assim, estava findada a batalha:

Tudo no mundo se fina
Termina o que é prazeroso
O sofrer também termina
Porque o tempo é o glorioso
Mas Capricho não amofina
E pegar o poldo tinhoso
Estava escrito na sina

Do rio após se achegaram
Cavando buraco na beira
Do final se aproximaram
O poldo baixou a carreira
E sem saber se vai ou fica
Viu uma moita de oiticica
Tentou entrar na touceira

Mas a moita não lhe cabia
Então teve que recuar
E novamente a porfia
Teimava em recomeçar
Mané Zeca erguendo o laço
Mesmo com pouco espaço
Seu pescoço pôde laçar

[125] Poldo ou "Potro" é o mesmo que um cavalo pequeno, o filhote.
[126] Porfia é o mesmo que persistência, perseverança, insistência.

O poldo não se entregou
E a corda quis lhe tomar
Mané Zeca se aprumou
Firmando no calcanhar
O poldo forte e bravio
Meteu-se dentro do rio
Mas dali não ia passar[127].

A narrativa de Mané Zeca, apresentada nos versos de cordel do seu filho Paulo Henrique, ilustra como é a dinâmica do vaqueiro com a natureza. O vaqueiro, antes de tudo, deve conhecer a vegetação, as condições climáticas, os caminhos, os atalhos e os riachos que atravessam a região em que trabalha. Deve estar em equilíbrio com a natureza e possuir uma sintonia com o animal que o carrega. O humano e o animal tornam-se um só.

Mané Zeca conhecia e confiava no animal que o transportava. E o seu cavalo possuía a destreza de sempre colaborar para que fosse alcançado o objetivo do seu montador. Assim, mesmo com o poldo se escondendo na "moita de oiticica[128]", o cavalo obedeceu, persistiu, e Mané Zeca conseguiu enlaçar o animal.

Compreender o meio natural é de fundamental importância para o trabalho do vaqueiro, mas a consciência dos seus limites físicos e de como preservar o seu corpo são fulcrais. A lida de um vaqueiro que corre em campo exige coragem, destreza e resistência, porque o sertanejo não costuma se alimentar ou se hidratar adequadamente enquanto está na mata. Uma eventual má digestão pode causar contratempos fisiológicos, fazendo-o passar mal durante a agitação de perseguir o gado. Afirma Renan Martins Pereira: "Em síntese, o trabalho do vaqueiro exige uma economia do corpo. Uma forma de regê-lo, preveni-lo e prepará-lo[129]".

Segundo o vaqueiro Walteir Sousa, "ser vaqueiro não é para todo mundo. Você pode almejar ser um vaqueiro, porém, talvez não sirva para a profissão". Para o sertanejo, o campo requer muita coragem e resistência. Os dias na mata, longe de casa, sem comer e beber, demandam muitas valências físicas e mentais. Em entrevista, Walteir Sousa afirma: "É porque é difícil. Hoje você acha que a vida é fácil, a vida de ser vaqueiro, mas amanhã é difícil. Cê sai de casa de noite, passa o dia sem comer[130]".

As percepções socais a respeito dos corpos dos vaqueiros são, muitas vezes, inspiradas em estereótipos culturais de masculinidade e de virilidade. Seus corpos devem corresponder a

---

[127] FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **Mané Zeca pegou no capricho**. 2018, p. 8 e 9.
[128] Considerada o oásis dos períodos de seca do nordeste brasileiro, a oiticica é uma planta endêmica e ciliar. Brasileira, essa árvore é responsável por proteger os rios e riachos do nordeste do país.
[129]PEREIRA, Renan Martins. Velejar e descobrir: considerações sobre vaqueiros, corpos e lembranças. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 931 - 956, 2020.
[130] SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

um padrão, para se adaptarem ao ambiente e se adequarem à tradição, numa aproximação entre cultura e natureza no campo das representações e na prática da vida cotidiana do vaqueiro. O corpo do vaqueiro se adapta ao ambiente e procura "equiparar-se" ao animal, seu corpo se transmuta, fortalece-se e adequa-se[131].

O corpo é instrumento de trabalho para o vaqueiro. Ele é treinado desde a infância, aprendendo a acostumar-se com as quedas e os ferimentos, a montar o cavalo, segurar as rédeas e controlá-las, conhecer as melhores veredas e os traquejos do trabalho que tornem o seu cotidiano mais "fácil" e menos arriscado[132]. Para ser vaqueiro é preciso ter uma "ciência" do corpo e do meio externo.

Quanto aos instrumentos externos, o vaqueiro se empenha em encontrar formas que o auxiliem no campo. A roupa de couro, ou terno de couro[133], é uma vestimenta leve que serve para proteger da vegetação seca. Além disso, usa-se a faca[134], a corda para amarrá-lo e a careta[135], para imobilizar o animal.

Novamente na obra de Francisco Gil Castelo Branco, Ataliba utiliza diversas ferramentas que contribuem para uma melhor realização do seu trabalho:

> Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com tracelim e as borlas de fios de cor eram finas peles de bezerros, lavradas a esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro aduncо, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado. O bacamarte também lhe vinha a tiracolo e via-se-lhe à cintura uma larga faca de cabo prata metida na bainha. A arma de fogo e a lâmina de aço são companheiras inseparáveis do sertanejo; são seus instrumentos de trabalho, de combate e de vingança![136].

A partir do trecho acima, é possível perceber a importância do instrumental utilizado pelos vaqueiros para o bom desempenho de suas funções. Além do próprio corpo, esses sujeitos utilizam uma série de equipamentos que tornam exequíveis tarefas específicas. Cada objeto

---

[131] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 3.

[132] MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 401 e 403.

[133] Roupa utilizada pelos vaqueiros. Recebe o nome de terno por ser o vestuário completo, gibão, chapéu, perneira, chinelo e espora de couro.

[134] A faca é utilizada para a defesa pessoal, caso o boi seja muito arredio.

[135] Instrumento posto sob os olhos do boi para atrapalhar a sua visão e garantir o controle do vaqueiro sobre o animal.

[136] CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012. p. 36.

mencionado na prosa de Francisco Gil Castelo Branco atende a uma necessidade distinta. Mesmo os cavalos possuem os seus acessórios.

Os vaqueiros elesbonenses, assim os vaqueiros de outras partes do Nordeste, lançam mão desses mecanismos. Ao realizar as entrevistas, quando estive no Clube do Vaqueiro[137] de Elesbão Veloso, o vaqueiro Gregório Lustosa me apresentou um dos instrumentos utilizados por ele, uma corda de laço de boi rei, apresentada na imagem a seguir:



Figura 3: Vaqueiro Gregório Lustosa segurando uma corda de laço de boi (rei).
Foto: Maria Helena Ferreira (junho, 2023).

Para além da corda, os vaqueiros utilizam uma vestimenta de couro. Esse traje é peça fundamental para a proteção dos corpos dos vaqueiros contra a vegetação seca do semiárido. Na Figura 4, a seguir, vemos os vaqueiros e alguns dos objetos que estes aplicam em seu trabalho, instrumentos que auxiliam nas tarefas cotidianas:

[137] Clube de vaquejada localizado no munícipio de Elesbão Veloso – Piauí, pertencente ao vaqueiro Cledson Pereira



Figura 4: Vaqueiros Elesbonenses trajando o terno de couro em uma pega de boi no mato.
Foto: Maria Helena Ferreira (junho, 2023).

Como discutido anteriormente, a tradição e a cultura acompanham as metamorfoses do tempo e a dinâmica das diferentes épocas oferece movimento a essas categorias. Ambas não perdem, entretanto, a ligação que possuem com o passado, com os costumes, os símbolos e signos. O passado, o presente e as expectativas humanas a respeito do futuro estão em constante interação[138]. A partir das mudanças tecnológicas, sociais, políticas e econômicas, a mecânica cultural se modifica.

As técnicas, acompanhando essas transformações, também se modificam. Como resultado, os corpos até se alteram: sua disciplina, suas habilidades e suas formas. Para compreender essa questão de uma maneira mais clara, analisá-la-emos com o auxílio das obras literárias *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, e *Chico vaqueiro do meu Piauí*, de Alvina Gameiro,[139] além das narrativas orais colhidas.

Na obra literária *Ataliba, o vaqueiro*, como mencionado nos parágrafos anteriores, a postura de Ataliba, o seu corpo forte e suas ferramentas de auxílio do trabalho, caracterizavam-no como um vaqueiro; sua profissão era ali explicitada. É interessante apresentar, para além da descrição do personagem, a visão que os demais personagens possuíam sobre Ataliba. Ao

[138] HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 8.
[139] GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.

contemplar Teresinha, moça sertaneja pela qual o vaqueiro era apaixonado, o autor novamente exalta as características físicas do vaqueiro, comparando-o a uma estátua fundida de bronze.

> Empunhando a aguilhada, longa e rija vara com uma ponta de ferro aguçada e enrolada em correias, que se denomina por isso, vara de ferrão, Ataliba, firmando-se na laje, nela apoiava o corpo reclinado e em êxtase contemplava Teresinha. Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze[140].

Confirmando essa estética corporal, cultivada nos indivíduos desde a infância, é pertinente a análise da obra *Chico vaqueiro do meu Piauí* – especificamente, nesse momento, do próprio personagem Chico. Nos versos escritos por Alvina Gameiro, o protagonista é apresentado ao universo sertanejo do vaqueiro ainda em sua meninice, aprendendo o aboio, a condução e o laço. Ao tornar-se um vaqueiro adulto, é representado pela autora de modo a enaltecer a estética vaqueira e reforçar os estereótipos de masculinidade e virilidade presentes no ambiente sertanejo. Na obra, o vaqueiro é comparado a um deus, um guerreiro lendário e um místico profeta:

> Chico é fruto do destino,
> entregou-se ainda menino,
> ao labor do pastoreio,
> profissão daquele meio.
>
> Aprendeu, sem fazer êrro,
> a laçar potro e bezerro
> para a rude marcação.
> Desce da grota ao grotão,
> sobe à crista dos serrotes,
> atrás de bois e garrotes,
> ou buscando outro animal
> que se afaste do curral.
>
> Aprendeu dias a fio,
> a domar gado bravio,
> a pear touro atrevido,
> que traz o povo corrido,
> obrigando o marruá,
> apertando em croatá,
> ao suplício do mourão,
> que amacia valentão[141].

[140] CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012. p. 37.
[141] GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. p. 9-10.

Nas estrofes citadas, é possível perceber como Chico foi apresentado à dinâmica cotidiana dos vaqueiros ainda criança: aprendeu a laçar o gado, a conduzir os animais ao curral e a controlar os animais arredios. O personagem fictício Chico se assemelha a muitos dos vaqueiros com os quais tivemos contato no desenvolvimento deste estudo; sujeitos que, ainda na infância, mergulhados nesse universo da vaqueirama[142], praticam, treinam e aprendem a profissão. Como consequência do trabalho, o corpo se adapta e modifica, de acordo as necessidades.

Em razão das dificuldades inerentes ao trabalho como vaqueiro, convencionou-se que esse ofício deve ser executado por um corpo másculo e viril. Alvina Gameiro, por exemplo, em consonância com essa convenção social, descreve o vaqueiro Chico da seguinte maneira nos seus versos:

> Canta Chico, e põe a alma no canto
> e parece magia de encanto,
> que a boiada esmoreça no estouro,
> porque um deus revestido de couro,
> faz da voz seu condão, seu apoio
> e se põe a cantar triste aboio,
> a provar que é a doçura na vida,
> o que leva a criação vencida...[143]

No mesmo sentido, segue Gameiro:

> O esplendor do luar, que mais e mais fulgara,
> de prata banha inteira a máscula figura,
> tão imóvel que até nos lembra uma escultura
> de guerreiro lendário ou místico profeta...
> É que o Vaqueiro escuta em meio à noite quieta,
> sua alma que se dá a cantares de poeta...[144]

Enxergamos, por meio dos versos acima, alguns estereótipos sobre o vaqueiro, alinhados, inclusive, às memórias da maioria dos sujeitos que entrevistamos. Esses estereótipos são replicados na cultura geral, em obras literárias (como as citadas acima) e nas flutuações ocorridas nas tradições.

A figura do vaqueiro forte, viril, deus, profeta e guerreiro segue presente no imaginário social da cidade Elesbão Veloso do século XXI. Porém, as mudanças das técnicas, em

---

[142] Nome dado a um grupo de vaqueiros.
[143] GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. p. 13.
[144] GAMEIRO, 1971, p. 29.

decorrência das transformações temporais, põem à prova, entre os vaqueiros mais velhos, valores ligados a uma certa ortodoxia ou purismo. Segundo os relatos, os vaqueiros mais jovens não possuem a mesma resistência, porque o campo se modificou. Segundo essa perspectiva, não teria sido imposta à nova geração[145] a realidade de vida dos vaqueiros mais velhos, que percorriam longas distâncias em busca do gado, enfrentando fome, sede e intempéries. Os vaqueiros mais jovens, possuem o auxílio das tecnologias (que tornaram, teoricamente, mais fácil a lida com o gado), espaços delimitados por cercas de arame, vacinas, auxílio de veterinários. Esses indivíduos sabem que irão voltar para casa ao fim de cada dia de trabalho e possuem uma rotina bem diferente dos vaqueiros mais velhos. Os corpos, valendo-se do auxílio de novas ferramentas, transformam-se. Dessa maneira, para os vaqueiros de maior faixa etária, os mais jovens lidam com uma realidade que não exige muitas das valências outrora cultivadas.

O vaqueiro Walteir Sousa, ao rememorar os primeiros anos de trabalho, descreve como a lida era mais dificultosa. O gado era posto para pastar nas redondezas da fazenda, quando não em longas distâncias. Após a pastagem, o vaqueiro precisava reconduzir o gado aos currais. Para Walteir Sousa, com as novidades do século XXI, as tarefas foram facilitadas. O vaqueiro, atualmente, não campeia como ocorria na segunda metade do século XX ou antes e a pastagem é realizada com o gado próximo ou dentro de uma área cercada.

Os vaqueiros da nova geração concordam com muitas dessas afirmações. Compreendem que, de fato, ocorreram impactos no seu fazer cotidiano, resultado do advento das recentes tecnologias e suas aplicações no trabalho com o gado. Discordam, porém, os mais jovens quanto à percepção de que as tarefas executadas atualmente no trato com o gado prescindem de força ou mesmo virilidade.

Não se pode deixar de notar, contudo, que as funções exercidas nos últimos anos impactaram no perfil físico dos vaqueiros, que parecem não mais necessitar de corpos tão resistentes e fortes para a lida. Não se está afirmando que houve um depauperamento físico, quando comparados sujeitos atuantes no século passado e os atuais, mas há a percepção de que no passado havia maior necessidade de se mostrar resistente e forte. De acordo com Cledson Pereira:

> É, o campo do tempo que eu comecei a campear, que a gente, eu não me acho tão velho, mas hoje já tá diferente os campo, né? Porque, de primeira, você soltava o gado no pasto, aí, soltava na costa da fazenda e eles iam pastar longe. Aí, o vaqueiro saía todo dia, quer dizer, uma vez, duas por semana, conforme seja, campear aquele gado. Ele faz rebanhar lá por longe e traz o gado. O

[145] A nova geração a qual me refiro são os vaqueiros entre 15 e 40 anos de idade. Esses indivíduos vivenciaram essas mudanças na profissão e cultura ocorridas no fim do século XX e no século XXI.

> patrão queria um boi, aí tinha tal dia pra o açougue, para feira, que chamava açogo naquele tempo, matutagem; aí, a gente ia buscar, a gente ia correr atrás do boi, ir lá pegar, botar careta, chucai e trazer tocando. Hoje é nos pastos, é nas roça, roça de capim. É, hoje tá mais fácil pro vaqueiro. É, tá mais fácil, e carreira praticamente quase não tem mais, é tudo é dentro dos pastos, a maioria dos vaqueiros hoje anda é de moto dentro dos pastos, é só chegar, gritar o gado, que o gado vem pra os curtisal[146].

Walteir Sousa corrobora com a fala de Cledson Pereira quando reflete sobre como a figura do vaqueiro se transformou. No cotidiano, o vaqueiro contemporâneo não utiliza mais o terno de couro. De acordo com Walteir Sousa, o número de vaqueiros que campeiam com a vestimenta de couro está reduzido, não corresponde à realidade do tempo de seu avô. Os vaqueiros trajam a vestimenta tradicional, na maioria das vezes, em eventos e festas, como as vaquejadas, cavalgadas, pegas de boi no mato e no limpo:

> Até a figura do vaqueiro hoje encourado como antigamente no tempo do meu avô, que assim eu ainda alcancei um pedacim do tempo, tá pouco. São poucos vaqueiros que campeiam com terno de couro, bem pouco. Hoje é dentro das roça de capim, como eu falei, não precisa terno. Muitos têm terno, mas muitos não usa terno mais de couro[147].

A partir dos relatos do vaqueiro, é possível apreender como as técnicas de trabalho e do corpo se transmutaram, colocando em xeque a identidade do vaqueiro entre os que a compreendem no singular. Os vaqueiros atuais, no entanto, têm como âncora a tradição. A relação dinâmica entre tradição e cultura geral que nos permite, mesmo na época contemporânea, avistar vaqueiros que lembram a época do avô de Walteir Sousa. Recai em arbitrariedade qualquer tentativa de definir a identidade desses sujeitos como una.

Em razão disso, os corpos se apresentam diferentes e introduzem novos tipos de vaqueiros. Não se trata mais de um tipo de corpo ou de identidade. Falamos de corpos e identidades, no plural.

A análise desses sertanejos evidencia uma pluralidade de identidades, fundamental para os compreender através de suas vivências. Stuart Hall compreende que "[...] a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional.

---

[146] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.
[147] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação [...][148]".

O vaqueiro Cledson Pereira relata como os corpos do vaqueiro e do animal de campo precisam de treinamento. A técnica do campear exige uma prática que permita aos corpos estarem em forma para os desafios enfrentados. Não excluindo o treinamento dos vaqueiros que correm a vaquejada, eles também precisam estar com seu corpo treinado para realizar o esporte de maneira mais eficiente.

Como qualquer modalidade de esporte, a vaquejada exige treino, disciplina e ciência do corpo, o vaqueiro também precisa desses pilares: "Tem, tem a diferença grande. Porque o vaqueiro do limpo que corre a vaquejada, o animal e ele tem que ficar mais em forma, treinar direto. Agora no mato é mais diferente, a pega de boi no mato é outra coisa, é mais diferente[149]", reforça Cledson Pereira.

As narrativas de Cledson Perreira e Walteir Sousa inspiram reflexões sobre a dinâmica das técnicas de trabalho e do corpo. Como estas, diante da tradição, aplicam-se e fazem-se presentes; bem como terminam por se adequar a cada contexto. Com as mudanças temporais, o vaqueiro elesbonense assistiu à transformação do seu cotidiano, das suas técnicas e dos seus corpos, da sua cultura e identidade. A imagem do vaqueiro, mesmo diante dos estereótipos de masculinidade e virilidade, torna-se plural quando analisada à luz das fontes históricas e das considerações teóricas de Stuart Hall. Os vaqueiros de Elesbão Veloso compõem uma amostragem polifônica.

No esforço de inventar uma classificação, baseada na exigência de virtudes específicas, Cledson Pereira procura estabelecer a própria definição do que caracteriza seu ofício: "Exige só mesmo coragem, né? E pedir a proteção da Divina Santa Cruz e de Nossa Senhora Aparecida. Enfrentar a lida, porque o nosso rival é o boi, não é a outra equipe, é o boi. O vaqueiro tem que ter a rivalidade com o boi, não é com os outro não[150]". Cledson Pereira se mostra consciente de que cada sujeito é acompanhado por uma carga considerável de subjetividade, mas elenca a adesão às crenças católicas e as demonstrações de coragem como atributos comuns entre os vaqueiros. Seriam dois pré-requisitos para a autoafirmação como membro dessa comunidade.

---

[148] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 87.
[149] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.
[150] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

No tópico seguinte, discutir-se-á como os sujeitos analisados lidam com as dores e cicatrizes, físicas e emocionais, que acompanham as suas carreiras. O vaqueiro possui a peculiaridade, em sua atuação profissional, de precisar enfrentar cotidianamente, por obrigação de ofício, os seus medos – mesmo diante dos eventuais traumas acumulados durante os anos.

3.2 O vício e os riscos: medos e cicatrizes dos vaqueiros

As representações em torno dos vaqueiros estão intimamente relacionadas aos estereótipos de masculinidade e virilidade, historicamente construídos por diferentes discursos. Como apontado anteriormente, quando mencionada a palavra "vaqueiro" vem à mente de muitas pessoas as características que compõem as generalizações conhecidas em torno dessa figura. Fecha-se os olhos e são visualizados a vegetação seca do sertão e o sertanejo encourado, de postura rija, carregando consigo os instrumentos de trabalho tradicionalmente utilizados na lida.

Os vaqueiros se formam e se desenvolvem em um universo regado por esses símbolos de masculinidade. Na infância, ao observar os vaqueiros mais velhos, são apresentados aos trejeitos, gestos, palavras e atitudes que alimentam o *modus vivendi* do grupo. Os traços de masculinidade funcionam como uma confirmação de que determinado indivíduo atende às demandas práticas, sociais e culturais de ser vaqueiro. Demonstrações de medo, angústia, dor e aflição não são recorrentes; são nas entrelinhas que os percebemos. Os olhares, os gestos, a voz embargada e as cicatrizes na memória e nos corpos são reveladores nesse sentido.

Antes de abordar especificamente essa questão, é preciso demonstrar como essas representações dos sujeitos fortes, corajosos, perspicazes e másculos são fabricadas entre os próprios vaqueiros e na sociedade em geral. Albuquerque Júnior descreve o sertanejo nordestino da seguinte forma:

> [...] homem encourado, vermelho, com guarda-peito encarnado desenhando-se o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas; uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda e o canivete com que faz o cigarro de palha; mãos que manejam o chicote, o rebenque e a repetição, que manejam os facões, os machados e as foices, derrubando árvores e homens, jogando para longe matas, inimigos e assombrações; rostos picados de bexiga, fechados e soturnos, contraídos de raiva, que veem raios e ouvem trovões, escutam o miado das onças e o silvo das cobras; cabra macho que luta como Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que de noite vai pro

> sermão, que reza para Padre Ciço e fala com Frei Damião; homem que prefere morrer a ser desonrado [...][151].

A partir da descrição do homem sertanejo nordestino, realizada pelo historiador Albuquerque Júnior, torna-se mais clara a noção de "cabra macho". Esses indivíduos respondem aos padrões imbricados à tradição, pela cultura e pelo meio social. É o homem de corpo másculo, forte, que transborda virilidade, e que prefere morrer a ser desonrado. Para o vaqueiro, a desonra e a covardia são os maiores desatinos, como aponta Renan Martins Pereira:

> No limite, se o que está em jogo é o próprio 'prestígio' do vaqueiro, deixar o boi fugir quando se está tão próximo dele é nada mais que uma ação imprudente e 'covarde'. [...] Portanto manter-se no ritmo da 'carreira' é, a despeito do que possa acontecer, respeitar quem o carrega. Não fariam sentido saudar o 'sofrimento', as horas sob o sol escaldante e se reverenciar como 'vaqueiro de verdade' se todo imprevisto, toda dificuldade ou qualquer obstáculo cedessem lugar à desistência. Desistir, portanto, mais do que um ato 'covarde', é uma atitude ineficaz[152].

Na citação acima, é descrita a forma como o prestígio é colocado à prova durante a contenda com o boi. Desistir do objetivo de vencer o animal é um desrespeito com o seu maior aliado, o cavalo, e com os demais vaqueiros. Para ser considerado um "vaqueiro de verdade", é preciso ter coragem e sagacidade. O prestígio para o vaqueiro é algo fundamental, ele precisa provar-se capaz, levando o gado ao chão.

O ato de perseguir e dominar o boi, é uma prova de masculinidade. Pensar em um indivíduo que pesa em torno de 70kg, em cima de um cavalo que é dez vezes mais pesado que ele, dentro de uma mata fechada e seca que o fere, é um ato de coragem. A profissão do vaqueiro acaba por o demandar corpos fortes, treinados, que possuam como base a tradição de uma técnica. Essa é uma das razões que resultam no desenvolvimento dos estereótipos antes mencionados.

Novamente, na obra *Chico vaqueiro do meu Piauí*, o vaqueiro Chico simboliza esse sertanejo vigoroso, destemido, valente e audacioso. Ele não tem medo da vegetação que o fere, do desafio da vaquejada e da rês. A disputa para vencer esses desafios, acaba por se tornar motivação:

> Tornou-se um bravo impulsivo;

---

[151] ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920- 1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 17-18.

[152] PEREIRA, Renan Martins. **Velejar e descobrir**: considerações sobre vaqueiros, corpos e lembranças. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v. 10, p. 931 - 956, 2020, p. 942.

> Não teme o espinho agressivo
> das caatingas do Nordeste
> e nem pico do agreste.
> É o maior na vaquejada,
> alcança a rês tresmalhada;
> animal se desgarra,
> vai ao chão e sofre amarra[153].

Mesmo diante dos estereótipos, os vaqueiros de Elesbão Veloso não podem ser enxergados como grupo homogêneo, restrito, fechado e possuidor de uma identidade determinada. Os vaqueiros transcendem o herói imaginado. São pessoas de carne e osso, que se machucam e sangram, que sentem as mais diversas emoções: medo, angústia, raiva. São indivíduos plurais, que se identificam e sentem de maneiras diferentes. Albuquerque Júnior enuncia que:

> [...] as experiências e vidas de homens numa região onde "ser macho" é um imperativo podem ser um excelente ponto de partida para fazer a história dos homens, não mais como indivíduos ou partícipes de feitos coletivos, mas como gênero, não a história de homens como agentes do processo histórico, mas como produtos deste mesmo processo, a história de homens construindo-se como tal, a história da produção de subjetividades masculinas, em suas várias formas, a história da multiplicidade de ser homem[154].

Diante dessa elucidação, podemos compreender que, dentro desse cosmos da masculinidade, existem subjetividades e uma multiplicidade do que é ser esse homem. Os vaqueiros, que são sujeitos diversos, permitem-se transbordar e externalizar os seus sentimentos e o seu olhar sobre a própria profissão. Eles narram os riscos do trabalho, a coragem para a lida e expõem as cicatrizes que carregam em suas memórias e em seus corpos, feridos e marcados no labor diário.

O vaqueiro Walteir Sousa, ao relatar eventos de sua vida, menciona as lesões que adquiriu no trabalho e que se tornaram fatores limitantes em sua performance profissional. Para o sertanejo, foram marcantes as feridas que adquiriu no campo. O seu braço foi quebrado quatro vezes, uma das pernas também foi lesionada logo que se casou com a companheira e adquiriu o seu primeiro cavalo. Com a impossibilidade de trabalhar e para cuidar da família, o vaqueiro precisou trocar o seu cavalo por um saco de arroz:

---

[153] GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. p. 9.
[154]ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 23.

> É... eu tenho umas histórias do tempo que eu comprei. Eu me quebrei quatro vez, isso me marca muito, eu nunca vou esquecer. Quando eu me casei, com um mês e quinze dias, quebrei uma perna correndo atrás de boi. Isso aí tá muito marcado, eu nunca vou esquecer. Eu tinha comprado um cavalo, que eu achava quando eu era menino que eu nunca ia comprar um cavalo meu, com meu dinheiro, que eu nunca ia andar num cavalo meu e nem tirava leite de uma vaca minha, que era pobrezinho. Hoje, graças a Deus, eu não sou mais daquele jeito, tão pobre. Graças a Deus, né? Agradeço a Deus e a essa mulherzinha minha, que nós, quando eu me casei, nós não tinha nada. Aí, eu tinha um cavalo, fui ser vaqueiro. Primeira rês que eu tirei na fazenda, eu comprei um cavalo, um garrote, ganhei um garrote e uma cabra, aí, eu comprei um cavalo. Com um mês e quinze dia que eu tinha me casado, eu quebrei uma perna. Aí, vendi o cavalo por meio saco de arroz e esse meio saco de arroz nunca acabou, só aumentando, só aumentando. Daí pra cá, eu já possuí muito animal bom. É assim, né? bom pro meu uso, de campo. Hoje eu tenho minha propriedade, tenho minha casa, tenho meus animais, gado, cavalo. Pouco, mas tenho. Num sabia nem o que era banco, mas tenho uma poupançazinha pequena no banco. Tem dias que não tem dinheiro, mas estamos ricos de saúde[155].

Mesmo diante das dificuldades financeiras e físicas enfrentadas, Walteir Sousa conseguiu adquirir certa estabilidade material. Além disso, o vaqueiro elucida em sua narrativa que apesar das marcas, cicatrizes e dores, ainda ama correr no campo. Para ele, mesmo a iminência de correr atrás do boi é muito prazerosa.

O relato do vaqueiro lança luz sobre os sentimentos que acompanham o ofício do vaqueiro, como a paixão pelo ato de campear, a ansiedade sentida ao correr atrás do gado, a maneira que o ambiente do campo e da corrida geram prazer. São as emoções que suscitam no vaqueiro esse contentamento, sendo o seu ofício quase um vício.

Na realidade, as práticas de muitos vaqueiros de Elesbão Veloso, nas duas décadas do século XXI, afastaram-se da obrigatoriedade da profissão. Para muitos, as vaquejadas se tornaram um *hobby*, um esporte para determinados indivíduos. Há vaqueiros que correm apenas nas vaquejadas, pegas de boi no mato e no limpo, à procura de satisfação pessoal e de reconhecimento, do divertimento de correr, dos momentos festivos proporcionados pelos eventos, a música, a bebida e as amizades. Walteir Sousa menciona esse prazer proporcionado pela corrida:

> Me quebrei, é difícil a vida de vaqueiro. Quebrei duas pernas correndo atrás de boi, quebrei um braço, quebrei um ombro, meus joelho saiu do lugar, meus dois joelhos. Aqui [na minha perna] é ferro, aqui dói, eu não corro de pé, entendeu? Eu não aguento correr por causa de minha perna. Tem dia que eu sofro muita dor na minha perna. Tem dia que eu não trabalho, porque não

[155] SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

> aguento. Mas, é bom, você correr atrás de um boi no mato, é um prazer grande. Pro vaqueiro é uma ansiedade. Ele vai pegar um boi amanhã, hoje à noite não dorme de ansiedade de correr no mato, num cavalo bom. É muito bom. Eu já possuí muito cavalo bom. Eu tenho gosto, eu tenho prazer. Tenho 51 anos de idade, mas eu tenho prazer de campear[156].

O vaqueiro Cledson Pereira também narra os perigos da profissão e comenta as suas cicatrizes, ao mesmo tempo em que faz questão de enfatizar como sente felicidade em correr atrás do gado. Novamente, faz-se perceptível a paixão, pelo trabalho, pelas vaquejadas e corridas:

> Para mim, Ave Maria, é bom demais. A alegria que eu tenho é ser vaqueiro. No dia que eu monto no cavalo eu sou o homem mais feliz do mundo. Quebrei meus dois braços, passei três anos sem andar montado. Tava querendo ter um medinho. Mas, graças a Deus, eu me apeguei com Deus de novo. Rapaz, minha lida é essa. Eu não posso abandonar, que é o que eu gosto de fazer, correr gado[157].

Com as marcas em seu corpo, o vaqueiro admite um certo medo sentido, usa o diminutivo na palavra "medo" (medinho) para se referir a esse sentimento. Porque ele cresceu e permanece em um meio que responde a certos padrões de masculinidade. Do ponto de vista psicológico, o sujeito descreve o enfrentamento, com o auxílio da religião, de traumas que brotavam em seu interior após os acidentes de trabalho e as lesões. Na sua fala, Cledson Pereira dá a entender que confessar suas fragilidades não é algo comum no meio em que está inserido.

Mesmo com os acidentes como vaqueiro, Cledson Pereira não renunciou a correr atrás do gado. É o que ele gosta de fazer. Assim que se recuperou dos ferimentos, não hesitou em voltar para a lida. Uma das maiores felicidades sentidas em sua vida, segundo o relato, vem do campear. O vaqueiro confessa que correr no campo, montado a cavalo, é quase como um vício para ele:

> É, é perigoso. É bastante arriscado. O cara só vai porque, tipo, é igual a dizer um cara que bebe uma cachaça, é tipo um vício. Quando não vai, o cara fica doente pra ir, quando vê o outro passando pro campo diz: 'rapaz, se fulano tivesse me chamado eu tinha ido'. Mas é assim mesmo, eu acho bom demais. Acho bom[158].

---

[156] SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.
[157] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.
[158] PEREIRA, Cledson. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

Cledson Pereira admite os riscos da profissão. Entretanto, compara o campear com o vício em bebida alcoólica, porque a partir do momento em que aquele indivíduo não pode ir para a lida, sente-se frustrado, sente falta de realizar as suas práticas de trabalho.

A imagem dos corpos másculos, rijos e heroicos, que respondem a uma tradição presente na ambiência dos vaqueiros, encontra uma ruptura quando analisamos esses indivíduos através das suas subjetividades. A descrição heroica presente nos versos de Alvina Gameiro, em sua obra *Chico vaqueiro do meu Piauí*, por Francisco Gil Castelo Branco, em *Ataliba, o vaqueiro*, ou por Manoel Ferreira da Silva nos cordéis, contrastam algumas vezes com os relatos dos vaqueiros, que sentem emocional e fisicamente as agruras do cotidiano. Os vaqueiros são múltiplos em diversos aspectos. Eles sentem dores, medos, angústias, frustrações; mas também desfrutam de descargas de endorfina quando montados em seus cavalos correndo atrás do boi.

4 "MINHA DIVINA SANTA CRUZ": A INFLUÊNCIA DA FÉ NAS ATIVIDADES DOS VAQUEIROS

O objetivo deste capítulo é analisar a relação dos vaqueiros, no exercício do seu ofício, com a religiosidade. Inicialmente, é oportuno apresentar ao leitor a figura religiosa mais recorrente nas entrevistas realizadas com os vaqueiros de Elesbão Veloso: a Divina Santa Cruz. A tradição oral que envolve o aparecimento da famosa cruz de madeira, está diretamente ligada à figura do vaqueiro. Segundo os relatos, a cruz foi produzida por um beato e entregue ao vaqueiro da fazenda localizada na região. Em escritos ainda do final do século XIX, começam a surgir os primeiros registros dos milagres que, segundo a população, foram realizados através da cruz[159].

Os vaqueiros piauienses, atualmente, ainda peregrinam para o local e participam das missas e festividades religiosas anuais realizadas na cidade. Sempre mencionam a Divina Santa Cruz e uma série de santos, aos quais são devotos. Nas residências dos vaqueiros, é possível visualizar ao lado dos troféus e fotografias, as figuras religiosas; assim como nos eventos dos quais participam.

A religiosidade está imbricada na vida dos vaqueiros e dos demais sertanejos. Suas práticas, costumes e ritos são destacadas expressões culturais desses sujeitos, prova disso são as manifestações mencionadas no parágrafo anterior. O catolicismo é a religião da qual é adepta a maioria dos vaqueiros piauienses. De acordo com o Portal *UOL* de Notícias (2025), no censo do IBGE de 2022, o Piauí é o estado brasileiro com a maior quantidade de católicos do país, onde 77,4% da população do estado se autodeclara católica.[160] o estado brasileiro com a maior quantidade de católicos do país. Isso não anula, entretanto, o sincretismo presente nas vivências cotidianas dos vaqueiros. Muitos utilizam credos de origens não-cristãs (indígenas e africanas, especialmente) para realizarem suas práticas de reza e cura[161].

---

[159] SANTOS, Patrícia de Sousa. **Comemorando a Bendita Santa**: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres. 2020, 223f. Tese (Doutorado História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2020.

[160] UOL. *Quais estados têm maioria da população católica no Brasil? Veja ranking*. Notícias UOL, 6 jun. 2025. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/06/06/quais-estados-tem-maioria-da-populacao-catolica-no-brasil-veja-ranking.htm. Acesso em: 18 ago. 2025.

[161] PONTES, Emilio Tarlis Mendes. **Fé e pragmatismo no sertão**. MERCATOR, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 155-168, 2014.

A religiosidade está entrelaçada nas relações sociais, no cotidiano e nas emoções dos vaqueiros piauienses. À frente, discute-se como essa religiosidade os auxilia no trabalho diário, encorajando-os a enfrentarem os desafios da lida com o gado.

4.1 A oração que encoraja

A rotina do vaqueiro, narrada em seus próprios relatos ou representada na literatura, é árdua. O cotidiano de trabalho exige muito, mas, ao mesmo tempo, proporciona bons sentimentos. Algumas vezes, o vaqueiro deixa a sua casa sem saber se irá retornar bem. Mesmo com o auxílio das novas tecnologias, o vaqueiro ainda encontra riscos em sua profissão.

Tal questão nos leva a questionar como esses indivíduos conseguem administrar sentimentos antagônicos, como coragem e medo. Para além das questões da masculinidade, a fé representa um elemento anímico. Recorre-se aos santos em busca de proteção. Os pedidos ao divino, quando os vaqueiros deixam as suas casas para realizarem as atividades laboriosas, são rotineiros. Rezar a oração do Pai Nosso em grupo, antes da pega de boi no mato, funciona como um ritual; e a presença das imagens da Santa Cruz e de Nossa Senhora Aparecida não pode faltar, assim como a missa celebrada pelo padre antes dos eventos começarem.

Os santos, para os cristãos católicos, são exemplos de conduta; humanos que passaram pela vida e enfrentaram as dificuldades por meio da fé, alinhados aos ensinamentos de Jesus Cristo. As biografias dos santos, servem como modelo e são eles considerados intercessores entre os humanos e o divino. A humanidade dos santos permite uma maior identificação por parte dos indivíduos. Por essa razão, os vaqueiros confiam sua proteção aos santos. Somado a isso, a cultura e os costumes são elementos que afirmam essas práticas. A reza e os ritos realizados pelos vaqueiros são tradições passadas pelas gerações[162].

Nas narrativas dos vaqueiros entrevistados, é possível identificar esses hábitos diários e os rituais praticados nas vaquejadas. Galdêncio Leão, vaqueiro já em idade avançada, que vive no município de Elesbão Veloso, apresenta em suas falas a importância da fé em sua história de vida:

> A história de Santa Luzia, nós usamos ela na nossa casa. Impressionante, porque ela é quem guarda a luz dos olhos da gente. Pode olhar que no quadro dela tem uma bandeja, que ela não enxerga os olhos dela. Pode olhar que tem um quadrozinho ali, uma bandeja que tem os olhos dela, que tá ali dentro daquela bandeja. Aí, eu acho muito bonita a imagem de Santa Luzia. Aí, sempre na minha casa eu tinha ela como retrato. Aí, fui e mandei ampliar um

[162] SANTOS, Patrícia de Sousa. **Comemorando a Bendita Santa**: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres. 2020, 223f. Tese (Doutorado História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2020.

> quadro. Pode olhar, tá bem aí que tá bonito o quadro ali ampliado. Lindo, né? E isso aí é pra me acompanhar durante a minha vida, entendeu? Aí, a gente tem... os olhos, né? A proteção, a visão. E aí, de qualquer maneira, eu sempre apreciei. Eu tenho um quadro de qualquer santo na minha casa, eu apreciei. São Miguel, o São Jorge, que é cavaleiro, montador, né? Eu tenho um quadro de São Jorge. Aqui tá na outra parede ali, que eu não coloco tudo aqui[163].

No relato do senhor Galdêncio podemos notar dois aspectos importantes. O primeiro, é como o vaqueiro se apega a Santa Luzia, conhecida como protetora dos olhos, com a fé de que essa zele por sua visão, importante instrumento no trabalho do vaqueiro. O segundo aspecto, alinhado a esse, é a manutenção do costume de sempre ter presente em sua casa as imagens dos santos aos quais é devoto.

Outra questão que cabe observar está presente na narrativa do vaqueiro Walteir Sousa, o qual descreve o hábito de pedir a proteção dos santos antes de sair de casa para a lida, porque sabe dos riscos que a profissão lhe impõe:

> A gente se apega muito com os santo, Nossa Senhora Aparecida. Quando a gente... mais é quando a gente tá aperriado. Aí, a pessoa chama por nome de santo, e de tudo quanto é coisa. Todo dia a gente se apega com Deus, vai pegar um boi, a primeira coisa que a gente pede é a Deus, né, que a gente vai e vem em paz, né. Aí, a gente se apega com os santo, os protetor dos vaqueiro, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio pequenino, Santa Cruz dos Milagres, né? Que a gente vai e venha em paz, que a gente pegue aquele boi naquele dia[164].

Na fala de Walteir Sousa, novamente vemos a forma como os vaqueiros recorrem ao divino em busca de proteção; confiam os seus sentimentos e segurança à força mística da fé, o hábito presente no cotidiano de pedir a proteção de Deus para voltarem em segurança para casa. Para além disso, mais uma vez entra em destaque a Santa Cruz dos Milagres como um dos principais objetos de devoção por parte dos vaqueiros.

Durante as entrevistas e visitas as casas dos vaqueiros, realizadas para a feitura deste estudo, foi possível observar as imagens dos santos próximas aos troféus de competições de pegas de boi no mato. Como um sinal de agradecimento, esses sujeitos exibem as imagens presas às paredes ou postas em um altar, como pode ser visualizado na Figura 3 o altar com os troféus e a imagem da Santa Cruz dos Milagres presentes na casa do vaqueiro Cledson Pereira.

---

[163] LEÃO, Galdêncio de Sousa. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 28 de dezembro de 2023.
[164] SILVA, Walteir Sousa da**. Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

:



Figura 5: Altar com troféus e imagem da Santa Cruz dos Milagres presentes na casa do vaqueiro Cledson Pereira.
Fonte: Maria Helena Ferreira (junho, 2023).

Na Figura 5 podemos perceber a presença de diversos troféus postos em uma prateleira, exposta na sala da casa do vaqueiro Cledson Pereira, ao lado a imagem da Santa Cruz dos Milagres. A imagem da santa, posicionada ao lado das premiações, serve para recordar a importância da fé. Também é um agradecimento pelas conquistas alcançadas, como se a santa que realiza milagres tivesse permitido as vitórias nas pegas de boi.

Os Estados do Nordeste possuem algo comum entre si: as missas dedicadas aos vaqueiros durante os festejos de diversos munícipios, como é o caso da comunidade de Bento Simões na Bahia. Nessa localidade, a missa dos vaqueiros é realizada uma vez durante o ano e conta com a presença de vaqueiros trajando vestimentas tradicionais de trabalho, como o gibão, a perneira, o chapéu de couro, e desfilam pela cidade em seus cavalos rumo à igreja, onde participam da missa com os familiares. A homilia, momento de reflexão sobre o evangelho, é dedicada aos vaqueiros; o padre, normalmente, aproveita a ocasião para ressaltar o trabalho árduo, a força e coragem desses sertanejos. Nas intenções da missa, são colocados os que já partiram, como forma de os preservar na memória da comunidade e pedir a Deus o acolhimento

de suas almas. Também há um momento da celebração no qual são abençoados os objetos de trabalho dos vaqueiros[165].

Nos munícipios piauienses também são realizadas missas dedicadas aos vaqueiros. Na cidade de Altos, durante os festejos de São José, há um dia dedicado aos vaqueiros. O município tem ruas interditadas para que ocorra a tradicional cavalgada e, ao final, a missa dedicada aos vaqueiros é celebrada. Em Elesbão Veloso, recorte espacial desta dissertação, os festejos de Santa Teresinha (padroeira da cidade) são realizados no mês de setembro e há um dia reservado aos vaqueiros. Essas participações não se limitam apenas ao local em que esses sujeitos vivem. Os vaqueiros elesbonenses e de outras regiões, por exemplo, peregrinam de suas cidades para participarem dos festejos da Divina Santa Cruz.



Figura 6: Vaqueiros participando da festa dedicada aos vaqueiros em Santa Cruz dos Milagres (PI).
Fonte: Disponível em: https://www.portalr10.com/noticia/119408/emocao-e-tradicao-santa-cruz-dos-milagres-celebra-tradicional-festa-em-homenagem-aos-vaqueiros. Acesso em: 24 jul. 2025.

[165] SANTOS, Ana Paula Lima. **Ser(tão) de couro**: discussões sobre a produção da política patrimonial no caso do ofício de vaqueiro. 2018, 146f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, 2018, p. 113-114.



Figura 7: Missa dos vaqueiros em Santa Cruz dos Milagres (PI).
Fonte: Disponível em: https://www.portalr10.com/noticia/119408/emocao-e-tradicao-santa-cruz-dos-milagres-celebra-tradicional-festa-em-homenagem-aos-vaqueiros . Acesso em: 24 jul. 2025.

Nas Figuras 6 e 7 é possível notar a comoção dos vaqueiros com a Divina Santa Cruz, A Santa Cruz, à qual os vaqueiros direcionam tanta devoção, tem ligação com a classe vaqueira não somente pela narrativa de sua descoberta, mas pela tradição construída desde então entre os sertanejos. As histórias a respeito dos milagres que teriam sido realizados através da intercessão da Santa Cruz são reproduzidas em várias famílias por várias gerações. A exemplo dos ex-votos, que geralmente estão ligados a alguma parte do corpo humano, onde após a realização do milagre pela santa os devotos deixam espalhados pelo santuário objetos de madeira que representam as partes do corpo curado, que sofreram algum ferimento da lida do trabalho no campo ou por outras doenças. Isso demonstra e prova aos demais fiéis o milagre. Além disso, os fiéis validam e pagam os seus milagres de outras maneiras, como por exemplo ao entrar na igreja de joelhos ou fazer doações ao santuário. Esses milagres confirmados acabam virando narrativas que se perpetuam por gerações.[166]

A fé do sertanejo ascende das circunstâncias às quais são submetidos na vida cotidiana, como as dificuldades oriundas das secas, a dependência das chuvas para uma boa colheita, o distanciamento de serviços públicos na saúde e na educação. De fato, essas conjunturas mudaram nas últimas décadas, em muito devido à criação de programas sociais, como o

[166] SANTOS, Patrícia de Sousa. Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1968 a 1990). 2020, 223f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2020, p. 184-185.

"Programa Luz para Todos", a feitura de cisternas, operações com carros pipa, bolsa estiagem e, além disso, programas facilitadores de crédito para pequenos produtores.

Para além da ajuda material do governo, os sertanejos se esteiam na fé, na crença nos santos que acreditam interceder por eles e trazer as tão aguardadas chuvas. Essa devoção se faz muito presente em Santa Cruz dos Milagres, cidade/santuário que fica a 65 km de Elesbão Veloso, onde os romeiros realizam atos de devoção e pedem por meio da oração os mais diversos milagres; seja a chuva, um emprego ou a cura de enfermidades.

> [...] a crença que perpassa gerações, sendo possível encontrar no Santuário dos avôs aos netos, todos movidos pela fé na mesma divindade, que habita seus lares e os auxilia nas horas de agonia, seja na busca do emprego ou na cura de uma enfermidade. Segundo os devotos um pedido com fé para a Santa Cruz dos Milagres os faz ser válidos[167].

Os vaqueiros encontram na fé e nas divindades o arrimo da coragem para conseguirem enfrentar o trabalho no campo. Pedem, antes de sair de casa, a proteção de Deus e dos santos, para voltar em segurança para a sua família. Clama pelas suas criações. Os vaqueiros se mostram intimamente relacionados com a fé e os valores cristãos; essa energia transparece em suas atitudes e ritos, assim como nos símbolos que guardam em suas casas.

A religiosidade se torna esse aparato forte e comum para os sertanejos, muito em razão do potencial da oralidade para transmitir memória e tradições. Por meio dos relatos dos fiéis, sobre os milagres realizados, é que a crença se transforma em algo quase que palpável para as populações interioranas. As narrativas são disseminadas através das gerações e a memória funciona como um modelo acessível e comum ao grupo.

> Em nome de uma história ("era uma vez"), ou de um património comum (espiritual e/ou material), ela insere os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e exige-lhes, em nome da inefável identidade do eu – ipseidade suposta como o actante omnipresente em todas as fases da vida – ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. O seu efeito tende a traduzir-se numa mensagem, ou melhor, tende a interiorizar-se como norma[168].

Segundo a análise de Fernando Catroga, a narrativa funciona como um patrimônio comum aos indivíduos, permitindo que em meio à descoberta de si, identifique-se com a

---

[167] SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Construindo a fé, recriando a divindade**: uma experiência religiosa no sertão do Piauí. Rev. Hist. UEG, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 167-191, 2013.
[168] CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 26 e 27.

memória coletiva e a tradição. Repassa-se essa memória e as memórias individuais através, especialmente, da oralidade.

A tradição é um elemento importante entre os vaqueiros. É ela que permite, até os dias atuais, a presença da cultura viva em meio à sociedade. Da mesma maneira que os vaqueiros receberam elementos da cultura material dos seus antepassados, esses vaqueiros também conservam e perpassam as tradições religiosas e as praticam em sua rotina de trabalho.

> Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado[169].

A noção de "tradição inventada", aplicada pelo historiador Eric Hobsbawm, instiga a reflexão sobre a importância dos costumes religiosos desses sertanejos. São incorporadas novas práticas aos hábitos passados, preservando diversos elementos das práticas dos antepassados. Nesse sentido, as missas dedicadas aos vaqueiros durante os festejos das cidades do Piauí são a prova prática da manutenção dessa práxis.



Figura 8: Cavalgada dos vaqueiros durante os festejos de Santa Teresinha – Elesbão Veloso (PI). Fonte: Augusto Bruno da Costa Carvalho (setembro, 2023).

[169] HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 8.



Figura 9: Celebração de missa dedicada aos vaqueiros durante os festejos de Santa Teresinha – Elesbão Veloso (PI).
Fonte: **Padre Diego Santos**. Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus-Elesbão Veloso-Pi. *Instagram*, 29 set. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAgY7-Ovv0d/?img_index=1. Acesso em: 18 ago. 2025.

Nas Figuras 8 e 9 acima, é possível observar o engajamento dos vaqueiros às práticas religiosas e como isso impacta os demais sujeitos da cidade, onde pessoas que não atuam como vaqueiros participam da cavalgada e da missa dedicada a eles. Sejam crianças ou idosos, a cultura e a fé os impactam e os levam a participarem das comemorações.

Tal costume, a participação dos vaqueiros nas missas, demonstra como esses sujeitos estão ligados aos santos católicos, à religião e à fé. Essa religiosidade não é somente um mecanismo de coragem, mas é algo imbricado culturalmente na vida e no cotidiano dos vaqueiros.

O vaqueiro encontra na devoção aos santos, alimento para a sua coragem. Vistos por alguns como heróis, os vaqueiros admitem os seus medos, mas buscam arrimo na fé para seguir adiante na lida e nas competições. Nos domínios inóspitos do medo, no lugar mais improvável, germina a fé do vaqueiro.

4.2 A fé como mecanismo de trabalho

As atividades dos vaqueiros acompanharam os avanços tecnológicos com o passar dos séculos, incorporando algumas novidades ao seu trabalho. Um dos principais avanços utilizado pelos vaqueiros, que modificou a dinâmica do seu ofício diário, foi a delimitação das áreas de pastagem do gado, por meio das cercas e dos currais, que aprisionam o gado durante a maior

parte do dia. Dessa maneira, os vaqueiros passaram a trabalhar em uma área mais restrita, próxima às suas casas na fazenda, retornando para o lar ao final de cada dia. Outrora, o gado pastava solto em longa extensões de terra, o que colaborou com o surgimento de latifúndios no Piauí e em outros Estados do país[170].

Mesmo diante das mudanças nos métodos de criação, os vaqueiros não se afastaram da essência cotidiana do seu trabalho, tampouco da fé que carregam, como um hábito, um costume e, mesmo, uma tradição. Em seus relatos muitos descrevem essas problemáticas e a dureza da responsabilidade de cuidar das fazendas, dos animais e, por vezes, das plantações. A função do vaqueiro é zelar por aquele ambiente que foi a ele confiado:

> Era tudo solto naquela antiguidade, como aqui também era, mas hoje já está tudo cercado, os campos são pequenos, a gente se juntava de 10, 20 vaqueiros num campo só, e hoje cada qual vai pra sua roça, cada qual tem seu local, né? Mas de primeira juntava muito vaqueiro na Caatinga, muito nas regiões, né?[171]

O vaqueiro Galdêncio Leão relata como era realizado esse cuidado com o gado nas décadas anteriores e como o trabalho do vaqueiro agora se concentra em áreas delimitadas. Além disso, com as mudanças trabalhistas, o vaqueiro passou a ter, em certos casos, um salário fixo, somado ao antigo costume da remuneração com a quarta parte dos animais que nasciam. Essa dinâmica permitiu que alguns vaqueiros possuam hoje a sua própria fazenda.

Assim como a delimitação das áreas criadoras, os avanços da medicina veterinária também impactaram o trabalho dos vaqueiros e a economia pecuária, permitindo que o gado tenha acompanhamento adequado na nutrição, nas intervenções farmacológicas, nos cuidados reprodutivos e em outros procedimentos, sempre que necessário. Contudo, em que pese a inserção da ciência veterinária nas fazendas de gado, em determinadas situações os vaqueiros acabam recorrendo a práticas de cura transmitidas através dos costumes. Existe uma mística acerca dessas crendices e práticas de cura, sobre a qual muitos vaqueiros preferem não comentar, seja por respeito a essa tradição ou por supersticiosidade.

A prática de cura e os rezadores foram influenciados pelos beatos. Na ausência dos párocos, nas regiões sertanejas mais remotas do Piauí eram os beatos que assumiam a responsabilidade sobre o exercício das práticas cristãs e transmitiam os seus aprendizados

---

[170] SANTOS, Ana Paula Lima. **Ser(tão) de couro**: discussões sobre a produção da política patrimonial no caso do ofício de vaqueiro. 2018, 146f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, 2018. p. 29-30.

[171] LEÃO, Galdêncio de Sousa. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 28 de dezembro de 2023.

católicos aos sertanejos, tornando a prática do cristianismo mais acessível para esses sujeitos, aplicando-a em seu cotidiano. Assim, eram ensinadas as rezas do terço, as ladainhas e o ofício de Nossa Senhora; e ainda eram criados lugares de devoções aos santos[172].

> O beato figura como um dos personagens principais na criação desse catolicismo sertanejo, que adequava às práticas religiosas da Igreja Católica a realidade do povo. O beato tinha a missão de ensinar o terço, o ofício de Nossa Senhora e as ladainhas, uma ação que tinha como objetivo lutar contra o demônio e levar os devotos para o caminho da redenção. [...] Portanto, foi pela ação de alguns desses beatos, que tem início nas cercanias das cidades pontos de devoção, lugares aonde se ia ao encontro de Deus pelas vias do "Santo Caseiro", que é aquele criado e aclamado pela comunidade. Caso ele fosse provedor de muitos milagres a devoção deixava o espaço da comunidade e se expandia para as regiões circunvizinhas. Uma religiosidade recriada ao modo dos seus fiéis, com santos semelhantes a eles[173].

Os beatos foram responsáveis por aproximar esses sertanejos do caminho religioso, e foi através deles que esses sujeitos adquiriram o conhecimento em torno das práticas de cura do corpo com as rezas, tendo como o mecanismo a fé. Dessa maneira, se iniciou a invocação dos santos para curar dores físicas e espirituais. Para além disso, aprenderam técnicas para curar os animais.

> Eram esses "Santos Caseiros" que curavam a dor de estômago, as erupções na pele, a gripe brava, o desaparecimento da rés ou mesmo as doenças incuráveis, em troca recebiam dos fiéis orações e celebrações geralmente festivas, que além de servir como pagamento da promessa, possibilitava o encontro com os conhecidos, cabendo ao santo recompensar o devoto com a graça[174].

Essa prática da cura do corpo e, principalmente, da rês estava envolta por uma mística. Muitas vezes os rezadores não compartilham suas técnicas para outros sujeitos. Vaqueiros relatam a admiração por quem possui o dom de curar, mas, raramente, comentam com riqueza de detalhes as habilidades dos rezadores. Outros relatam que realizam a cura, todavia, não descrevem as práticas. As curas e crendices sertanejas estão fundamentadas em um sincretismo, que tem como base a religião católica vinda, especialmente, da cultura europeia e de outras crenças, como as de matriz africana e indígena[175].

---

[172] SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Construindo a fé, recriando a divindade**: uma experiência religiosa no sertão do Piauí. Rev. Hist. UEG, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 167-191, 2013, p.176.
[173] SOUZA; SANTOS, 2013, p. 176-177.
[174] SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Op. cit**, 2013, p. 177.
[175] SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Op. cit**, 2013, p. 175.

As práticas de cura associadas ao cristianismo iniciam-se ainda na Europa medieval. O Velho continente acabou por contribuir com significativos elementos na formação religiosa do Brasil. Dito isso, é possível o estabelecimento de paralelos entre a prática europeia e os ritos realizados por alguns taumaturgos nas regiões sertanejas do Nordeste do Brasil.

O historiador Marc Bloch, analisa em um de seus estudos os reis taumaturgos que atuavam na Europa medieval. Acreditava-se que o toque desses reis era capaz de curar os males do corpo. O monarca era considerado intermediador entre o divino e o plano terrestre, por isso muitas pessoas os procuravam em busca do milagre da cura:

> Em primeiro lugar, isto: Luís VI – cujo reinado se estende de 1108 a 1137 – passava a possuir o poder de curar os escrofulosos; os doentes chegavam em multidões até ele e o rei, convencido sem margem para dúvidas da força milagrosa que o céu lhe concedera, rendia-se a suas súplicas. Não uma única vez, por acaso, em um momento de entusiasmo popular excepcional. Estamos diante de uma prática já "costumeira", de um rito regular revestido de formas que lhe serão próprias durante todo o curso da monarquia francesa: o rei toca os doentes e faz sobre eles o sinal da cruz – esses dois gestos sucessivos permanecerão tradicionais[176].

Nesse recorte da obra de Marc Bloch, é possível ver a atuação desses reis taumaturgos e como esses realizavam a prática de cura nas pessoas, tocando-as e fazendo o sinal da cruz. O historiador ressalta, ainda, a tradição que nasceria desses dois gestos. Frente ao forte catolicismo imposto desde o início do processo de colonização brasileira, estão arraigados em nossas raízes os hábitos e costumes católicos. Apesar disso, com o tempo, são evidentes as tentativas, por parte dos representantes religiosos, de aproximação com os demais sujeitos que não possuíam o conhecimento sobre os ritos cristãos.

Os beatos mencionados anteriormente, utilizam características de afinidade e semelhança para se aproximarem dos sertanejos. Eles narravam as histórias dos santos católicos tornando-os mais próximos à realidade das pessoas comuns. De tal modo, esses santos europeus eram representados com características físicas e personalidade similares aos sertanejos nordestinos. Essa questão é marcada, até, por traços de outras religiões, que se refletem na formação cultural brasileira. Há a adaptação de diversas matrizes religiosas e um claro sincretismo religioso na formação da crença popular.

---

[176] BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra; tradução de Marcelo Santiago Berriel. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020, p. 42 e 43.

> É nesse espaço de religiosidade heterogênea que a devoção surge, na maioria das vezes mesclada com elementos de diversas religiões, predominando em alguns casos os ritos católicos, como a reza do terço e mesmo a devoção aos santos, crença geralmente fomentada pelas histórias dos santos e seus exemplos de castidade e temeridade a Deus. A hagiografia desses taumaturgos era contada aos sertanejos com características locais. Logo o santo estrangeiro e europeu ganhava a cor e a forma de seus ouvintes, funcionando essas histórias como instrumento de instrução e dogmatização[177].

É esse sincretismo religioso que fundamenta as crendices e a fé dos vaqueiros. Alguns desses sujeitos denominam de ciência ou arte de curar as práticas por eles exercitadas. É comum, quando alguma enfermidade dos animais supera as capacidades da medicina veterinária, algum vaqueiro conhecido por saber "rezar" ser chamado para tratar esses animais. Muitos são os relatos a respeito da eficiência desses métodos, ao ponto de a oralidade constituir uma tradição em torno das práticas de cura:

> De curar o gado, quando não cura no remédio, né? Tem uns que a gente cura no rastro. Eu sei fazer. A gente cura olhando pra ele dali, ele tá vindo aculá, aqui pra lá numa folha, numa embira de pá de carnaúba, ou embira de miroró, que é a árvore que tem no mato, agudoeiro. Essas árvores a gente tira uma embira e daqui pra ali a gente cura, né? Então, presente. Mas tem muito pessoal que eu acho mesmo que seu avô, eu acho que ele curava sem ver o vivente. Sem ver. Aí, tem muitos que vê aculá, tem um animal que tá precisando de uma cura, daqui pra lá ele faz, sem estar vendo o animal, né? Só daqui mesmo, né? Só da ideia dele, aí, é uma ideia, uma cultura que ele aprendeu, uma ideia, uma reza, não sei, o que for, mas ele sabe fazer daqui pra lá. Agora eu não sei, eu sei presente. Sei presente. E no rastro, né? Aí, eu sei, a gente é católico, a gente sabe disso[178].

O vaqueiro Galdêncio Leão, um dos vaqueiros mais velhos entre nossos entrevistados, conhecido e respeitado no munícipio de Elesbão Veloso, relata no trecho acima que realiza a prática de cura no gado quando os fármacos não funcionam. Quando recebe a notícia que o animal está doente, o senhor Galdêncio tenta curá-lo utilizando rezas e pedaços de plantas típicas da região. Ou seja, o vaqueiro cura apenas na presença do animal, com ele próximo. Mas, relata que existem vaqueiros conhecidos por curarem o gado "pelo rastro", a longas distâncias. Ressalta, ainda, Galdêncio Leão que esses vaqueiros rezadores são católicos. Não é possível afirmar que essa reza envolva apenas elementos da religião católica, no entanto, ela é

---

[177] SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Construindo a fé, recriando a divindade**: uma experiência religiosa no sertão do Piauí. Rev. Hist. UEG, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 167-191, 2013, p. 175.
[178] LEÃO, Galdêncio de Sousa. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 28 de dezembro de 2023.

a essência dessa prática. Os vaqueiros ainda utilizam o conhecimento que possuem sobre as plantas e a mata para criar medicamentos caseiros.

Para além disso, como mencionado antes, essa práxis está envolta por uma mística que não é ensinada a qualquer vaqueiro. Muitos deles não entendem como alguns são capazes de realizar as curas, todavia, acreditam, através da fé, que é possível e se dizem testemunhas da eficácia das práticas. Há vaqueiros que ainda preferem não saber muito acerca desses costumes, mostrando receio sobre aquilo que lhe é em parte desconhecido.

> É, avançou, avançou muito. De primeira ninguém dava remédio a gado, muito pouco sal, sal branco, e muito pouco. Mas, hoje, é tudo no remédio, tem os veterinário pra acompanhar as fazenda. Hoje em dia, toda fazenda grande, deu de 50 bezerro pra frente, tem o veterinário da fazenda, do patrão pra cuidar dos animais e ajudar o vaqueiro, assim, a orientar o vaqueiro. É porque antigamente tinha o seguinte, antigamente tinha muito vaqueiro é... que curava o gado, tinha vaqueiro que trazia gado, que curava gado sem botar remédio, tinha as ciência de curar, as ciência de curar o boi, o bezerro, conforme seja. Tava correndo, achava o rastro, curava no rastro, fazia algum tipo de ciência que o vaqueiro sabia, né, numa embira, numa pedra, assim como seja, e curava. "Ali, teu boi tá com bicheira, teu bezerro, tua vaca", aí, ele dizia: "Não, já curei.". Tinha deles, não todos eles, mas tinha gente que curava no rumo. É, nós tamo em Elesbão, tem um boi teu com bicheira em São Félix, daqui curava, o vaqueiro, tinha vaqueiro que curava[179].

Walteir Sousa relata o trato com o gado por meio da medicina veterinária, afirmando que as práticas de cura da rês são realizadas há muitos anos. Mesmo não exercitando essas curas, ele possui o conhecimento através da tradição e de suas vivências como vaqueiro; e as denomina de "as ciências de curar", ou seja, o conhecimento das orações e da natureza aplicado para alcançar as curas.

Em contrapartida, o vaqueiro Cledson Pereira, ao ser questionado sobre as crendices e as técnicas de cura, mostrou-se mais evasivo, como se sentisse receio de comentar o assunto e não compreendesse como essa técnica é possível. No trecho da entrevista transcrita abaixo, Cledson Pereira mostra-se reticente para falar do assunto ao ser questionado:

> Maria Helena Ferreira: Você tem alguma religião, alguma crendice?
> Cledson Pereira: Não, não. Só mesmo a fé em Deus, na Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida, que protege nós aqui.
> Maria Helena Ferreira: Na Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida?
> Cledson Pereira: Santa Cruz é a proteção de todos nós vaqueiro.
> Maria Helena Ferreira: Como funciona essa religião na sua rotina?

[179] SILVA, Walteir Sousa da**. Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 12 de julho de 2023.

> Cledson Pereira: Rapaz, todo vaqueiro quando sai de casa, principalmente na hora que a gente sela o cavalo, a gente se apega logo com Deus e ela duas. Eu, no meu ponto de vista é isso, quando eu selo meu cavalo pra ir numa festa, eu me apego com a Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida que é protetora dos vaqueiros.
> Maria Helena Ferreira: No meio dos vaqueiros tem algum tipo de ritual, reza, crendice? Como funciona essas rezas, até mesmo as vezes com algum animal ou entre vocês mesmo?
> Cledson Pereira: Não, essa aí não tem não. Só nós com nós mesmo, cada qual faz sua oração, pede a Deus na hora que for correr. Só agradece mesmo a Deus no nosso coração, cada um de nós vaqueiro[180].

Cledson Pereira conta ainda que os vaqueiros não possuem um tipo de ritual ou crendice entre eles mesmos, realizando apenas orações antes de fazer a lida ou competir nas vaquejadas e corridas de mato. Do mesmo modo, pode-se concluir que as crendices e rituais se direcionam às práticas de cura tanto do gado, quanto do próprio vaqueiro.

Outro relato interessante é feito pelo vaqueiro Iranildo Costa, que afirma ser a sua fé direcionada apenas à Divina Santa Cruz, protetora dos vaqueiros piauienses. O vaqueiro, mesmo quando não é católico praticante, crê e entrega a sua vida à Santa Cruz antes de trabalhar diariamente e quando vai competir nas vaquejadas e pegas de boi no mato e no limpo.

> Maria Helena Ferreira: Você tem alguma religião?
> Iranildo Costa: Não!
> Maria Helena Ferreira: Você é devoto de algum santo?
> Iranildo Costa: Só a Divina Santa Cruz mesmo. Só ela e pronto.
> Maria Helena Ferreira: Como foi que começou essa sua devoção?
> Iranildo Costa: Desde de pequenininho lá na cidade né, o pai me levava lá.
> Maria Helena Ferreira: Sempre teve a devoção, quando campeia?
> Iranildo Costa: Sempre, demais com ela, me apego demais com ela e com Deus. Peço a Ele que dê certo, principalmente quando passo muito tempo fora.
> Maria Helena Ferreira: E tem muita crendice entre os vaqueiros?
> Iranildo Costa: Tem muito! Demais mesmo. Quando reúne os vaqueiro pra campear sempre tem faz uma reza, uma oração ali[181].

A narrativa de Iranildo Costa converge com a de Cledson Pereira. No meio dos vaqueiros, mesmo aqueles que não são católicos praticantes, nutrem alguma fé nos santos. Essa postura está radicada nas tradições, de modo que é reproduzido o costume, entre esses sujeitos, de realizarem orações antes de campear, cofiando suas vidas aos santos.

---

[180] DANTAS, Cledson Pereira. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 12 de julho de 2023.
[181] COSTA, Iranildo. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

A fé dos vaqueiros faz-se presente no cotidiano de trabalho desses sujeitos, assim como nas competições de pega de boi. Para além disso, ainda são utilizadas essas técnicas na tentativa de curar os animais doentes quando a medicina científica mais nada pode fazer por eles, demonstrando que algumas práticas tradicionais ainda permanecem mesmo com a chegada das novas tecnologias e da medicina veterinária no campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E lembrou-se de agradecer
A Deus por aquela história
De sucesso e de glória
Que acabara de viver
Pois aquela grande aventura
Tinha a sua assinatura
Pra nunca mais se esquecer
Os outros vaqueiros chegaram
Presenciando o ocorrido
Vendo o marruá vencido
A Mané Zeca exaltaram
Seu nome teve mais respeito
Depois daquele seu feito
Que todos testemunharam[182]

O desenvolvimento do Piauí está marcado pela pecuária. Essa atividade econômica impactou a própria formação social do Piauí. Os fazendeiros e os vaqueiros se tornaram figuras importantes para a mecânica sociocultural do estado. Como resultado dessa acomodação, arrimada à divisão do trabalho, foram inventadas diversas expressões culturais em torno dos sujeitos que, inicialmente, estiveram incumbidos da missão de cuidar das fazendas de gado.

Do século XVII, quando inicia o processo de colonização dos sertões de dentro, até a contemporaneidade, no Piauí, a economia, a cultura e a profissão do vaqueiro acompanharam as transformações sociais, econômicas e tecnológicas. Contudo, diversos aspectos do modo de vida constituído por esses sujeitos permaneceram (algumas vezes, reinventados ou adaptados), como a vestimenta de couro e a pega de boi no mato, que foram adequados às condições de cada espaço-tempo. Neste último exemplo, deixando de ser uma prática cotidiana de trabalho, tornando-se um esporte, uma competição.

A escolha da epígrafe acima, retirada do cordel *Mané Zeca e o boi vermelho*, escrito por Paulo Henrique Alves Ferreira, não foi despropositada. Os versos são reveladores sobre os vaqueiros e seu ofício. Nele está presente a fé do vaqueiro, o sentimento de vitória e conquista da lida e a exaltação dos amigos de profissão que acompanharam a porfia.

O intuito deste estudo foi abordar aspectos específicos referentes às vivências dos vaqueiros, no tocante às suas expressões culturais e ao seu ofício, deixando sempre clara a pluralidade desses sujeitos quanto às suas identidades. Buscou-se investigar a participação dos

[182] FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **Mané Zeca e o boi vermelho**. Teresina: [s. n.], 2016.

vaqueiros nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas do município de Elesbão Veloso, no período de 1980 a 2024.

Para além do lugar como profissionais, os vaqueiros, deve-se dizer, são seres humanos múltiplos que carregam consigo dores, medos, felicidades, expectativas, fé. Essa profissão não é apenas trabalho, é corpo e vida. O vaqueiro e a natureza fluem como um só corpo, seu ofício é simbolismo, é cultura. Sua imagem está muito além do heroísmo, seu corpo também é marcado com cicatrizes.

Como sujeitos polifônicos, acompanhados por diversos sentimentos, amparam-se no elemento anímico da fé. A religiosidade funciona como um suporte, dá segurança para que seja enfrentado o cotidiano e suas dificuldades. Os santos, como humanos, são um caminho de aproximação com o divino; espelhos para aqueles que creem.

Dessa maneira, procurou-se apresentar neste trabalho como os vaqueiros elesbonenses, em específico, foram construídos socialmente; assim como sua importância para a economia, e para a cultura. Além disso, frente ao recorte temporal proposto, buscou-se analisar as transformações de cada época, que acompanharam os vaqueiros; também, como as tecnologias impactaram o cotidiano, como os vaqueiros as utilizaram no trabalho e na divulgação de suas tradições. Esses aspectos foram debatidos no decorrer do primeiro capítulo desta dissertação.

Outros pontos apontados, no segundo capítulo, foram a masculinidade e o imaginário que circunda os vaqueiros. “Carnificar” esses sujeitos é algo fundamental; percebeu-se como os corpos dos indivíduos estudados são educados a tolerar, ao menos publicamente, a dor. Os vaqueiros são algo mais que as representações heroicas que os circundam. Diante disso, questões em torno da fé também acompanham os vaqueiros e são fundamentais para as suas vidas; essas dinâmicas foram debatidas no capítulo final do trabalho. Os sertanejos contam com o elemento anímico da fé como arrimo e, mesmo, como um instrumento de trabalho, para realizar as suas práticas de cura.

As entrevistas, com vaqueiros de faixas etárias distintas, colaboraram com a compreensão das mudanças ocorridas no correr das últimas décadas. Por conseguinte, as narrativas dos vaqueiros demonstram a pluralidade das vivências. Foram igualmente importantes as demais fontes utilizadas, a análise das fotografias, cordéis, tabelas, *sites*, foram fulcrais para o desenvolvimento desta pesquisa.

No que se refere ao referencial teórico, as discussões empreendidas por Maurice Halbwachs e Michael Pollak, sobre memória; por Roger Chartier, sobre cultura; por Stuart Hall, sobre identidade; e por Eric Hobsbawm, sobre tradição, foram contribuições imprescindíveis

para a análise da documentação. Do mesmo modo, o corpo bibliográfico com o qual foram estabelecidos diálogos, foi fundamental do ponto de vista metodológico.

Por ocasião destes apontamentos finais, é oportuno registrar que o objetivo desta dissertação foi contribuir com as discussões, nos domínios da historiografia piauiense, sobre os vaqueiros e suas manifestações culturais. Os aspectos abordados foram escolhidos, em algum grau, através da perspectiva e das vivências da autora deste texto, que a levaram a definir seus objetivos, problemas e hipóteses. Muito há, ainda, para se estudar sobre a cultura dos vaqueiros piauienses e nordestinos; assim como existem inúmeras outras abordagens a serem exploradas.

Dito isso, procurou-se apresentar alguns fragmentos da multiplicidade que compõe os vaqueiros e sua cultura, ressaltando-se a importância e dessa cultura para a sociedade. Os vaqueiros foram imprescindíveis para a formação social, econômica e cultural do Piauí, do Nordeste e, mesmo, do Brasil.

REFERÊNCIAS

1 Fontes

1.1 Entrevistas

BARRETO, João de Deus. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira.** Elesbão Veloso, PI, 2023.

COSTA, Iranildo. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

DANTAS, Cledson Pereira. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 12 de julho de 2023.

LEÃO, Galdêncio de Sousa. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 28 de dezembro de 2023.

SILVA, Walteir Sousa da**. Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

SILVA, Manoel Ferreira. **Entrevista concedida à Paulo Henrique Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 14 de abril de 2017.

SILVA, Manoel Ferreira. **Entrevista concedida à Paulo Henrique Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 08 de setembro de 2019.

1.2 Livros, opúsculos e cordéis

ALMENDRA, Jacob Manuel Gayoso e. **Pecuária**. Teresina: Imprensa Oficial, 1931.

BRASIL. IBGE. **Elesbão Veloso**: Nordeste, Piauí. Rio de Janeiro, 1 fev. 1984. Coleção Monografias Municipais.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012.

FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **A primeira letra do vaqueiro Mané Zeca**. Teresina: [n. n.], 2017.

FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **Mané Zeca pegou no capricho**. Teresina: [s. n.], 2018.

FERREIRA, Paulo Henrique Alves. **Mané Zeca e o boi vermelho**. Teresina: [s. n.], 2016.

FUNDAÇÃO CEPRO: Diagnóstico Socioeconômico do munícipio de Elesbão Veloso. Teresina: [s.d.], 2012.

GAMEIRO, Alvina. **Chico vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Trad. Luiz da Camara Cascudo. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Brasiliana, 2005. v. 221.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. São Paulo: Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1924.

1.3 *Sites*

ADEILSON DO BOI PRÉA. *Instagram: @adeilsondoboiprea*. Instagram, [s.d.]. Disponível em: https://www.instagram.com/adeilsondoboiprea/?igsh=NzVpcGhubnRpNXFi. Acesso em: 19 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Combate à sede**. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/combate-a-seca-1/. Acesso em: 24 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES): SMS e Meio Ambiente de Elesbão Veloso.** Disponível em: https://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=02682675000193&VEstado=22&VNome=SMS%20E%20MEIO%20AMBIENTE%20DE%20ELESBAO%20VELOSO. Acesso em: 3 ago. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil – 2010: Piauí.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/elesbao-veloso/panorama. Acesso em: 3 ago. 2023.

MEIO NEWS. **Emoção e tradição: Santa Cruz dos Milagres celebra tradicional festa em homenagem aos vaqueiros**. Disponível em: https://www.portalr10.com/noticia/119408/emocao-e-tradicao-santa-cruz-dos-milagres-celebra-tradicional-festa-em-homenagem-aos-vaqueiros. Acesso em: 24 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Dados sobre o número de fiéis católicos no Brasil por região**. Disponível em: https://www.meionews.com/noticias/piaui-e-o-estado-mais-catolico-do-pais-diz-ibge-171857. Acesso em: 8 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **CNES/DATASUS – Lista de estabelecimentos mantidos – SMS e Meio Ambiente de Elesbão Veloso.** Disponível em: https://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=02682675000193&VEstado=22&VNome=SMS%20E%20MEIO%20AMBIENTE%20DE%20ELESBAO%20VELOSO. Acesso em: 3 ago. 2023.

Padre Diego Santos. Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus-Elesbão Veloso-Pi. *Instagram*, 29 set. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAgY7-Ovv0d/?img_index=1. Acesso em: 18 ago. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ELESBÃO VELOSO. **A cidade de Elesbão Veloso.** Disponível em: https://elesbaoveloso.pi.gov.br/a-cidade-de-elesbao-veloso/. Acesso em: 31 jul. 2023.

UNIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**. DataSebrae: perfil municipal de Elesbão Veloso**. 2020. Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/pi/Elesb%C3%A3o%20Veloso.pdf. Acesso em: 3 ago. 2023.

UOL. *Quais estados têm maioria da população católica no Brasil? Veja ranking*. Notícias UOL, 6 jun. 2025. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/06/06/quais-estados-tem-maioria-da-populacao-catolica-no-brasil-veja-ranking.htm. Acesso em: 18 ago. 2025.

1.4 Jornais impressos

NEVES, Abdias. Indústria pecuária I. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 47, 23 nov. 1901, p. 1.

NEVES, Abdias. Indústria pecuária III. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 49, 7 dez. 1901, p. 1.

NEVES, Abdias. Indústria pecuária IV. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 50, 14 dez. 1901, p. 1.

NEVES, Abdias. Indústria pecuária V. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 51, 21 dez. 1901, p. 1.

NEVES, Abdias. Indústria pecuária VI. **Nortista**. Parnaíba, ano 1, n. 52, 28 dez. 1901, p. 1.

2 Referências

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de**. Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1981.

ARAÚJO, Jurema da Silva. **Itinerários de gênero e poder na ficção de Alvina Gameiro**. 2013. Dissertação (Programa de Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi!** O negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra; tradução de Marcelo Santiago Berriel. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: Família e Poder. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí**: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: EDUFPI, 2015.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História do Poder Legislativo na província do Piauí**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

BRANDÃO, Wilson Nunes. **Mitos e legendas da política piauiense**. 2. ed. Teresina: [s.n.], 2015.

CARDOSO, Bárbara Françoise; OLIVEIRA, Thiago José Arruda de Oliveira; SILVA, Mônica Aparecida da Rocha. Eletrificação rural e desenvolvimento local: uma análise do Programa Luz Para Todos. **Desenvolvimento em Questão**, ano 11, n. 22, p. 117-138, jan./abr. 2013.

CARVALHO, Daniel Alencar de. Jeca Tatu, incapaz e evolução e impenetrável ao progresso: os tempos da nação nos textos de Monteiro Lobato (1914-1919). **Bilros**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 126-142, jul.- dez. 2015.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: uma biografia. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTRO, Fabiana Rodrigues de. **Piauí**: (des)emprego e mercado de trabalho (1990-2010). Teresina: EDUFPI, 2016.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

COSER, Ivo. **Visconde do Uruguai – centralização e federalismo do Brasil/1823-1866**. Belo Horizonte: Editora: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial. In: **Revista FUMDAMentos.** São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2006. v. 4, p. 417-429.

DIAS, Rodrigo Thadeu Paiva; QUEIROZ, Teresinha. Le monde marche: o progressismo cientificista de Abdias Neves. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; QUEIROZ, Teresinha; FERREIRA, Ronyere; SOUSA, Talyta Marjorie Lira (orgs.). **O Piauí oitocentista**: economia, política, sociedade e cultura. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 343-360.

DOCA, Maria Fagundes de Souza. Vaquejada. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (org.). **Tipos e aspectos do Brasil**. 10. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma "analítica" da midiatização**. Matrizes, n. 2, abr. 2008, p. 89-105.

FLEURY, Renato Sêneca. **Francisco Adolfo de Varnhagen**: visconde de Porto Seguro. São Paulo: Edições Melhoramentos, [195-].

GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano**: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Venice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do P. Socorro N. N. do. Ataliba, o vaqueiro: folhetim da seca. In: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012. p. 17-26.

MARTINS, Adson Ramon Rodrigues. **A ideia de sertão do Brasil em Antonil e Capistrano de Abreu**. Orientador: Mairton Celestino. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2019.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos**: rupturas e continuidades no semiárido. Salvador: Eduneb; Edufba 2018.

MOTT, Luís R. B. **Piauí Colonial:** população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

NEVES, Abdias da Costa. **O Piauí na Confederação do Equador**. Teresina: EDUFPI/APL, 1997.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

PATRÍCIO, Aureliano Silva Carneiro; **Do sertão ao território das Minas e das Gerais**: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no Período Colonial. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **O desmoronar das utopias**: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política nas três primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PEREIRA, Renan Martins. Velejar e descobrir: considerações sobre vaqueiros, corpos e lembranças. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 931 - 956, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. **Fé e pragmatismo no sertão**. MERCATOR, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 155-168, 2014.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940). 2012, 175f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

QUEIROZ, Teresinha. **A importância da borracha de maniçoba para a economia do Piauí**: 1900-1920. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense:** da pecuária ao extrativismo. 3. ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.

RIBEIRO JUNIOR, M. C.; FIGUEIREDO, L. S.; OLIVEIRA, D. C. A. de; PARENTE, M. P. M.; HOLANDA, J. dos S. Ensino remoto em tempos de Covid-19: aplicações e dificuldades de acesso nos estados do Piauí e Maranhão. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 107–126, 2020. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/66. Acesso em: 10 ago. 2025.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras: EDUFPI, 2017.

SANTOS, Ana Paula Lima. **Ser(tão) de couro:** discussões sobre a produção da política patrimonial no caso do ofício de vaqueiro. 2018, 146f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, 2018.

SANTOS, José Farias dos. **Luiz Gonzaga**: a música como expressão do Nordeste. São Paulo: IBRASA, 2004.

SANTOS, Patrícia de Sousa. **Comemorando a Bendita Santa**: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres. 2020, 223f. Tese (Doutorado História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa; coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Robério Américo do Carmo; SANTOS, Patrícia de Souza. **Construindo a fé, recriando a divindade**: uma experiência religiosa no sertão do Piauí. Rev. Hist. UEG, Porangatu, v. 2, n. 1, p. 167-191, 2013.

TAPETY, Audrey Freitas. **O vaqueiro no Piauí**: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). 2007, 107f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

TEODORIO, Rogério Júnior. **"A gente leva o dinheiro, mas fica o couro"**: migração temporária de camponeses para o trabalho no corte de cana, adoecimento, morte, e Políticas de proteção social: o caso de Elesbão Veloso-PI. 2010, 277f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

VARGAS, Juliano. **Mercado de trabalho piauiense**: panorama atual e identificação de grupos (historicamente) vulneráveis laboralmente. Teresina: Superintendência CEPRO/SEPLAN, 2021.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O caótico século XXI**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Campo e cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXOS

Anexo A



Figura: Sr. Galdêncio Leão vaqueiro em Elesbão Veloso e a sua frente a pesquisadora e historiadora (autora do trabalho) Maria Helena Alves Ferreira.

Fonte: Virna Lorena Alves Ferreira (dezembro, 2023).

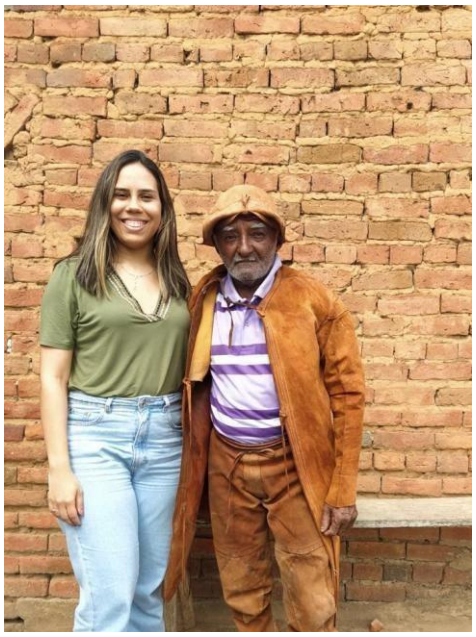


Figura: Vaqueiro Galdêncio Leão trajando o terno de couro ao lado da historiadora Maria Helena Alves Ferreira.

Fonte: Virna Lorena Alves Ferreira (dezembro, 2023).



Figura: Da direita para a esquerda na imagem os vaqueiros Gregório Lustosa, Cledson Pereira e Walteir Silva ao lado da historiadora Maria Helena Alves Ferreira.

Foto: Virna Lorena Alves Ferreira (junho, 2023).

Anexo B[183]

COSTA, Iranildo. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

Qual é o seu nome, onde e quando você nasceu?

Meu nome é Iran, né? Eu nasci lá em Santa Cruz. Nasci e me criei em Santa Cruz dos Milagres.

Que ano você nasceu?

Em 88, 1988. 17 de outubro de 1988.

Você pode me falar também como foi a sua infância, como era a sua relação com os seus pais, a sua origem?

Boa demais. Se voltasse, que era antes, melhor ainda. Bom demais. Quando eu vim morar com o meu pai, saí do mundo também. Saí, voltei. Mas toda a vida mais ele.

Ele trabalhava com o quê?

Com gado, com vaqueiriça. Toda a vida ele trabalhou com vaqueiriça, e eu mais ele também. Direto com ele.

Desde pequeno?

Desde pequeno. Nasci, me criei, já mexendo com um animal, com um gado.

E como era em Santa Cruz, a sua cidade?

Era boa, né? Mas aí nós moramos pouco tempo lá. Mas todo o tempo era trabalhando de vaqueiriça. Era no município. Aí o pai pegava uma fazenda, nós ia. Aí saía de outra fazenda, nós ia pra outra fazenda.

Qual era o nome dessas fazendas?

Era a Boa Sombra. Era o Buritizinho. Foi as duas fazenda que o pai labutou. Foi a Boa Sombra e o Buritizinho, muitos anos. No Buritizinho passou mais tempo, nasci e me criei lá. Agora lá na Boa Sombra, não sei quantos anos não.

[183] As entrevistas aqui disponibilizadas são as que mais responderam aos padrões e questões do trabalho.

E como era a economia da cidade? Com o que as pessoas trabalham mais lá?
Lá era mais só com vaqueiriça mesmo. É pouca pessoa que trabalha na cidade, mas é só com vaqueiriça mesmo.

De estar trabalhando no campo?
É, só no campo mesmo.

E as festas e acontecimentos da cidade, como eram, os festejos?
Tem um festejo grande lá em Santa Cruz, no dia 5 de setembro, que é a abertura do festejo. É as corrida dos cavalos que chamam. Que é o meio dia, mais só. Vaqueiro que vai todo encourado.

E como foi que você se tornou vaqueiro?
Rapaz, é a família nossa, todo mundo gosta de mexer com o animal. Aquele gostozinho, né? O pai ensinando a gente, e tô por aqui. E continuou.

Por que você se tornou vaqueiro?
Rapaz, porque eu gosto. O cabra só vai pra um lugar que ele tem aquele gosto. E eu tenho aquele gosto, de tá onde eu cheguei.

E você estudou, foi para a escola?
Para mim a escola foi muito pouco. O pai mesmo dizia para mim ir para o colégio, mas aí... Quando tu ia para o colégio na comprida. Aí a hora que chegava lá, eu ficava campeando, eu saía do colégio para ir para o campo.

Você lembra até com quantos anos foi para escola?
Ah, tem tempo, muito tempo, muito tempo já.

O que é ser vaqueiro para você?
Rapaz, para mim é aquele orgulho que o cabra tem. Você chega em uma brincadeira, se encontra mais uns amigos, bate um papo, toma uma cerveja.

E como você se sente sendo vaqueiro? Esses momentos que você campeia, que você está com os outros vaqueiros, como você se sente?

Rapaz, para mim eu sinto orgulhoso, né? Estar no lugar, com os amigos, bater um papo. Corre. Graças a Deus nunca... Acaba, acontece um acidente, chega na casa de um cabra, rapaz, você quebrou o cumo? Rapaz me quebrei, estava andando no campo.

Nunca aconteceu com você?
A minha foi, eu quebrei já a perna, quebrei a cravica.

Já machucou o rosto?
O rosto muito já, mas graças a Deus está sarado. Agora eu fiquei, quebrei a perna, quebrei a cravica, correndo mesmo, no mato com os amigos. Aí de noite, os amiguinhos vêm aqui em casa, dava um apoio também. É de sempre, né? É a luta véia de cada dia.

É do campo, o campo causa esses acidentes?
É, só que no acidente é quando o cara não vai para o campo, mas quando você sai de casa, você sai de casa e vai para o campo, é correndo qualquer hora um risco acontecer com você, né? É como você pegando um carro desse ai, você sai, mas qualquer hora pode acontecer um acidente com você, né?

Por que esses riscos, por que o campo se torna isso?
É porque uma área véia muito perigosa, entendeu? Você correndo no mato aí, pode chegar a qualquer hora o cavalo cair por cima de você, você cair debaixo dele, ele machucar você, aquela coisa.

Então, ser vaqueiro para você também é coragem?
E muito. Coragem e gosto, né? Só quem labuta é quem tem coragem e gosto, né? Na labuta você tem que ter coragem e gosto. Se não tiver gosto de fazer uma coisa, não adianta você vai para um campo sem ter o gosto de labutar. Para mim, eu labuto, mas eu acho que eu tenho é gosto de labutar.

Você sente que essa profissão ela é reconhecida, valorizada pelas pessoas?
E muito. Muito reconhecida. Chega num lugar, pá, chegou e tal. Consideram assim, os caras consideram assim. Respeitam muito a figura do vaqueiro. Respeitam muito. Então, o cabra é cheio de respeito.

E de onde você acha que vem esse respeito do ser vaqueiro?
Rapaz, é aquela coisa, o cabra vem, a mesma coisa, o cabra vem, nasce com aquele dom de labutar com um animal. Os cabras, o respeito, né? Acha muita gente que dá o apoio para a gente também, sabe? O cabra acha muito o apoio, o cabra rapaz. Como mesmo, o cabra for chamar para uma fazenda ou correr em outro cavalo, é um respeito que o cabra tem por a gente. É igual o Bruno aqui, tô com o cavalo dele aí, eu vou correr agora nele. Aí é um respeito que ele tem por mim, né? Se não tivesse, eu tava...Nem chamava, nem chamava a gente. É um respeito que o cabra tem por um outro.

E qual a importância do vaqueiro, da cultura do vaqueiro?
Assim, eu acho assim, porque o cabra... Acho assim porque o cabra gosta, né? Tem aquele orgulhozinho de ser.

E é importante, por exemplo, para as pessoas que você cuida, ou dos cavalos que você corre, é importante para aquelas pessoas também?
É importante, é importante pros dono. O cavalo tem que passar também umas melhoras para aquela coisa pegar a mão, né? O dono do cavalo, gostar do que o cabra faz. E aí o cabra vai indicando, né? O Iran tá montando um cavalo e tal, os amigos veem. Quem montou aqui, corre um cavalo de tal pessoa e aí eles aumentam, né?

Então o respeito vem do nome que você construiu, das coisas que você fez, no campear, na profissão, nos troféus?
Troféu, ó os meu irmão aí, tão aí, ó. Orgulho foi um bocadinho já.

E você tem alguma religião?
Não.

Não é devoto de nada?
Só a Divina Santa Cruz mesmo. Só ela e pronto.

E como foi que começou essa devoção à Santa Cruz?
Nasci, pequenozinho na nossa cidade lá e meu pai me levava pra lá e me peguei com ela.

Você sabe como é a história de Santa Cruz dos Milagres?

Não.

Mas sempre teve a devoção?
Demais por ela. Demais. Tem muito respeito por ela.
Quando você campeia?
Me pego direto com ela. Com ela e em Deus.

Como é a religião na sua rotina?
É, se pegar com ela e pedir a Deus que tudo dê certo, né? Logo eu passo um tempo também fora, né? Viajo fora, quando chego... Vou com o Bruno aqui, lá pra um lugar, montado. Vou lá pra Santa Cruz, montado.

Conhece no meio dos vaqueiros algum tipo de crendice e reza?
Tem muito. No meio os cabras fazem a oração direto. Quando saem do campo, saem da frente da casa e chamam aquela pessoal. Quando chega também agradece muito. Junta cinco, seis. Depende do que você tá campeando, aí chega e faz aquela rezazinha, a reza do Pai Nosso. Acontece muito, né? Aí sai de casa, mas faz mesmo.

Então essas crendices sempre permaneceram entre os vaqueiros?
Direto.

E como funciona a sua profissão? Me fala como é sua rotina, seus costumes, o que você faz na prática, no campo?
Rapaz, é aquela coisa, é ir pro campo, levando os cachorros, o cabra sai de manhãzinha cedo, chega de tarde, bota uma vaca pro curral, vaca... É aquela coisa. Traz pro mato, pega lá no mato, traz pro curral.

Onde você trabalha o gado ainda é solto?
É solto, tem muito lugar aí que é solto, né? Solto, aí pega lá no mato, traz pro curral.

E a... questão do apartar também?
É, lá botar todo dia dentro do curral, né?

Aplicar a vacina?

Fazer a vacina, fazer a ferra.

Mudou muita coisa?
Mudou demais. Hoje mesmo mudou demais. Primeiro a vacina era tudo no braço, pegando nas mãos, hoje tudo é no tronco, é breque. Mesmo lá, pra nós mesmo, sábado passado foi a vacina. O gado do pai, não foi a família lá nossa mesmo, mas tudo era as mãos, as mãos mesmo, pegando as mãos. Tomando cachaça, assando carne. Pra ter papo com os amigos, porque as vezes você... você sai. Como eu moro aqui em Elesbão Veloso, faz muito tempo que eu tinha visto lá uns colegas meu lá, né? Se encontramos demais lá, batemo papo, tomamo cachaça, até...

Então mudou muito a lida com as tecnologias?
É, mudou muito. Hoje em dia mesmo o campo tá difícil. Você vai pra uma solta de capim, só você mesmo, pra jogar sozinho, não tem mais... Poucas pessoas que labutam com mais um bocado de gente, é mais é eu sozinho mesmo. Só um vaqueiro mesmo.

Essas mudanças facilitaram o teu trabalho?
E muito, ficou mais... melhor. Ficou mais melhor e muito. Ficou mais melhor e muito. Rapaz, porque de primeiro é aquela coisa. O gado era solto, não tinha cerca. Soltava um bicho aqui em Santa Cruz, ia comer aqui em E lesbão. E hoje todo... E hoje todo quem tem propriedade, tem cercada. Você não abandona o bicho, ó, vou caçar um cavalo em tal lugar, uma vaca, tá lá presa que tá sabendo que tem cerca. De primeiro não tinha cerca, hoje todo mundo tem sua propriedade tá cercada. É, ficou tudo mais fácil.

Você estabelece os contatos, usa a rede social, celular, com os outros vaqueiros de outras regiões?
Direto, nós temos um grupo aí direto, se fala direto aí, nós temos um grupo aí direto, se fala todo dia.

Isso já é uma mudança?
Já mudou, de primeiro nem tinha. Você pega uma bicicleta véia pra sair e ir na casa de outro. Amanhã tu vai sair pra tal lugar, juntar pra vacinar um gado. E hoje só na internet cê vai com o celular aí no bolso e pronto.

Então pra você o que mudou mais nos costumes e práticas dos vaqueiros foi isso?

Hoje ficou tudo mais fácil, pra mim foi, porque... Hoje tudo se comunica mais só pelo celular. Ficou mais fácil muito.

Iranildo você quer contar mais alguma coisa, uma experiência que marcou você?

Rapaz é aquela coisa. No tempo que nós morava ali no Buritizinho nós campeava todo dia, pegava gado. Hoje eu... Tô voltando do que era antes, assim, mas no mato não. Eu não quero mais correr no mato não. Só em vaquejada mesmo. Os troféus que você tá vendo aí. Só em vaquejada mesmo. Eu não quero mais correr no mato mais não. Depois que eu me acidentei, fiquei meio cismado. Mas... É muito bom.

Então de estar no campo mesmo, você não está mais?

Não, eu posso fazer ainda, mas não é aquela coisa, não igual o que eu era antes, entende? O cabra depois que mora na rua já vai perdendo o costume, né? Se tu morasse no interior, era a mesma coisa. Mas tu acaba perdendo aquele costume.

Você perdeu o costume vindo do interior pra cidade?

Do interior, vim pra cidade. Pra cidade. Então, a cidade, ela... Mudou muito. E você não vai. Você chega aqui, trabalha na cidade, você não tem tempo pra ir lá na casa do seu pai. Nós vamos pra lá em quinze e quinze dias, chega lá vai pra um campo. Não é igual o cabra que anda todo dia, todo dia. Não adianta, né? O cabra fica com saudade mesmo.

Você trabalha com outra coisa aqui na cidade?

Eu trabalho aqui mesmo, construção mesmo.

Então você também é pedreiro?

Faço de tudo. Faço de tudo

Você tem alguma história engraçada campeando?

Não. Não tô lembrando. A história engraçada é quando o cabra vai pra um campo, chega lá, o cabra pega uma rês, outro colega meu bota no mato. Aí o cabra fala que pegou a rês. Aí outro cabra já não pegou. Aí o cabra fica aperreando, sabe?

Iranildo, obrigada pela entrevista. Foi muito bom conversar.

Nós tamo por aqui. Qualquer coisa. Nós tamo por aqui de novo.

Anexo C

DANTAS, Cledson Pereira. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 12 de julho de 2023.

Qual o seu nome e em que ano você nasceu?
- Meu nome é Cledson, aqui do Clube do Vaqueiro – Sambaiba. Sou de 27 de Maio de 1977.

Como foi a sua infância e como era a relação com os seus pais?
- Meu pai, desde com 8 ano de idade que eu ando amuntado, minha vida é essa. Eu não sei ler, não sei nada, só sei fazer meu nome. Mas meu esporte é cavalo e gado, eu amo isso daqui.

Qual era a profissão do seu pai?
- Vaqueiro também. Meu pai e meu avô, tudo vaqueiro.

Qual era o nome do seu pai?
- Benedito, conhecido como Benedito do Boré.

Você tem algum apelido?
- Não só Cledison mesmo.

Seu pai era vaqueiro aqui em Elesbão Veloso?
- Era, toda vida, do meu avô, que era o Boré. Toda vida ele foi vaqueiro de meu avô.

Como é trabalhar e viver aqui em Elesbão?
- Aqui só é bom pela uma coisa, que é festa, é cultura. Mas pra gente ganhar dinheiro não tem não. A gente veve é da roça mermo, não tem outra lida não.

Pela lida do vaqueiro não ganha nada?
- Não, eu só trabalho assim, sou vaqueiro tipo de aluguel tá entendendo? De pegar gado se tiver alguma rês, fazendeiro me chamar pra pegar alguma rês, eu tô aqui disponível pra ir.

Então sua fonte de renda é a roça?
- É a roça.

Qual é a fonte econômica da região de Elesbão?
- Só isso mesmo, trabalhar de roça e só, e andar no campo de vez em quando. Tem o parquezim de vaquejada que de vez em quando faz as festa. Duas festa por ano eu faço, a pega de boi no limpo e a vaquejada no final do ano.
Você que faz as festas?
- É, eu mesmo.

E essas festas trazem o que além da cultura que você falou, é uma fonte de renda?
- É assim é uma fonte de renda por causa de quê eu não tenho, graças a Deus uma coisa que eu tenho é o patrocínio de Deus e dos meu amigo que me ajuda, tá entendendo? Pra me dar uma rês, me dá um gado, mas pra mim dizer assim que eu tenho patrocínio forte, eu não tenho não. É só dos meu amigo vaqueiro igual a eu.

Quais são as principais festas daqui e na cidade?
- Aqui tem o parque "Breno bezerra" ali que faz vaquejada aqui em Elesbão, faz vaquejada, tem o "Barretim" ali que faz pega de boi também, vaquejada. E tem outros parque aí por perto que faz, o "Carlo Broca" faz também pega de boi no limpo.
Então é feito principalmente as vaquejadas e a pega de boi no limpo?
- É, é isso aí.

Tem alguma missa de vaqueiro?
- É muito difícil ter, alguma parte que chama né. Que a gente contrata por a gente mermo, a gente chama o padre. Ontem mermo nós fomo numa pega de boi ali ontem no "Sapequeiro" aí o padre tava lá celebrando uma missa. Eu gostei, foi muito bonito. A minha mermo aqui também no dia 15 com fé em Deus, já falei com ele que eu vou trazer, aqui no Parque Sambaiba, no Clube do Vaqueiro.

Como foi que você se tornou vaqueiro?
- É desde criança que eu conheci meu pai e meu avô o tempo todo na lida de gado, trabalhando com vaqueiro, minha profissão foi essa, eu inventava de ir pro colégio, eu dizia que tava doente, pro professor me mandar eu ir embora, só pra me voltar muntando no cavalo. A verdade é isso aí.

A paixão mesmo era montar no cavalo?

- Direto. Eu fazia que tava doente, só pro professor me mandar eu vim embora. Na hora que eu chegava tava bozim pra pegar um cavalo e andar no campo.

Você parou de estudar com quantos anos?

- Não, na base de uns 15 anos já não ia pro colégio mais não. Tenho 44 agora, graças a Deus sou o homem mais feliz do mundo, com a minha família, vivendo em paz, graças a Deus. Eu só tenho a agradecer a Deus e a todos os meus amigo.

Por que você se tornou vaqueiro, o que te motivou a isso?

- É por causa de quê é tradição né, de avô de pai, é seguir esse caminho aí, graças a Deus eu sou feliz no que eu faço.

Você faz alguma atividade além da roça e do campo?

- Não, é só essas atividade aí, é serviço geral né, o que tiver eu tô no ponto pra trabalhar.

O que é ser vaqueiro pra você?

- Pra mim, ave Maria, é bom demais. A alegria que eu tenho é ser vaqueiro. No dia que eu monto no cavalo eu sou o homem mais feliz do mundo. Quebrei meu dois braço, passei três ano sem andar muntado, tava querendo ter um medozim. Mas graças a Deus eu me apeguei com Deus de novo. Rapaz minha lida é essa, eu não posso abandonar, que é o que eu gosto de fazer, correr gado.

Você se sente feliz sendo vaqueiro?

- Muito orgulhoso, feliz demais. Eu só tenho a agradecer a Deus e meu pai que me ensinou a ser o que eu sou hoje. Graças a Deus.

Você sente que o vaqueiro é importante para as pessoas, a cultura do vaqueiro?

- Aqui pra nós a cultura tá quase praticamente acabada. Mas pra mim é uma cultura que não é pra ter acabado nunca, porque a gente vem de filhos, de neto, de avô, pai. Pra mim é uma tradição muito boa. Eu não queria que acabasse não essa cultura.

O que você sente que mudou nessa cultura para ela tá acabando assim?

- Eu acho que é falta de apoio né dos pessoal que tem mais condição, que nós classe vaqueiro é pouco que dá valor. Nois mermo tem uma equipe de pega de boi direto. Graças a Deus o

patrocínio que nós tem é de Deus e de meus amigo que anda mais eu, minha equipe, nós somo sete pessoas, sete vaqueiro. Realmente tão tudo reunido ali. Ontem nós fumo em uma pega de boi. Tão tudo aqui em casa no Clube do Vaqueiro. Aí nós vamo fazer uma comemoraçãozinha ali, comer mais os vaqueirão.

Vocês não têm nenhuma associação que apoie vocês?
- Até hoje não. Tamo aqui no abraço de Deus e nós, na coragem de nós vaqueiro.

Não tem nenhum investimento, apoio, nenhum suporte médico?
- Tem não, tem não. Não tem isso não.

Vocês já pensaram em fundar uma associação?
- Era bom isso aí, por causa de quê é um esporte bom, mas é perigoso. Ontem mermo o menino, nós fomo em uma pega de boi lá na Santa Maria, um primo meu, o Raimundo Filho saiu mais o Will. Aí meu genro aqui se adoeceu, o menino meu e meu primo que mora comigo, se adoeceram lá, aí vieram aqui pro hospital. Ainda bem que ambulância tava lá e trouxeram eles. Aí graças a Deus correu tudo em paz.

Você sente que era importante ter essa associação?
- Era sim. De verdade.

O que você sente que mudou na sua profissão ao longo dos anos?
- Não só isso mermo, que tava assim praticamente esquecido. Teve um tempo aí que disseram que ia acabar por causa das vaquejada. A vaquejada pra mim é um esporte que não devia acabar não, porque é a cultura, porque ela vem do começo, da tradição, do pessoal mais velho e tudo. Desde que eu me entendi no mundo foi vendo vaquejada, pega de boi, era corrida de pareia. Aqui pra nós praticamente acabou corrida de pareia, agora tão fazendo mais é cavalgada pra andar nas rua.

Como é que funciona essa corrida de pareia, essa vaquejada, antes e o hoje?
- De primeiro era corrida de pareia né, ai hoje em dia que começaram pega de boi no limpo e pega de boi no mato. A vaquejada assim toda vida teve, tradição também. A vaquejada é pra quem tem mais condição, pra nós classe vaqueiro não tem condição de pagar uma senha de R$700,00 reais trabalhando de roça né. É uma senha muito cara por R$700,00, no meu ponto

de vista, eu acho muito caro, pra nós que veve da roça. Agora a pega de boi não que R$100 real, R$120, pra nós que trabalha de roça dá pra tirar do sustento. Que dá pra gente brincar, as amizade toda, dá gente ir.

Então o esporte da vaquejada é para quem tem mais condição?
- Isso. É pra pessoa que tem mais condição. Que a vaquejada pra nós aqui praticamente é muito cara, eu acho o valor caro. R$700,00 reais, é R$800 reais uma senha, pra você correr três boi, aí fica muito puxado, é caro.

Você sente que tem uma diferença entre o vaqueiro que você é, que campeia, e desses que correm a vaquejada?
- Tem, tem a diferença grande. Porque o vaqueiro do limpo que corre a vaquejada, o animal e ele tem que ficar mais em forma, treinar direto. Agora no mato é mais diferente, a pega de boi no mato é outra coisa, é mais diferente.

Você tem alguma religião, alguma crendice?
- Não, não. Só mermo a fé em Deus, na Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida, que protege nós aqui.

Na Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida?
- Santa Cruz é a proteção de todos nós vaqueiro.

Como funciona essa religião na sua rotina?
- Rapaz, todo vaqueiro quando sai de casa, principalmente na hora que a gente sela o cavalo, a gente se apega logo com Deus e ela duas. Eu, no meu ponto de vista é isso, quando eu selo meu cavalo pra ir numa festa, eu me apego com a Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida que é protetora dos vaqueiros.

No meio dos vaqueiros tem algum tipo de ritual, reza, crendice? Como funciona essas rezas, até mesmo as vezes com algum animal ou entre vocês mesmo?
- Não essa aí não tem não. Só nós com nós mermo, cada qual faz sua oração, pede a Deus na hora que for correr. Só agradece mermo a Deus no nosso coração, cada um de nós vaqueiro.

É muito arriscado ser vaqueiro?

- É, é perigoso. É arriscado bastante. O cara só vai porque tipo, é igual a dizer um cara que bebe uma cachaça, é tipo um vício, né. O cara não vai, o cara fica doente pra ir, quando ver o outro passando pro campo diz “Oh rapaz se fulano tivesse me chamado eu tinha ido.”. Mas é assim mermo, eu acho bom demais. Acho bom.

Então como funciona a profissão do vaqueiro? Pode me falar do seu dia a dia.
- É meu dia a dia é esse, é trabalhar de roça, e no final de semana ir pras festa onde tiver, quando nossas condição dar pra gente ir, financeira né. Mas a gente vai reservando um pouquim de cada dia da semana deixando pra brincar os final de semana, quando dar pra gente ir, com vida e saúde a gente vai. Graças a Deus, eu só tenho que a agradecer a Deus.

E as lidas? Me fala um pouco das que você faz ou já fez. Como é?
- As lida é andar no campo, igual eu falei aí atrás, quando me chama os vaqueiro “Rapaz Cledson bora ali pegar uma rês, dá pra você ir? Eu vou, dá sim.”. Aí eu vou, a gente faz o trabalho da gente.

O que mudou na prática mesmo, no dia a dia com o tempo?
- Mudou a cultura, igual eu falei aí atrás, que é a vaquejada é muito cara o esporte, a pega de boi termina mais melhor pra gente, pega de boi no limpo e no mato que a inscrição é R$100 real, R$120. Aí a gente se reúne os vaqueiro, aí nós paga o frete do carro e o caminhão pra levar os animais e paga os boi pra nós brincar.

Sempre foi assim?
- Sempre foi assim, depois que começou essa lida de pega de boi, é desse jeito aí quase todo fim de semana.

Você é vaqueiro desde criança, no tempo que você era criança já havia as tecnologias que tem hoje? O que mudou daquele tempo pra hoje?
- Não do tempo que eu era criança, no tempo do meu pai não existia pega de boi no mato e nem no limpo, só era campo mesmo, a lida pra andar em campo nas fazenda ajudando os fazendeiro. Eu ia mais meu pai pequeninim, eu via ele mais os outro pessoal, os outro vaqueiro andando no campo e eu andando mais eles já na intenção de aprender, que eu via os outro fazendo e eu queria fazer a mesma coisa, quando eu era criança nesse tempo, graças a Deus eu consegui o que eu queria.

Hoje é diferente, tem o transporte?
- Hoje em dia é diferente, tem o transporte, só vai de carro, os animais pra ir no carro, pra ir pra uma vaquejada e pega de boi tem que ir de carro não vai mais pus terra não.

Vocês se comunicam como entre vocês vaqueiros, por que meio?
- No celular, hoje em dia quase todo mundo tem o whatsapp aí fica mandando mensagem um pro outro. Aí a gente se combina pra ir pras festa. E graças a Deus tá dando certo.

E essas mudanças facilitaram o seu trabalho?
- Ah facilitou muito mais agora. Assim no causo pra andar né. Os lugar que de primeiro o pessoal só andava de apéis, muntado no cavalo um puxando o outro, ia pra Aroazes, Santa Cruz, São Félix, era amuntado no lombo de um cavalo. Aí hoje em dia não. Novo Oriente, tudo a gente andava pus terra pra ir uma pega de boi, vaquejada, hoje em dia em tudo é nos carro, a gente se reuniu e graças a Deus tá dando certo.

Me conta alguma história que marcou a sua infância ou alguma lida hoje em dia, ou uma vaquejada, que marcou muito você.
- Pra mim foi em São Félix, no Vale do Sambito, no tempo que eu corria vaquejada, meu pai nesse tempo andava direto mais eu. Aí um dia ele chegou aqui na minha casa, eu era solteiro nesse tempo, aí ele chegou e disse "Bora pra uma vaquejada em São Félix.", ai eu disse "Pai não dá pra nós ir não, eu tô sem dinheiro.", aí ele "Não umbora eu pago a inscrita". Aí nós fumo, aí lá graças a Deus deu certo, eu ganhei as vaga lá e fiquei entre os vaqueiro melhor né, os vaqueiro campeão. Aí nesse dia pra mim foi o dia mais feliz da minha vida.

Foi ganhar?
- Foi ganhar no meio dos vaqueiro melhor né, que tinha lá em São Félix, que era de Aroazes, Teresina, que era os melhor que tinha lá.

Então ser vaqueiro pra você é uma honra?
- Pra mim é um orgulho muito grande, eu só tenho a agradecer a Deus e meu pai.

Ser vaqueiro exige o que?

- Exige só mermo coragem né, e pedir a proteção da Divina Santa Cruz e Nossa Senhora Aparecida, e enfrentar a lida, que o rival nós é boi, não é a outra equipe não, é boi. O vaqueiro tem que ter a rivalidade com o boi, não é com os outro não.

É círculo que vocês de amizade muito forte?
- É, muito forte, graças a Deus é bom demais. Aqui quando eu tô no meio dos vaqueiro eu tô sendo o homem mais feliz do mundo, entre meus amigo vaqueiro.

Você tem muitos prêmios, eu estou vendo aqui muitos troféus.
- Tem, graças a Deus. Tem esses aí, tem alguns na casa de meu pai ali, da minha mãe, na casa de meu genro. Tudo é troféu de nós, da equipe nossa daqui do Clube do Vaqueiro.

Vocês correm junto pela equipe do Clube do Vaqueiro?
- É nós corre junto, nós somo uma equipe. Nois era dez pessoa, dez vaqueiro, agora tamo em sete, que teve uns que disse "Rapaz Cledson eu quero sair." "Nam meu amigo se é de sair tem nada não, nós fica sendo o mermo.". Aí nós tamo em sete, graças a Deus. Mas é mais família mermo agora e uns amigo.

Tem algum outro momento ou torneio que marcou você?
- Foi um torneio ali que meu primo Raimundo Filho fez mais o Will, que eu me senti feliz que eu corri com os vaqueiro melhor né, do Brasil, que é Zé Fernando, João de Deinha, Zé Paulo, Pavão, Taxinha. Os cara gente boa, eu gostei. Pra mim me marcou bastante, entrei lá na brincadeira mais eles, pega de boi no mato, pra mim armaria, pra mim que eu era o homem mais feliz naquele dia.

Esses encontros são bem comuns, entre vocês, até de outra região?
- São bem comum, graças a Deus. De um tempo desse pra cá tá vindo essa cultura, de primeira era só pareia, o negócio aqui era só pareia ou vaquejada, igual eu lhe falei atrás também. Mas agora não, tá vindo umas pega de boi no mato, pega de boi no limpo. Aí a gente a cada dia tá se encontrando com os vaqueiro mais diferente. Aí é um orgulho muito grande pra gente se topar com a classe dos vaqueiro.

Então você sente que essa cultura da coragem, do respeito está voltando aos poucos com essa introdução das pegas de boi?

- Tá voltando, graças a Deus. Só sei que é bom demais quando se reúne todos os vaqueiro, a gente come aquela carne, bebe nossa cerveja, quem não bebe toma um refrigerante. Aí fica aquela amizade muito grande.

É costume de vocês depois da corrida comemorar? Como é essa comemoração?
- A comemoração da gente é quando o vaqueiro ganha, aí a gente fica muito feliz. A gente mata uma criação, compra umas cerveja. Pra gente é um orgulho muito grande, tá no meio daquela cultura ali, é bom demais.

Então hoje você se sente realizado e feliz na sua profissão?
- Graças a Deus, eu me sinto muito feliz.

Muito obrigada pela entrevista! Foi um prazer conversar, eu estou muito feliz.
- Eu que agradeço a senhora muito. Graças a Deus eu sou o homem mais feliz e emocionado. É isso aí, obrigado!

Anexo D

LEÃO, Galdêncio de Sousa. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 28 de dezembro de 2023.

Qual é o seu nome?
Galdêncio de Sousa Leão. Conhecido por Galdêncio Leão. E o povo me trata mais de Sr. Galdêncio.

Sr.Galdêncio, o senhor nasceu em que ano?
Em 28 de agosto de 1955.

Como foi que o senhor aprendeu a ser vaqueiro?
Porque já é descendência da família, né? Meu avô era vaqueiro, aí eu nasci, meu pai sendo vaqueiro, e quando meu pai continuou, nós sendo vaqueiros juntos, ele faleceu. Fiquei só, ainda hoje, comando. O mesmo que eu aprendi com ele, ainda hoje comando.

O senhor tinha quantos anos, quando o senhor começou?

A idade... meia de criança, mas que já vim tomar conta de 15 anos pra cá.

Então o senhor começou a aprender de criança.
De criança. A profissão de vaqueiriça de criança. E aí de 15 anos de idade pra cá, tomei conta de fazenda, eu mesmo administrando, né? Ainda hoje convivo, administração, que hoje eu não administro mais de outras fazendas. Eu luto com o que é meu mesmo, graças a Deus.

Aqui é seu?
Não, a propriedade não. Eu tenho propriedade, mas não moro na minha propriedade não. Aqui é de outro. Mas tenho propriedade.

E o senhor aprendeu com o seu pai. Pode me explicar como foi que o senhor aprendeu?
Aquilo é o seguinte, o pai, sempre quando o menino tem um grande interesse, como hoje, no meu lugar, eu tenho meu filho, e tenho um neto meu que acompanha ele direto. Todo passo que ele dá, ele tá atrás, né? Então, mas meu pai, nós convivia isso. Até que quando eu fui chegando no tamanho de andar só, no animal, e fui aprender a pegar uma rês, e traquejar, tirar leite, e tudo que domina o vaqueiro, a profissão que o vaqueiro tem é essa, né?

Quando o senhor tava aprendendo, o senhor se machucou alguma vez?
Às vezes, o cavalo caía com a gente, às vezes derrubava, né? Mas a fratura maior que eu vim ter de acidente da vaqueiriça, foi com 59 anos. Eu, aqui próximo, aqui onde eu moro, me acidentei que fiquei até sem andar pra comer, a mulher botando e comendo minha boca, eu fiquei sentado no braço, minha cabeça faturou em três lugares, mas fui bem medicado, e graças a Deus, tô contando a história sendo o mesmo vaqueiro.

Como foi? O senhor lembra desse momento que o senhor se acidentou?
O seguinte, que na hora que acontece que eu vim da fé do mundo, no outro dia, né? Mas sei o local, que já fui até visitar o local que eu me acidentei, e através que eu sei como começou, o gado vinha correndo e eu recebi uma vaca, que é a fatura que a gente faz, aí corri atrás da vaca e barruei no pau, aí adoeceu eu, vaca, com cavalo e tudo. Da vaca foi matada no mesmo dia, né? E aí o cavalo escapou, e eu também fui pro medicamento, e escapei, não podia apurar ainda.

O seu pai era vaqueiro, e a sua mãe? Sua mãe ajudava como em casa?

Não, minha mãe era a lua era dentro de casa, fazia o queijo, né? Do leite que a gente tirava, ela fazia o queijo, mas ela gostava do roçado, que o pai dela não era vaqueiro, mas gostava da roça, aí nós pro campo, mexendo com gado, ela vez acontecia e ir pra roça. Põe um feijão pra dibuiar, pra fazer o almoço pro menino, que era 10 filhos, né? Aí aquilo e conseguimos a vida. Ela sempre acompanhou nós na nossa vaqueriça, mas o povo de minha mãe, a decendência dela, não era vaqueira, era pessoal da roça, agricultor.

E o senhor tem irmãos?
Tenho.

Quantos irmãos?
São 10. Porque nós era 10 irmãos de pai e mãe, aí morreu dois. Aí mais meu pai casou com outro, teve mais dois, aí estamos mesmo os 10.

Todos homens?
Não, tem três mulheres.

Desses filhos, o senhor é vaqueiro, outros viraram vaqueiros também?
Só um. De tantos filhos, só tem vaqueiro dois, eu e outro. Esse mora em Redenção do Pará e eu aqui.
Esse de Redenção do Pará ainda faz... Trabalha, em fazenda?
Vaqueriça lá, né? É, de vaqueriça, é.

O senhor tem filhos?
Tenho.

Quantos filhos?
Três.

Seguiram a sua profissão, os três vaqueiros?
Não, assim, só é um. Três filhos, mais duas mulheres e um homem. Agora, esse é a mesma profissão e é o mesmo homem do tamanho que eu fui, né? Hoje não sou mais, porque a idade está puxando, mas meu filho é o... dos maiores que tem aqui, como o Bruno conhece. Na coragem, para homem de ministrar fazenda e correr dentro do mato, ele é o maior aqui na região.

Qual é o nome do seu filho?
É... Galdessir Leão, mas é conhecido por Dedé Leão.

E aí, ele também é um dos melhores vaqueiros aqui de Elesbão Veloso?
É, o melhor está sendo ele.

Ele lhe ajuda na propriedade?
Ajuda. Ajuda, quando precisa, sempre ele está ao lado. Ele trabalha na fazenda aqui vizinho, toda hora a gente está precisando um do outro, né? Mas... a gente vive bem um com o outro, né? Porque tem filho que às vezes tem mais eu, mais meu filho, nós combina, como num prato só.

E os seus netos gostam também de participar?
Já tem... São novos meninos, mas já tem um com 12 anos, 11 anos de idade. Isso não larga o pé do pai dele, não. Já andou no campo. Ainda hoje andou no campo, mais nós. Campeia já, mais nós. Num cavalo sozinho. E agora tem uns mais pequenos que vai pegar mesmo a estrada.

E o senhor pode me dizer, assim, como era Elesbão Veloso antigamente, a cidade, os vaqueiros?
Não, eu não conto muita parte, porque eu não sou filho daqui, né?

O senhor nasceu aonde?
Em Pimenteiras. A minha cultura lá tem uma diferença daqui, que às vezes eu conto história de lá, os povos pensam que não é verdade. Hoje já estão acreditando que a gente já foi daqui campear lá, de lá pra cá, né? Aqui uma cultura eu achei um pouco diferente, mas o mesmo problema, que aqui gostava muito de corrida de cavalo, pareia, né? E aí fizeram reunião pra mudar pra cavalgada, e o derradeiro a palavra que ouve foi a minha, pra desmanchar só se eu der a palavra pra nós voltar pra corrida, o prado de novo, né? E aí, essa cultura sempre tem muita gente que não gostou porque, mas eu achei melhor que a pareia, porque eu não corria, corria dentro do mato. Dentro do mato eu era grande, era profissional, era rei, mas em limpo eu não corria, e aí eu mudei essa tradição, né? Agora, pronto, que eu acompanhei um tempo, mas quiseram mudar depois da minha idade, aí eu mudei. Que hoje você vai, qualquer mulher acompanha uma cavalgada, né? Andar no meio da rua, e ele vai ali, e dentro do mato é poucos,

né? E pareia, pareia de menor foi meu critério que eu quis acabar, que o menino de menor não botava pra correr, só adulto, e velho não presta pra correr no meio, ele pode cair e não dá certo, né? Aí tem essa cultura. E lá pra nós, onde eu nasci e me criei, e aprendi a trabalhar, que guardo minha profissão, estimo mesmo, luto, porque estimo minha profissão. E aí, lá a gente campeava na jurema, era tudo solto naquela antiguidade, como aqui também era, mas hoje já está tudo cercado, os campos são pequenos, a gente se juntava de 10, 20 vaqueiros num campo só, e hoje cada qual vai pra sua roça, cada qual tem seu local, né? Mas de primeira juntava muito vaqueiro na Caatinga, muito nas regiões, né? E lá pra nós, nós campeava muito no tempo de verão, que gado bebia nas águas consinadas, nós campeava muito à noite, de lua clara, nós passava aquela vaqueirada todo dia no beiço das águas, pegando gado de noite, amarrando e de manhã juntava pro curralo, nós fazia isso, que é a cultura aqui da Elesbão Veloso, eles não acreditam nisso, mas eu fiz muito isso, né?

De passar a noite no mato?
No mato, correndo atrás de gado, pegando e amarrando, né?

Como era, seu Galdêncio? Pode me descrever, me falar como era?
Sim, essa cultura, eu vou chegar lá, né? Tava deixando chegar o ponto. Nós passa na jurema uma vez, sai de casa de madrugada, vez pela manhã, dá meio-dia, anoitece, as vezes, a gente não acha água pra beber, fica no mato com fome, sem comer, sem beber, mas aquilo a gente acostuma que passa a vida, né? Passa dois dias no mato, sem comer, sem beber, agora uma coisa que não tem no estudo nenhum de vocês que são formados pela leitura, a nossa nós não tem, eu não sei ler, eu nunca estudei, né? Mas tem uma leitura nossa no mato que vocês, que estuda dentro do colégio, não tem na leitura de vocês. Nós chega um que não sabe ler, no mato nós tem uma cultura que nós conversa com os outros sem se ver, né? Nós chega num lugar, espera pelo outro, se o outro não chega, a gente sai e deixa um sinal, se a gente voltou pra trás, seguiu pra frente, foi de outro lado, pra qualquer lado que a gente sair, a gente deixa um sinal que o outro vaqueiro chega, sabe pra onde a gente tá, sabe pra procurar a gente, né? A gente a vez de estar com sede, tem uma árvore no mato e você corta ela aqui e no mesmo momento, é segundo, você corta ela lá em cima, aí você apara ela, dá uma água pra gente molhar a garganta, ela é afiltadazinha, que aí não tem na cultura de vocês que estudam no colégio, isso aí não tem, né? E nós no mato é isso, né? Aquele conhecimento, a gente tem isso. Aí a gente passa muito a sede no mato, mas aquilo é da profissão, a gente vê que a gente passa aquilo que nem da fé, né? Aquilo pra gente é satisfação.

E acostuma o corpo?

Acostuma o corpo, que hoje como eu tenho 68 anos de idade, é minha idade, 68 anos. Eu nunca carreguei a cabaça da água pra roça, eu trabalho de roça, sou vaqueiro, mas gosto da roça também. Porque da roça é onde faz a cultura que a gente come, né? Aí eu vou pra roça e não carrego água. E se outro for e levar e eu for beber, não me dou bem. Sem beber. Agora eu bebo bem quando eu vou me alimentar, tomar o café, o almoçar, o jantar, aí eu bebo bastante, naquele perigo que eu tô comendo. Aí isso é a vida que faz o vaqueiro, essa coisa. Dentro do campo.

O senhor falou que estima muito ser vaqueiro. Por que o senhor estima?

Porque foi o que eu aprendi, né? O que eu tive da nação de meu pai, uma herança que meu pai deixou pra mim. A maior do mundo foi essa. Meu pai já faleceu quando falo isso. *(emocionado)* ...Deixa eu chegar no outro ponto. Aí a gente acompanhou aquilo da estimação, que foi, como eu acabei de dizer, foi uma herança que ele me deixou grande. Eu aprendi e nunca passei vergonha. Fui um grande homem na minha profissão. Na idade que tem, mas ainda sou.

Aí aquilo é muito importante, a gente pegar a nação da família, né? Da família. Aí a gente pegou aquela nação e aprendi muitas coisas fora da vaqueiriça. Agora, da minha vaqueiriça, é como qualquer pessoa usa uma farda, né? É como a minha farda, ó. Aqui minha farda, onde eu tô, aqui na minha sala. A pessoa, né? Chega, rapaz, na casa do seu Galdêcio, o gibão tá empendurado, a perneira. Aí quer refugar, não. Aqui é que o que eu possuo e o que eu tô cheio de orgulho quando eu carrego ele nas costas.

Quando bota o gibão?

A perneira ali. É minha farda, né? Como eu digo pra qualquer um que tem farda do tamanho que é de um pelo outro. Uma camisa que usa com a farda de um que trabalha em qualquer cultura, como esse menino trabalha. Policial, né? Uma camisa da farda dele, eu não sei se tem o valor que a nossa tem. Uma farda dessa nossa, bem aqui, tá custando hoje R$2.500. Só uma. R$2.500, né? Aí a gente tem o orgulho do tamanho que é um é outro. Se um mora no céu, o outro mora na nuvem.

O senhor falou que passa muito tempo no mato, que é difícil. Ainda hoje o senhor costuma fazer isso?

Acostumo. E eu não tô fazendo mais porque a criatório que eu tô mexendo tá tudo preso dentro da roça, né? Por hora eu não tô andando mais muito, né? Mas quando tem a precisão, eu aguento.

Hoje em dia a criação é diferente?
É diferente.

O senhor pode me explicar a diferença, detalhes, a criação de hoje e voltar um pouquinho atrás, como era antigamente?
Posso, porque antigamente, como eu acabei de dizer, era tudo solto. A gente passava um dia, dois dias no mato caçando pra trazer o criatório pro curral, pra poder dar conta, prestar conta da fazenda com o patrão, né? E hoje, cada um é preso, a área ficou pequena pra o vaqueiro dominar. O vaqueiro de hoje não tem aquela estatura que eu tive na minha infância. Porque hoje o vaqueiro sai de manhã de casa, quando é meio-dia tá em casa pro almoço. Sai meio-dia, quando é de noite, tá em casa pra janta. E da época que eu fui criado, que aprendi a trabalhar, o vaqueiro saía de madrugada, vinha chegar de madrugada, tinha dia que dormia no mato, porque não dava tempo de chegar em casa, né? Aí aquela é a cultura da diferença de antigamente pra hoje. Criado preso. Aí o trabalho ficou mais pouco, né? Mas aquela contínua de antigamente, eu, pra mim, era mais saudável, porque a gente, às vezes, estava longe da família, sem saber como é que estava em casa, mas aquilo era satisfação pra gente. A gente dormia no geral, e a rede do vaqueiro no mato é o gibão, né? É o gibão. A gente bota no chão e deita em cima e amanhece o dia. Antigamente tinha isso. E hoje, qual é o vaqueiro novo que faz isso? Esse aqui é meu filho, passou aqui agora. Não tem costume de dormir no mato, que nem eu dormia. É, usa a moto. E outro, vai pro campo como eu acabei de dizer. Sai de manhã, meio dia está em casa, né? E no nosso tempo, não. Você saia e não sabia o dia que chegava.

O senhor participa dessas pegas de boi?
Participo, não corro mais, não. Não corro mais, não, mas participo. Bem, gosto, faço... Eu me represento, né? Qualquer situação que precisar, eu me represento. Eu faço parte do grupo, nós temos grupo, né? Eu faço parte, mas aí é como eu estou dizendo, a diferença de outra hora que eu fui criado e aprendi e está hoje, está a grande diferença que o vaqueiro não sabe mais a dificuldade que tem, né? A gente pegava um boi valente no mato, ele brigava, aí não vinha no curralo, a gente deixava ele amarrado, piado. Ou então, se era longe, ruim da gente achar no outro dia, a gente dormia mais ele. Quando o dia clareava, a gente seguia o destino, né? Aí hoje,

é como eu digo, a diferença está mais pequena. Tem vaqueiro que sela um cavalo pra ir em uma viagem, aí vai e não usa uma farda de couro pra mostrar que ele é vaqueiro. Ele não é um vaqueiro, é um cavaleiro, né? E o vaqueiro, se eu vou ser como nós estamos conversando aqui, se você, em qualquer lugar que me vê, pode ser na igreja, pode ser em qualquer repartição, eu tô com o meu chapéu de couro. E se eu tiver doente na cama do hospital, ele tá do meu lado. Pode caçar que ele tá do meu lado. É o sinal do que eu sou, né? Eu uso meu chapéu sempre em diferença.

O chapéu de couro é um símbolo?
É, o símbolo da vaqueiriça, né? Se eu sair daqui pra rua, eu posso sair pra ir comprar um remédio ou ir comprar um café pra tomar. Mas se eu for amuntado, eu vou encourado.

Então, para senhor, é muito importante a cultura do vaqueiro?
É muito importante. Porque eu não aprendi outra coisa. Eu aprendi essa parte, né? Agora eu aprendi a ser vaqueiro e aprendi a trabalhar com criatório. Dentro da vaqueiriça, do lutar com o vivente, o gado, que é o que eu luto, qualquer tipo de criação, eu aprendi uma parte que eu não tenho estudo, não. Mas eu aprendi uma parte que eu sempre acompanho. Qualquer cultura, se for pra fazer uma rês, uma operação, aplicar um remédio, eu sou grande também.

O senhor acha que é perigoso ser vaqueiro?
Minha filha, não é fácil. Não é fácil, não, né? Mas aquilo tudo que você estima é bem-vindo, que é da sua profissão, tudo é bem-vindo. Porque as diferenças de um vaqueiro pra um motorista, é uma vida complicada. Agora, um motorista, um carro desse, arrancar a roda na estrada, ele no alto, de velocidade, aí é um acidente dado por Deus. Manau, né? Mas tem muito acidente de motorista que é imprudência. Que quer cortar o outro, aonde não tem localidade, aonde ele não tem posição. E na BR, todinho, tem a praca. Onde você pode seguir um no outro, né? Agora, pra nós, que usa o gibão, que somos vaqueiros, corremos dentro do mato, aí ninguém vê a praca. Não tem uma praca pra dizer onde tem o acidente, né? Não tem uma praca pra dizer não vá que você tá errado, não. Ali a gente só dá fé quando cai dentro ou quando bate, e aí sempre acontece.

Então, tem muito o que o senhor falou da cultura e do conhecimento. Dos caminhos.

Do caminho, é com certeza. Aí nós temos essa parceria. As diferenças de nós pra outro, é isso aí.

O senhor acha que uma menina aqui, essa moça aqui, que tá ali na frente, o Bruno, e outras pessoas jovens que o senhor vê aí, o senhor acha que elas valorizam e estimam a cultura do vaqueiro? Tem muitas delas que estimam?
Tem muitas dela que estima. Mas já tem outras que, às vezes, não estimam por causa da nossa convivência, né? No sereno, né? Nós vivemos na chuva, tomando chuva, tomando sol. Às vezes, tem gente que se orgulha de chegar na gente. Eu abraço todo mundo da minha cultura, mas se você refugar de me abraçar por causa da minha cultura, que é diferente da sua, eu não fico com raiva, mas sinto o meu orgulho, que eu sou a mesma pessoa, né? Tenho aquela sentimento. Porque tem muita gente que não estima o vaqueiro, porque é um homem que vive com o gibão nas costas, a montanha em cavalo, anda pra dentro do mato. Mas aqui, pra nós, pra nós, aquilo é mesmo que nós tá numa banda do céu. Porque é a nossa cultura.

O senhor falou que fazia reis, o senhor já viu muita coisa, o senhor é vaqueiro há muito tempo, desde criança. O senhor já viu alguma prática de cura, que o senhor conheça, ou já viu, assim, uma história que o senhor lembra, de crendice? Porque tem muito disso. De curar o gado, quando não cura no remédio.
Tem uns que a gente cura no rastro. Eu sei fazer. A gente cura olhando pra ele dali, ele tá vinculado aqui pra lá numa folha, numa embira de pá de carnaúba, ou embira de miroró, que é a árvore que tem no mato, agudoeiro. Essas árvores a gente tira uma embira e daqui pra ali a gente cura, né? Tando presente. Mas tem muito pessoal que eu acho mesmo que seu avô, eu acho que ele curava sem ver o vivente. Sem ver. Eu tive essa experiência. Aí tem muitos que vinculado, tem um animal que tá precisando de uma cura, daqui pra lá ele faz, sem estar vendo o animal, né? Só daqui mesmo, né? Só da ideia dele, aí é uma ideia, uma cultura que ele aprendeu, uma ideia, uma reza, não sei o que for, mas ele sabe fazer daqui pra lá. Agora eu não sei, eu sei presente. Sei presente.

E no rastro, né?
Aí eu sei, aí é católico a gente sabe disso.

Eu estou vendo que tem imagem aqui na sua casa de Santa Luzia que o senhor é devoto. O senhor tem alguma prática de proteção antes de campear?

Não, essa eu não tenho. Porque eu gosto de ter meu quadro de santo na minha casa e considero, gosto de visitar a igreja, né? Gosto de visitar qualquer tipo de cultura que tem fora da vaqueiriça. Eu participo de tudo, né? Eu participo de tudo. Eu sempre gosto de estar no meio da multidão, eu gosto de estar no meio dos amigos, fora da cultura da vaqueiriça, onde me procurar, pode caçar o homem que ele tá dentro daquela cultura, que é de tudo eu apreciei um pouco, né? E sei estar no meio do pessoal, ter a minha presença, aonde você me vê, minha simpatia é uma só. Eu não tenho diferença de lhe ver não. Eu tenho minha simpatia, você estando na minha casa, chegar na sua, eu sou diferente. O único lugar que nós nos encontrar não. Minha simpatia é em qualquer lugar que você me encontrar. E em qualquer lugar que você me encontrar, pode olhar que eu tô sendo vaqueiro, que eu uso minha farda.

É de vocês vaqueiros essa devoção a Santa Luzia, tem alguma história?

A história de Santa Luzia, e nós usamos ela na nossa casa, impresentemente, porque ela é quem guarda a luz dos olhos da gente. Pode olhar que no quadro dela tem uma bandeja que ela não enxerga os olhos dela. Pode olhar que tem um quadrozinho ali, uma bandeja que tem os olhos dela, que tá ali dentro daquela bandeja. Aí eu acho muito bonita a imagem de Santa Luzia, aí sempre na minha casa eu tinha ela como retrato. Aí fui e mandei ampliar um quadro. Pode olhar, tá bem aí que tá bonito o quadro ali ampliado.

Lindo, né? E isso aí é pra me acompanhar durante a minha vida, entendeu? Aí a gente tem... E aí, de qualquer maneira, eu sempre apreciei. Eu tenho um quadro de qualquer santo na minha casa, eu apreciei. São Miguel, o São Jorge, que é cavaleiro, montador, né? Eu tenho um quadro de São Jorge. Aqui tá na outra parede ali, que eu não coube tudo aqui. Aí sempre eu gosto de qualquer cultura que existir, eu gosto, fora da vaqueriça.

O senhor pode me explicar como era o trato com gado? Explicar com detalhes como era o trato do gado, antes e agora.

É o trato do gado de antes e de agora porque, como eu já informei, que era difícil pra gente trazer ele no curral. Não é como hoje, que o patrão precisa dar uma rês meio-dia, de manhã o vaqueiro estando em casa, ele meio-dia tá com ela no curral. Aí já é uma facilidade pra ele, né? Mas antigamente o cara queria uma rês pra um abatimento, né? Aí tinha que avisar o vaqueiro com o dia antes que as vez ia passar dois, três dias pra poder achar aquela rês. Porque você não sabia o destino onde ela tava. Da onde ela dormia, quando dava de noite já ia dormir em outro lugar diferente, com duas, três distâncias, né? Aí ficava meio dependioso pro vaqueiro achar. E hoje o vaqueiro prende uma rês dentro do curral aí vem um carro pegar pra levar pro curral do

matador. E antigamente nós levava tocado pros terra. Encaretava que nós tenham a reação de botar na rês aí tocava pros terra. Às vezes ela brigava, ela às vezes dava trabalho, às vezes não chegava no ponto que a gente queria, por causa daquele trabalho. Mas a gente arriava e deixava pra levar no outro dia. Aí sempre tem essa grande diferença, de outra hora pra hoje.

A careta serve para o quê?
Pra não enxergar toda a vareta, né? Bota, ela só enxerga. Ela vai só no fôlego, ela tira no fôlego, ela não enxerga. Não enxerga nada. Não vai tampada. Eu tenho a careta aqui, se quiser eu vou pegar pra você ver.

Como era o acordo com o patrão da fazenda, que o senhor trabalhava? Era a razão da quarta?
Era a quarta, que a gente repartia. Nunca eu trabalhei empregado por mês, não. Era partilha. De cinco bezerros, o vaqueiro tira um. Acompanhei essa cultura até hoje. Hoje eu não tiro mais sorte, porque não sou mais vaqueiro de fazendeiro. Eu cuido do que é meu. Mas eu tenho um rapaz que cuida de um gado meu, aí eu vou dar partilha pra ele.

É melhor dessa forma?
É melhor. Porque o vaqueiro que trabalha no salário, ele faz tudo na fazenda por conta do salário. E o salário, às vezes, dá pequeno, né? Porque o salário, você ganha mil conto por mês, quando está no fim do ano, você só tem 12 mil, né? E a gente tirando a cultura, a partilha que é a quarta, como você me perguntou, a gente tirando, às vezes a gente tira uma quantidade que dá pra você apurar vinte, trinta mil, quarenta mil por ano, né? Como esse rapaz que entrou aqui, que é meu filho, a partilha que ele dá, ele já tem apurado essa quantidade de dinheiro na mão do patrão, sem dever nada do patrão. Aí eles ficam orgulhosos.

O senhor pode me contar histórias que marcaram o senhor e que marcam ainda como vaqueiro? Alguma história que o senhor lembre de alguma corrida no mato?
Lembro de bastante delas, né? Muita corrida, porque cada vaqueiro tem um que quer... Às vezes tem uma diferença. Eu nunca tive esse orgulho de querer ser mais do que o outro, né? Mas tinha muito que tinha marcação querendo ser mais do que eu. Agora, só que eu tirei minha mucidade correndo dentro do mato, em alta velocidade, andei bem montado, que o que mais importa do vaqueiro é o cavalo. É o animal que a gente quer mais bem no mundo, é o cavalo. Porque é quem faz a cultura da gente. (emocionado)... É o cavalo. É o vaqueiro e o cavalo. O cavalo é quem faz a cultura da gente. E aí, dentro da minha mucidade, nunca achou o vaqueiro mais duro

que eu para nós corrermos juntos. E onde ele pegava, eu pegava. Se eu corresse na frente e não tivesse corrida, eu ia embora. Porque eu só trabalhei bem montado, porque o cavalo é quem ajuda o vaqueiro.

O senhor se emocionou? O senhor está lembrando de alguma coisa? Algum momento?
Rapaz, a gente tem muita passagem, mas vem que esquece muito. Olha como bem que eu me orgulho. Olha eu montado ali, em dois cavalos. Aquilo do cavalo branco e esse caixa que está encourado aí. Aquilo acolá, eu me orgulhava montado nele.

O outro vaqueiro é seu amigo?
Esse do meio, de roupa branca. Os dois, um do lado do, o outro é eu. Mas pode perguntar que eu...

Eu queria que o senhor contasse algum momento de corrida que o senhor lembra, que foi muito emocionante com o seu cavalo, que o senhor explique mesmo.

Existe muito, porque tem muita carreira que a gente sai para ir para o campo pegar um boi brabo que os outro tem corrido atrás e vai embora, aí a gente vai pra pegar aquela rês, aí a gente pega aquilo, nós que pega o boi brabo que correu atrás, ali é uma cultura pra gente, é muito importante. Esse cavalo branco que eu tô muntado, eu peguei, a terceira carreira que eu dei nele, foi amuntado nele, foi atrás de um boi de dez anos que nunca tinha pisado dentro do curral. E eu achei no maeiro, quando ele se levantou, eu joguei o cavalo nele até quando ele dobrou, eu peguei nos dois chifre dele e mandei o companheiro amarrar. E ele nem se mexeu, porque foi bem botado. E como prova eu tenho o cavalo que eu tô muntado aí, hoje ele já morreu que era velho.

Qual o nome desse cavalo?
Era Campolino.

O senhor conseguiu sozinho, só depois pediu ajuda de outro vaqueiro?
Nós andava três, meu pai e um primo. Tava Galdêncio Leão que sou eu, Raimundo Leão que era meu pai e Miguel Leão que era meu primo. Que nós andava. Era tudo Leão. Quando eu saltei no chifre do boi os outros chegaram e amarraram. Aí tiramo pro curral, distante umas três ou quatro léguas de distância, nós sem comer e beber.

Tem mais alguma história que o senhor queira me contar?

Tem, por que às vezes eu conto uma história também, que como eu disse a gente pegava um touro valente no mato, né. Essa aqui é uma coisa que acontece dum lado e do outro, e a gente junta tudo numa só. Boi valente no mato, aí as vezes a gente viaja a noite toma, e a hora mais aperreada que um vaqueiro passa, porque a noite toma e uma grande chuva, tempestade, aí o touro valente numa moita dobrada, a gente se encosta no tronco de arvoredo, arvoredo é um pau, e ai arrudiado de lacraia batendo ferrão, quatro cascavel tocando chocalho, duas de um lado, duas de outro, e duas onça pintada rosnando pra gente querendo pegar e o touro fazendo partida. E a gente fica sem poder dormir. Ai no tronco do pau vi chegar uma imagem de uma mulher, uma imagem, ai chegou botou minha cabeça no colo dela e eu dormi. Quando foi de manhã ela tinha deixado uma vela no sentido que eu ia. Ai eu fui tava sem saber onde tava, a chuva tava muito grossa, tempestade, quando amanheceu o dia eu tirei a direção que tava aquela vela e toquei o touro. Quando eu cheguei em casa a muié tinha morrido, tive a notícia que ela tinha morrido. Ai fui pro velório na casa dela, na casa do pai dela. Quando cheguei lá, ela antes de morrer tinha deixado uma escrita, ai pediu pra mim ler, que ela tinha feito a partida dela com uma dor no coração, porque não tinha a condição de me ver ao lado de outra pessoa. Que eu guardasse aquilo como lembrança dos tempo que a gente teve junto, mas eu não era casado, era só namorado. Minha primeira esposa é essa aqui e eu num largo por muié nenhuma. Nós só vamo se separar quando Deus tirar.

E foi essa mulher que lhe deu a direção, o caminho?

Foi, foi ela que deu o caminho pra mim.

Então quando vocês iam campear tinha toda essa dificuldade?

Tinha, se anoitecesse no mato, era difícil. Mas aí essas coisas, a gente faz isso, numa direção que acontece, uma de cada vez, porque eu cansei de tá no mato me tropar com onça, me tropar com cobra e dormir no mato com gado na careta, amarrado e a gente dorme pra de manhã poder viajar, que não podia deixar. De noite podia não acertar o local, fora de estrada né. Ai a gente juntou uma coisa com a outra e dá essa história que eu contei pra você aqui.

Sr. Galdêncio, muito obrigada! Vamos tirar uma foto, que eu quero ver o senhor fardado. Porque me emociona muito fazer um trabalho desse. Porque é o meu avô, é a cultura como o

senhor falou. E eu sempre quis entender, por isso eu estou aqui. Foi um prazer conversar com o senhor.

Porque tudo acontece no mato, você tá perdido, não sabe onde tá, dorme e não sabe onde tá, amanhece o dia a gente tira pelo planeta no céu, que é o sol e a lua, o sol se põe pra lá, e a gente sabe onde tá, aonde o sol nasce a gente se dirige. Ai a gente faz a base de qual lado tá a casa da gente. Se da onde amanheceu o dia, se é pra onde o sol nasce ou se é pra onde o sol se põe. Porque não importa, nós tamo aqui no meio da chapada perdido sem saber pra onde é o rumo de casa, como aconteceu comigo e qualquer vaqueiro no campo no tempo que eu andei, se ele dormiu no mato. Se ele disser que não aconteceu é porque ele não andou. Entendeu, essa é a importância, você amanhecer o dia sem saber, dormir sem saber onde é a casa, ai quando o dia amanhece você tem aquele destino, se você tá pra cá e é pra onde o sol nasce, ou se você tá do lado da casa que o sol se põe. Ou a lua tá presente. Que é uma cultura que só sabe quem lutou e quem estima. Porque não é todo vaqueiro que tem essa coragem de dormir no mato sozinho, porque tem muitos, porque tem muita fera em roda da gente, observando, e isso não é todos que tem coragem de dormir no mato não. Agora pra mim foi café pequeno que eu achei, porque toda parada que existiu pra o vaqueiro eu topei com grande capacidade e num temi serra nenhuma, porque tudo que acontecia em volta deu eu resolvia. Que se eu não enfrentava, mas não tinha medo. Eu não tinha medo, eu viajando de noite de pés eu toquei uma onça no caminho, se topemo de testa um com outro, ela foi e correu pra dentro de uma moita e eu me escorei num tronco de pau, num arvoredo, e eu fiquei lá, ela rosnando comigo, balançando o rabo, mexendo nas folhas lá, e eu aqui escorado com minha arma na mão, ali eu tava disposto a tudo. Ai eu não aguentei passar o dia de joelho nesse pau, e ai não aguentei passar a noite lá, tinha que dirigir pra casa. Ai fui, entrei na moita pra topar com ela, e falei quem tá na frente que conte o recado que eu já vou, ai entrei no mato e ela correu, não me enfrentou, correu. Ai eu fui pra casa, ela me acompanhou até perto de chegar em casa, ai os cachorro pressentiu que latiu, ela me largou. Eu vendo a pisada, daqui acolá ela atravessava. Mas com a coragem que eu tinha, que nunca acabou graças a Deus. Ai sempre ela não teve coragem de topar comigo não. Se tem peitado, ai nós lutava, com a coragem dava pra lutar, agora nós não sabia é que ia vencer. Mas aí eu venci, porque eu acompanhei o rastro dela, nos outros dia eu fui atrás de um de um rapaz que tinha armamento de pegar onça, ai ele foi e botou e pegou no armamento dele e eu ainda carreguei ela na lua da cela.

Quando vocês vão campear, além de estar encourado, o que vocês levam de arma pra se proteger?

Não, só a faca da perneira, com ela a gente resolve tudo.

Então pra ser vaqueiro tem que ter coragem?
Tem que ter coragem, o vaqueiro que não tem coragem, que só pode dormir se for em casa, não pode dormir fora de casa, digo que na minha família, os que não tinha coragem a gente tirava a farda. Ele acabava e ia caçar outra profissão. Se não tivesse a coragem nós tirava, botava, experimentava, se não tivesse a coragem que os outro mais velho tinha que já tava na profissão, a gente descartava e ia procurar outra profissão.

Sr. Galdêncio muito obrigada! Vamos tirar nossa foto.
Ai é sempre desse jeito, tenho muita conversa pra dizer, já esqueci. Mas é isso mesmo. Maria Helena quando lhe vi a primeira vez simpatizei da sua presença, e agora veio aqui na minha casa e me encontrou, nós conversemo e se o caderno coubesse nós conversava até amanhã meio-dia.

Anexo E

SILVA, Walteir Sousa da**. Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso (PI), 25 de junho de 2023.

Qual o seu nome e onde você nasceu?
- Meu nome é Walteir, nasci no Sobradinho, próximo a Bela Veneza, interior no munícipio de São Félix do Piauí.

Me conta um pouquinho a sua trajetória de vida e infância.
- Eu é o seguinte, eu nasci no Sobradinho, meu avô era vaqueiro. É chamava Antônio Jacó meu avô. Meu bisavô foi vaqueiro na Serra Negra, no tempo que afundou a Serra Negra, meu bisavô começou sendo vaqueiro lá. Ai meu avô veio para o Guarani, do Guarani veio pro Sobradinho. Ai eu nasci no Sobradinho, sou neto do Antônio Jacó.

Como era sua relação com os seus pais e com seu avô?
- Eu alcancei meu avô não sendo mais vaqueiro, era dono, morava em uma propriedadezinha né. E eu toda vida com a vontade de ser vaqueiro. Não tive oportunidade, até porque meu pai não queria, até que eu dobrei meu pai pra ser vaqueiro. Eu era solteiro, comecei a campear eu

tinha 20 ano de idade. Ai o papai foi ser vaqueiro em uma fazenda e eu tomei de conta da fazenda. Nois moremo 6 ano nessa fazenda lá, ai quando meu pai morreu eu entreguei a fazenda. Eu era solteiro, não tinha como eu ficar na fazenda só. Ai com uns dois ano que eu sai da fazenda eu casei, ai fui ser vaqueiro novamente.

Como era esse interior?

- Lá era o interior onde eu me criei, lá era um interior que não tinha luz, era um interiozinho simples, a gente carregava água era na cabaça, não tinha energia, a água era no pote, batia a roupa era na fonte né, no rio. E ai a mamãe criou oito filho lá. E ai foi o tempo que eu peguei, de andar em fazenda e fazenda, ser vaqueiro. E ai a vida de ser vaqueiro é difícil. A vida de vaqueiro é difícil, a vida de pegar boi.

Por que é difícil?

- É porque é o seguinte, não dá pra todo mundo. Todo mundo quer ser vaqueiro, mas nem todo mundo serve pra ser vaqueiro. É porque é difícil, hoje você acha que é fácil a vida de ser vaqueiro, mas amanhã é difícil. Você sai de casa de noite, passa o dia sem comer, lutando com a lei, é uma responsabilidade muito grande, muito grande a responsabilidade da lei, porque você vai ser o segundo dono. Toda a responsabilidade da fazenda, do serviço, dos animais, de dinheiro da fazenda, que é apurado dentro das fazendas que eu já trabalhei, o vaqueiro é responsável.

Como é essa relação entre o proprietário e o vaqueiro?

- Quando tá dando certo é muito bom né. Quando o patrão tá querendo o vaqueiro e o vaqueiro querendo o patrão é muito bom, muito bom. É, eu fui vaqueiro já de três patrão só, eu sempre labuto, atuo nas fazenda. Me quebrei, é difícil vida de vaqueiro. Quebrei duas perna correndo atrás de boi, quebrei um braço, quebrei um ombro, meus joei saiu do lugar, meus dois joei, aqui oh, aqui é ferro, aqui dói, eu não corro de pé, entendeu. Eu não aguento correr por causa de minhas perna. Tem dia que eu sofro muita dor nas minhas perna, tem dia que eu não trabalho, porque eu não aguento. Mas é bom, você correr atrás de um boi no mato, é um prazer grande, pro vaqueiro é uma ansiedade, ele vai pegar um boi amanhã, hoje a noite ele não dorme de ansiedade de correr no mato, num cavalo bom, é muito bom. Eu já possui muitos cavalo bom, é... eu tenho gosto, eu tenho prazer. Tenho 51 anos de idade, mas eu tenho prazer de campear.

Você campeia vestido no terno de couro?

- É, todo encourado, no terno de couro, das chinela ao chapéu. O cavalo bem arriado, o cavalo bom, o cavalo bom, é bom a gente ser vaqueiro, é bom.

Como é o acordo com os fazendeiros, ainda é a quarta parte?
- É o acordo dos vaqueiros com os fazendeiro é... a gente tira a partia né, de cinco/um, passa cinco bezerro, o vaqueiro tem um, nasce cinco cabrito, o vaqueiro tem um. Aí a gente chama de cinco/um a partia. O patrão paga as diária por fora os serviço da fazenda, de pastagem, de cerca, de tudo ele paga por fora.

Então tem um salário?
- É umas veze chega a dar um salário no mês, mas as veze não chega a dar não. É sofrida, mas a gente gosta né, é bom, pra quem gosta, pra quem não gosta é muito difícil.

Tem que ter muita coragem para ser vaqueiro?
- Muita coragem, tem que ter muita coragem. É, opinião, é porque hoje é bom, amanhã é ruim. Tem que ter coragem pra pegar um boi, pra cuidar dos animais, né. Tem que ter muita coragem.

Qual a diferença do campo de antigamente para hoje em dia?
- É, o campo do tempo que eu comecei a campear, que a gente, eu não me acho tão velho, mas hoje já tá diferente os campo, né. Porque de primeira você soltava o gado no pasto né, aí soltava na costa da fazenda e eles iam pastar longe, aí o vaqueiro saia todo dia, quer dizer uma vez duas por semana, conforme seja, campear aquele gado. Ele trazer faz rebanhar lá por longe e trazer o gado. O patrão queria um boi, aí tinha, tal dia pra o açogo, pra feira, que chamava açogo naquele tempo, matutagem, aí a gente ia buscar, a gente ia correr atrás do boi, ir lá pegar, botar careta, chucai e trazer tocando. Hoje é nos pastos, é nas roça, roça de capim. É hoje tá mais fácil pros vaqueiro. É, tá mais fácil, é carreira praticamente quase não tem mais, é tudo é dentro dos pastos, a maioria dos vaqueiros hoje anda é de moto dentro dos pastos, é só chegar gritar o gado que o gado vem pra os curtisal, olha.

Então, a tecnologia facilitou o trabalho?
- É, avançou, avançou muito. De primeira ninguém dava remédio a gado, muito pouco sal, sal branco, é muito pouco. Mas hoje é tudo no remédio, tem os veterinário pra acompanhar as fazenda. Hoje em dia toda fazenda grande deu de 50 bezerro pra frente tem o veterinário da fazenda, do patrão, pra cuidar dos animais e ajudar o vaqueiro assim, a orientar o vaqueiro.

Como funcionava essa prática de curar antes?

- É, porque antigamente tinha o seguinte, antigamente tinha muito vaqueiro é... que curava o gado, tinha vaqueiro que trazia gado, que curava gado sem botar remédio, tinha as ciência de curar, as ciência de curar o boi, o bezerro, conforme seja. Tava correndo, achava o rastro, curava no rastro, fazia algum tipo de ciência que o vaqueiro sabia né, numa embira, numa pedra, assim como seja, e curava. "Ali, teu boi tá com bicheira, teu bezerro, tua vaca", ai ele dizia: "Não, já curei.". Tinha deles, não todos eles, mas tinha gente que curava no rumo. É, nós tamo em Elesbão, tem um boi teu com bicheira em São Félix, daqui curava, o vaqueiro, tinha vaqueiro que curava.

Qual a importância do vaqueiro para você?

- A importância do vaqueiro, é que o vaqueiro. Ele é assim do que eu entendo. Hoje, eu ainda alcancei um pouco disso que eu tô falando. Hoje, já importância ... é que qualquer pessoa pode ser vaqueiro, nunca foi vaqueiro. De primeira cachorro e vaqueiro era por raça, você queria cachorro bom tinha que procurar a raça, um vaqueiro é filho de fulano, chamava de primeira, chamava raça, não era nem família, era raça "Fulano é de raça de gente duro, serve pra ser vaqueiro.", nunca foi vaqueiro, mas a família dele é de vaqueiro iam atrás dele. Hoje, quem quer ser vaqueiro, vai ser vaqueiro.

Você acha que a cultura do vaqueiro é importante e valorizada?

- É, e era pra ser mais. Mais importante, é valorizado. Hoje tem alguém que nem a senhora que tá se formando, acompanhando, é quer saber um pouco da vaqueirice, é muito importante. Eu me orgulho em ser vaqueiro. Agora já tem gente que critica do vaqueiro né, que acha que é uma besteira, que acha que não ganha, mas ganha, tudo que você tá trabalhando você ganha, você não ganha se você não trabalhar, não ganha não. E nem todo mundo faz uma coisa só, um estuda pra ser médico, outro estuda pra ser engenheiro, outro pra ser advogado, outro pra ser alguma coisa, e aqueles que estuda mesmo só vai pra roça né, vai ser vaqueiro, porque não tem o emprego pra todos. E nem todo mundo que eu saber, vai cem aluno pro colégio, aprende dois, três ou quatro que se forma, não se forma tudo, porque se formasse tudo, aí todo mundo não queria o pesado né.

Você tem alguma religião?

- É religião mermo não, de crentaria, dessas coisa tenho não. Eu sou católico mermo.

Você é devoto de algum santo?

- É a gente se apega muito com os santo, Nossa Senhora Aparecida, quando a gente, mais é quando a gente tá aperriado. Aí a pessoa chama por nome de santo, é de tudo quanto é coisa. Todo dia a gente se apega com Deus, vai pegar um boi, a primeira coisa que a gente pede é a Deus né, que a gente vai e vem em paz né. Aí a gente se apega com os santo, os protetor dos vaqueiro, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio pequenino, Santa Cruz dos Milagres, né, que a gente vai e venha em paz, que a gente pegue aquele boi naquele dia.

Como as vaquejadas e pegas de boi funcionam? O que mudou nelas para você?

- É as vaquejada, elas começaram as vaquejada no tempo que eu entendi a vaquejada lá em São Félix do Piauí que é onde eu moro, lá começou vaquejada muita gente corria né, quem tinha um cavalim corria. Hoje a vaquejada tá mudada, ela mudou muita coisa, hoje a vaquejada é pra doutor, é pra doutor que chama, que tem o anelo, nasceu no berço de ouro, porque tá caro ela, tá dependioso. Hoje pra começar você tem que comprar um cavalo de 50.000 mil pra diante, tem que ter um carro bom, e a conta boa, pra transportar o animal. Aí vaquejada hoje pra pobre não se fala mais. É pega de boi, aqui pra nós é pega de boi no mato e pega de boi no limpo. Que funciona aqui pra nós é pega de boi no mato e pega de boi no limpo, vaquejada pra vaqueiro de patrão num é mais, o que a gente chama assim de fazenda, não é mais o esporte pra vaqueiro não.

Você nasceu na década de 1980?

- Em 1970.

Você viu a vaquejada nesse período de alguma maneira diferente?

- É... não. Sempre quando eu corri minhas vaquejada ela já tinha o mermo ritmo de agora. Agora a vaquejada mudou assim, porque de primeira quando começou as vaquejada lá pra nós quem derribava dois boi já tava no dinheiro, a gente chamava de bater a senha, "Fulano bateu a senha", pronto ele já tá no dinheiro. De cem vaqueiro umas veze dois ou três batia uma senha. A senha que a gente faz, é três boi, botou três boi. Hoje se corre cem vaqueiro oitenta senha é batida. Mudou muito a vaquejada, muito mermo.

Como são as reuniões, as festas dos vaqueiros? Como é a relação com os vaqueiros?

- Os vaqueiro é, os vaqueiro que a gente chama do gibão, da moita né, que a gente chama. É em época de festejo, tem festejo em Elesbão Veloso, Santa Cruz dos Milagres, São Félix do Piauí, Prata, aí hoje, lá de primeira era corrida de pareia, corrida de cavalo que a gente chamava, hoje já não tem mais corrida, é cavalgada, a gente faz cavalgada não tem mais corrida de cavalo, porque tem pouco vaqueiro, a maioria, de primeira era todo mundo encourado no cavalo e colocava os cavalo pra correr empareado, hoje em dia acabou isso aí, hoje é a cavalgada.

A figura do vaqueiro mudou?

- Até a figura do vaqueiro hoje encourado como antigamente no tempo do meu avô que assim eu ainda alcancei um pedacim do tempo, tá pouco, é poucos vaqueiro que campeia com terno de couro, é bem pouco. É hoje é dentro das roça de capim como eu falei, não precisa terno, muitos tem terno, mas muitos lugar não usa terno mais, de couro.

Me conta uma história que marcou você?

- É... eu tenho umas histórias do tempo que eu campiei, é... que eu me quebrei quatro vez, é... isso me marca muito, eu nunca vou esquecer. Quando eu me casei, com um mês e quinze dia eu quebrei uma perna correndo atrás de boi, isso aí tá muito marcado, eu nunca vou esquecer. Eu tinha comprado um cavalo que eu achava quando eu era menino que eu nunca ia comprar um cavalo meu, com meu dinheiro, que eu nunca ia andar num cavalo meu e nem tirava leite de uma vaca minha, que era pobrezinho. Hoje graças a Deus eu num sou mais daquele jeito né, tão pobre graças a Deus né, agradeço a Deus e a essa mulherzinha minha, que nós, quando eu me casei nós num tinha nada. Aí eu tinha um cavalo, fui ser vaqueiro, primeira rês que eu tirei na fazenda, eu comprei um cavalo, um garrote, ganhei um garrote e uma cabra, aí eu comprei um cavalo. Com um mês e quinze dia que eu tinha me casado eu quebrei uma perna, aí vendi o cavalo por meio saco de arroz, e esse meio saco de arroz nunca acabou, só aumentando, só aumentando. Daí pra cá eu já possui muito animal bom, é assim né, bom pra meu uso né, de campo. Hoje eu tenho minha propriedade, tenho minha casa, tenho meus animais, gado, cavalo né, pouco mais tenho, num sabia nem o que era banco, mais tenho uma poupançazinha pequena no banco, mais tenho, tem dias que não tem dinheiro, mais tem, e tamo rico de saúde.

Você acredita que seria importante ter algum tipo de associação dos vaqueiros na cidade?

- Era... se alguém, os grandes que a gente chama, os fazendeiro, ou... um apoio pros vaqueiro, que nós não temos, por aqui por nossa pequena região que eu ando nós não temo apoio de vaqueiro, não temos associação, nós não temos associação, nós não temos um incentivo de uma

pessoa que tem as condições né, pra incentivar os vaqueiros, pra levar, pra representar, é aqui nós não temos. De prefeito, de deputado, de algumas pessoa grande, de fazendeiro, nós não temos apoio. A gente faz por força bruta.

Você já competiu em alguma pega de boi no mato e ganhou?
- Já, nós ontem mermo ganhemo quatro vaga de pega de boi no mato. Ganhamo um garrote, um carneiro, R$800 reais e outra vagazinha pequena mais lá na frente que eu não vou dizer o valor. Ano passado, no verão nós ganhamo R$25.000 mil em pega de boi no limpo e no mato.

O seu grupo de vaqueiros?
- O grupo, o grupo nosso de vaqueiro, nós somo 11 pessoa no grupo.

Vocês correm em grupo?
- Nois corremo em grupo, 11 pessoa que paga, mais nós temo mais gente que apoia a gente, assim só de acompanhar, que acompanha nós, os amigo. Mais nós somo um grupo de 11 pessoa. Tem de oito a dez ano que nós temo esse grupo. Nunca espalhou, tá todo mundo junto.´

Então é um companheirismo muito grande que existe entre vocês?
- É! Eu sai de casa ontem e ainda hoje tô no batido, porque a gente fica feliz em ter ganhado, já matemo dois carneiro, chamando as pessoas, os amigo pra vir acompanhar. Porque a gente tá ficando velho e quer mostrar pros novo pra vê se alguém acompanha né, a cultura do vaqueiro pra não acabar.

Você tem filhos? Ele gosta da cultura dos vaqueiros?
- Tenho, tenho um filho. Ele gosta, ele gosta. Ele sabe correr de vaquejada, sabe correr no mato.

Quantos anos ele tem?
- Ele tem vinte anos.

Então já novo ele começou, na mesma idade que o senhor?
- Na mesma idade que eu comecei. Quer dizer já começou mais novo, porque quando ele nasceu já possuía as coisa, foi diferente deu. Porque lá em casa nós era oito irmão, quando nós saia de casa o outro ficava pra levar a chinela do outro, porque não tinha chinelo pra todo mundo. Mas

hoje eu não tenho cerimônia de dizer não, nunca passemo fome, mas necessidade tinha muito, tinha muita mesmo. Mas hoje tamo muito diferente do que nós era.

Então ainda tem uma admiração do seu filho, das crianças pela cultura do vaqueiro?
- É pra saber que a cultura do vaqueiro é difícil, é dependiosa, trabaiosa, mais... a pessoa só tem as coisa com dificulidade. É bem facim, ninguém se acha nada. Se você tiver passando e ver um dinheiro na calçada, deixe lá, porque tá facim de apanhar, deixe lá, não é seu.

Mas ainda hoje é admirado por você e pelos outros vaqueiros a profissão?
- É hoje eu não gosto muito de contar o que eu já fiz, eu acho, não sei se ainda faço, venho fazendo, mas eu não sei daqui a quantos ano, daqui a dois ano, se eu ainda faço, pegar um boi na mata braba. Eu fui um dos vaqueiro, se hoje eu disser muita gente hoje dos pessoal novo diz que eu tô mentindo, não gosto de contar. Você zela um cavalo, um mês, dois meses, é... e se apegar com Deus bem cedim, duas hora da manhã a gente sai de casa pra botar um cavalo encima de um boi em riba de uma serra pra baixo no amanhecer do dia. E eu já fiz isso com distância de dois, três quilômetro, o pessoal assunta a zuada, né, do cavalo correndo dentro do mato. É pro vaqueiro é uma emoção muito grande né... as vezes a gente conta, o caba diz "Fulano tá mentindo, isso aí nunca fez, nunca aconteceu.". Mas aconteceu muitas veze. Agora, a gente tem um parceiro de confiança que vai com a gente. Eu tinha um cunhado que era o meu parceiro, se nós ia, ia e trazia, nós num fumo pra não trazer, e conseguia, porque eu confiava nele e em mim. Hoje pra fazer esse tipo de coisa que eu já fiz, eu não tenho parceiro certo, porque meus parceiro tudo abandonaram a profissão de vaqueiro, assim de correr no mato. Assim, as pessoa de minha idade tudo já abandonaram eu é que nunca deixei.

Essas pessoas que abandonaram ficam como hoje?
- Ah eles fica só com a saudade, diz que a vista tá ruim, não tá bem de saúde, num guenta mais. Aí eu digo "Rapaz enquanto eu me mexer, eu num vou deixar não". Eu vou continuar. Minha vista tá querendo ficar ruim, mais é o seguinte uma hora que não der pra eu enxergar direito o cavalo leva. Eu vou, não vou deixar não. Eu quero ficar veim, e quando eu tiver veim, se eu tiver a sorte de ficar véi, já disse pra minha muié, vou ficar andando de bastão, mais todo dia meu cavalim eu vou andar puxando ele, pra onde eu for, se eu não muntar vou andar puxando ele no cabresto.

Qual o apelido do seu cavalo?

- Um cavalo que hoje eu gosto muito dele, até vendi pra um colega meu, se chama Negão.

Você tem algum apelido de profissão?
- Eu não, só de vaqueiro mermo... Eu tenho outro cavalo que eu tô ensinando.

O senhor tem alguma história que lhe marcou, que o senhor ainda queira contar?
- É... não... é só que assim, a gente é... foi uma pessoa que nos tempo da gente, eu fui falado de correr atrás de um gado, pra ir pegar eu fui respeitado, né... Eu fui um homem, e sou um homem ainda que onde tinha um boi difícil eu corria atrás, eu ia. E muito vaqueiro critica a gente, alguns não todo, mais alguns diziam "Se ele for, ele traz".

Então o senhor tinha a fama?
- Tinha a fama. É, eu ainda quero manter ainda. E eu tô nessa idade e eu tenho prazer que eu nunca pensei de disputar com o pessoal que é os mais duro do Brasil, que é os sergipano, e nós numa festa ali tá com uns quinze dia, disputemo e fomo até o final da festa. E aí então é o seguinte, eu fiquei muito feliz né. Festa do Raimundo Filho ali, fez uma festa boa pra nós aqui, que nós nunca tinha feito, nunca tinha visto aquele tipo de festa, um torneio. E eu tô feliz demais de ter participado do torneio dele e ganhei prêmio na festa dele.

Qual foi o seu prêmio?
- É nós fiquemo em terceiro e segundo lugar. Andemo com a chave da moto na mão, mais perdemo. O bolso tava furado e caiu.

Então isso lhe emociona muito?
- Emociona, emociona muito a gente. Eu vou morrer, se eu morrer em meu sentido eu não vou esquecer disso, desse torneio que nós participemo. Nós corremo com sergipano, alagoano, com gente de três estado nós corremo. E eu gostei muito dessa festa, muito, me marca muito, eu não vou esquecer.

Muito obrigada pela entrevista, pelas histórias, é sempre bom escutar.
- É história de vaqueiro, é nunca acaba né, que ela é longa, é vaqueiro as vezes vai contar uma história o caba diz "Rapaz fulano tá mentindo". É pra quem nunca lutou, pra quem nunca foi no campo, nunca viu, acha difícil de um caba selar um burro brabo, um cavalo, e montar e saltar

até rinchar e o caba dizer “Fulano é duro, segurou. Fulano pegou um boi, o tá no barreiro aculá.”, chama barreiro quando tá acuado né. Ai o caba vai lá pega a faca, fura ele e mata.

Tem que ter muita força e coragem?

- Tem que ter muita força e coragem, cavalo bom. E aí é o seguinte, é por aí, a vida de vaqueiro é difícil, mais é boa.

Muito obrigada, foi um prazer!

- De nada!